

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

ALINE CERONI LIED

GHOST TOUR: os fantasmas como elo entre museus e público

Porto Alegre

2021

ALINE CERONI LIED

GHOST TOUR: os fantasmas como elo entre museus e público

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora:

Prof^a. Dra. Ana Carolina Gelmini de Faria

Porto Alegre

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor Carlos André Bulhões

Vice-Reitora Patricia Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora Ana Maria Moura

Vice-Diretora Vera Regina Schmitz

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefia Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Chefia Substituta Samile Andréa de Souza Vanz

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenadora Jeniffer Alves Cuty

Coordenador Substituto Eráclito Pereira

Lied, Aline Ceroni
GHOST TOUR: os fantasmas como elo entre museus e público / Aline Ceroni Lied. -- 2021.
99 f.
Orientadora: Ana Carolina Gelmini de Faria.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Museus. 2. Fantasmas. 3. Turismo macabro. 4. Ghosts Tours. I. Faria, Ana Carolina Gelmini de, orient. II. Título.

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705

Bairro Santana

Porto Alegre - RS

Telefone (51) 33085067

E-mail: fabico@ufrgs.br

ALINE CERONI LIED

GHOST TOUR: os fantasmas como elo entre museus e público

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora:

Prof^a. Dra. Ana Carolina Gelmini de Faria

Aprovado em de de 2021.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Ana Carolina Gelmini de Faria (Orientadora) - UFRGS

Prof^a. Dra. Márcia Bertotto - UFRGS

Prof^a. Me. Marlise Giovanaz - UFRGS

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que já partiram, mas ainda vivem em nossas memórias. São eles os fantasmas que ecoam pelas sombras, fazendo assim, o passado coabitar no presente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que colaboraram direta e indiretamente o desenvolvimento deste trabalho.

A começar pela minha orientadora, Ana Carolina Gelmini de Faria, por ter me dado a honra de me orientar (mais de uma vez). Eu não tenho nem palavras para agradecer todo o incentivo que ela tem me dado ao longo do curso e para mim, ver o crescimento dela como professora foi uma inspiração de vida.

Às duas professoras que integram a banca, Marlise Giovanaz e Márcia Bertotto, por terem aceitado o convite de avaliar este trabalho. Infelizmente só tive a oportunidade de fazer uma cadeira com cada uma, mas ambas me marcaram muito pelas ótimas profissionais que são.

À professora Ana Maria Dalla Zen e ao professor Valdir Morigi por terem me auxiliado tantas vezes, obrigada pela paciência e disposição.

À Gabriela Schwingel por tão carinhosamente ter me auxiliado na tradução do resumo deste trabalho para o inglês.

Aos meus amigos, Michelle Schwingel, Lorenzo Lopes e Helena Harthmann por estarem continuamente me ouvindo, amparando e me dando estímulo quando eu mais preciso. E a minha amiga Ana Cristina Gomes por despertar em mim o interesse em histórias de fantasmas.

A toda minha família, especialmente minha tia Cibele e minhas avós Lia e Dea por sempre terem contribuído pelo meu bem estar e se preocupado comigo, sendo que a última veio a falecer este ano e constantemente me perguntava como estava a elaboração do meu TCC. Ao meu irmão, Gabriel por me socorrer várias vezes quando eu estava em apuros. E por último e não menos importante, aos meus pais, Cesar e Cínia, por todo o amor e carinho e eternamente acreditarem em mim e no meu potencial, me ajudando a melhorar e me tornar quem eu sou.

NENHUM ORGANISMO vivo pode existir com sanidade por longo tempo em condições de realidade absoluta; até as cotovias e os gafanhotos, pelo que alguns dizem, sonham. A Casa da Colina nada sã, erguia-se solitária em frente de suas colinas, agasalhando a escuridão em suas entranhas; existia há oitenta anos e provavelmente existiria por mais outros oitenta. Por dentro, as paredes continuavam eretas, os tijolos aderiam precisamente a seus vizinhos, os soalhos eram firmes e as portas se mantinham sensatamente fechadas; o silêncio cobria solidamente a madeira e a pedra da Casa da Colina, e o que por lá andasse, andava sozinho.

SHIRLEY JACKSON, THE HAUNTING OF HILL HOUSE, 1959

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso parte da premissa de que os museus, por muitas vezes estarem localizados em prédios históricos e possuírem acervos de outrora, se tornam palco de diversos mitos e histórias de fantasmas. Indica que as *Ghost Tours*, circuitos noturnos guiados e focados no sobrenatural, já consolidadas no turismo do exterior, podem ter um papel significativo para a relação dos museus com parte de seu público. Relata que, segundo as crenças, as almas penadas precisam de muita energia para se materializar e por isso, segundo Lamas e Giménez-Cassina (2012), o museu pode ser um cenário propício para tais manifestações, devido ao fluxo diário de pessoas, que acredita-se emanar muita energia, além do apego dos espíritos pelo acervo e pelo prédio. Traz uma diversidade de relatos de avistamentos de fantasmas em museus no Brasil, mostrando que há um grande potencial para realização das *Ghost Tours* nas instituições do país. Aborda que mesmo assim, a maioria dos museus brasileiros e estrangeiros evita mencionar tais histórias por causa da sua natureza empírica. Ao realizar uma análise bibliográfica e documental, esclarece que muitas pessoas acham emocionante a experiência de se assustar em ambientes controlados, pois quando ficamos com medo entramos em um estado de alerta onde todo nosso foco vai para o presente e esta sensação em situações não ameaçadoras pode ser fascinante. Exemplifica que na literatura é cada vez mais comum contos fictícios sobre museus mal assombrados e esta parece ser uma tendência mundial que os museus brasileiros podem se apropriar para se livrar do estereótipo de local enfadonho por parte do público. Explica, fundamentado em Alvey (2017), que as *Ghost Tours* são ferramentas do turismo fantasma, que por sua vez é uma subseção do turismo macabro, que baseado nos trabalhos de Prezzi (2009) e Ribeiro (2013) pode ser utilizado como forma de conscientização do passado. Aponta que as *Ghost Tours* já são realizadas em algumas instituições museológicas dos Estados Unidos e suas motivações. Apresenta os cuidados que devem ser tomados e riscos que devem ser evitados ao realizar *Ghost Tours*. Conclui que os museus brasileiros têm capacidade para realizar tais atividades e elas podem ser positivas para aumentar a demanda de público, como já acontece no exterior.

PALAVRAS-CHAVE

Museus. Fantasmas. Turismo macabro. *Ghost Tours*.

ABSTRACT

This thesis works on the premise that museums, often located in historic buildings and displaying relics from the past, become the stage for several myths and ghost stories. It indicates that Ghost Tours, guided night circuits focused on the supernatural, already consolidated in foreign tourism, can play a significant role in the relationship between public and institutions. It reports that, according to beliefs, spirits need a lot of energy to materialize and, that is why, according to Lamas and Giménez-Cassina (2012), a museum can be the perfect space for such manifestations, due to the large flow of people, which is believed to emanate a lot of energy, in addition to the attachment of ghosts to the collection of objects and the building itself. It brings a diversity of reports of ghost sightings in museums in Brazil, showing that there is a great potential for the realization of Ghost Tours in the institutions of the country. It addresses that even so, the great majority of Brazilian and foreign museums avoid mentioning such stories because of their empiric nature. The bibliographic and documentary analysis clarifies that many people find the experience of being scared in controlled environments exciting because when we get scared we enter a state of alert where all our focus goes to the present and this feeling in non-threatening situations can be fascinating. It exemplifies that in literature, fictional tales about haunted museums are increasing and this seems to be a worldwide trend that Brazilian museums can appropriate to get rid of the stereotype of a boring place on the part of the public. Explains, based on Alvey (2017), that Ghost Tours are tools of ghost tourism, which is a subsection of dark tourism, which based on the work of Prezzi (2009) and Ribeiro (2013) can be used as a way of awareness about the past. It points out that Ghost Tours already happen in some institutions in the United States and their motivations for it. It presents the precautions that must be taken and risks that must be avoided when museums make Ghost Tours. It concludes that Brazilian museums have the capacity to carry out such activities, and they can be positive in increasing the public demand, as is already the case in other countries.

KEYWORDS

Museums. Ghosts. Dark Tourism. Ghost Tours.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Cartazes da franquia “Uma Noite no Museu”	p.20
Figura 2	Registros de eventos de “Uma Noite nos Museus” em diferentes instituições museais	p.21
Figura 3	Ação educativa “De Pijama no Museu”, do Museu Nacional	p.22
Figura 4	Museus apresentam obras de arte “com sono” para incentivar visita noturna	p.23
Figura 5	Cartazes do universo da franquia do filme “Invocação do Mal”	p.24
Figura 6	Pessoas viajam de todo o país dos EUA para visitar o Museu Oculto do Casal Warren	p.25
Figura 7	Sala “Livrai-nos do Mal’	p.29
Figura 8	Matéria de 1956 sobre um fantasma “barulhento” no Museu Histórico Nacional do RJ	p.33
Figura 9	Recortes da Matéria “Fantasma Barulhento Assombra os Guardas do Museu Histórico” do “Jornal Tribuna de Imprensa” de 1956	p.33
Figura 10	Matéria do Jornal “A Noite” de 1957 sobre fantasmas no Palácio Itamaraty	p.36
Figura 11	“Programa Mistério” com efeito especial apresentando a história da Dama de Branco no Museu Imperial (1998)	p.38
Figura 12	Marquesa de Santos e Tobias Aguiar	p.39
Figura 13	Prováveis fantasmas da Marquesa de Santos e de Tobias de Aguiar captados em fotografia	p.40
Figura 14	Montagem em alusão à mãe de Hercílio Luz, Joaquina, considerada o vulto que habitaria o Palácio Cruz e Sousa	p.41
Figura 15	A funcionária Veronice Nogueira e a porta que se abre sozinha	p.42
Figura 16	Mosaico de alguns vídeos de Investigações Paranormais em Museus	p.45
Figura 17	Porões do Solar Gomes Leitão, segundo a lenda, o comerciante escondia escravizados	p.46
Figura 18	Personagens ficam maravilhados ao verem uma assombração	p.48
Figura 19	Mosaico de Livros sobre Museus Assombrados e Mistérios em Museus	p.54
Figura 20	Peça de Teatro “ <i>Le Fantôme du Musée</i> ” (O Fantasma do Museu)	p.55
Figura 21	Interesse no Hotel Cecil aumenta após morte misteriosa	p.61

Figura 22	Roteiro Turístico “Caça-fantasmas” de 1994 no Rio	p.63
Figura 23	Roteiro Turístico “Porto Alegre Mal-Assombrada”	p.64
Figura 24	Recurso expográfico em espelho no “Núcleo Maria Degolada”	p.65
Figura 25	Exposição “Mistérios da Ilha da Pintada”	p.65
Figura 26	<i>Ghost Tours</i> no <i>Woodruff-Fontaine House Museum</i>	p.67
Figura 27	Anúncio das “ <i>Spectral Distancing</i> ” <i>Ghost Tours</i> nos <i>Wornall/ Majors House Museums</i> de Outubro/2020	p.71
Figura 28	Guias do <i>Whaley House Museum</i> com roupas de época	p.73
Figura 29	Cenas do filme “ <i>Haunting Of Whaley House</i> ” (2012)	p.74
Figura 30	Cenas do vídeo “ <i>My Ghost Story. Caught on Camera from GaslampQuarter</i> ”	p.74
Figura 31	<i>Ghost Tour</i> em Nova Orleans no Youtube	p.75
Figura 32	Provável aparição e procura por identidade do fantasma no <i>Whaley House Museum</i>	p.84

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 PARA ALÉM DE UMA NOITE NO MUSEU: os fantasmas em exposição.....	19
3 OS FANTASMAS SE DIVERTEM NAS <i>GHOST TOURS</i> DOS MUSEUS.....	48
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
REFERÊNCIAS	92

1 INTRODUÇÃO

Os transeuntes apressados pelos seus compromissos cotidianos passam ligeiramente pelas antigas ruas das cidades sem imaginar quantas figuras e episódios históricos ocorreram nos locais onde eles frequentam. Alguns prédios preservados parecem trazer consigo um pouco destas lembranças. Os museus, geralmente localizados em algumas dessas edificações e casarões tombados de personagens históricos, resguardam acervos que retratam épocas, costumes e figuras antepassadas nas regiões em que estão inseridos. Por grande parte dos museus expõem artefatos de outrora e, muitas vezes, estarem instalados em edificações antigas, muitas histórias de cunho fantástico envolvem os museus, mexendo com o imaginário de seu público. Os prédios por si só já possuem uma história e, somando-se ao fato de que apresentam objetos muitas vezes envoltos em lendas e mitos, propiciam um ambiente bastante atraente ao público, que gosta de conhecer cada detalhe pitoresco que possa enriquecer a experiência na visita. Estes detalhes parecem conversar com o imaginário dos visitantes, que muitas vezes relatam vivenciar ou pressentir presenças sobrenaturais relacionadas com o prédio ou seu acervo ali exposto.

Lembro-me de visitar o Museu Julio de Castilhos pela primeira vez ainda na minha infância junto da turma da escola. Este Museu, localizado em uma região histórica do centro de Porto Alegre, instala-se em uma edificação antiga onde o famoso político viveu os últimos anos de sua vida. Durante a visita admirei perplexa por mais tempo as grandes “botas do gigante”¹ lá expostas, me afastando da minha turma. Foi neste momento, ao ver a sala vazia a minha volta, que percebi que não estava sozinha. Um homem no canto da sala me olhava de relance e, ao me virar, simplesmente desapareceu do ambiente. Senti um calafrio no corpo e logo me juntei à minha turma. No decorrer da visita me dei conta que se tratava do guarda do Museu.

Porém, andar nos cômodos onde viveu a família do Julio de Castilhos e contemplar imagens desse homem nas paredes provoca um imaginário do que

¹ As “botas do gigante” são um antigo par de botas pertencente ao acervo do Museu Júlio de Castilhos e foi usada por um homem com gigantismo que viveu entre 1892 e 1925, chamado Francisco Ângelo Guerreiro. Ver mais em “Onde o gigante perdeu as botas: memórias em confronto no interior de um museu histórico” de Letícia Borges Nedel. Para mais informações, disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=224>. Acesso em: 4 fev. 2021

acontecendo naquela casa, e do que ficou para além do que podemos ver. Entrar em seu quarto é o ápice dessa sensação, é compartilhar parte da vida privada de outra pessoa. O sentimento ganha tons mais dramáticos quando somos informados de que Julio de Castilhos morreu em sua cama após uma cirurgia, assim como sua esposa alguns anos depois veio a falecer na casa ao cometer suicídio em uma das suas dependências. Achar que o guarda é um ser do além passa a ser justificado quando cada passo ressoa alto em um piso de madeira antigo, os objetos têm um “quê” de excêntrico e a imaginação rola solta pelos eventos mórbidos narrados.

Esta vivência me marcou, porém por muitos anos eu lembrava deste Museu apenas como o “museu das botas do gigante” e ao visitá-lo novamente, muitos anos mais tarde, quando já adulta, o reconheci como aquele em que fui na minha infância e quase vi um fantasma. Em uma conversa com minha orientadora escutei a experiência que ela teve ao fazer uma visita nesse mesmo Museu e se deparar com o êxtase de uma turma infanto-juvenil, no mesmo quarto do Júlio de Castilhos que décadas atrás visitei, ao conversarem que a cama estava com o travesseiro e os lençóis um pouco amassados porque o espírito do anfitrião da casa costuma repousar, ali, à noite. Comecei a me questionar o quanto somos influenciados por estes ambientes e se realmente pressentimos e vivenciamos suas indesejadas aparições, tão relatadas como episódios reais pelo corpo funcional dos museus. Foi quando resolvi realizar este trabalho.

Sabemos que os objetos são retirados de suas funções ou dos seus contextos originais e cotidianos e expostos nos museus. Se cria, assim, uma outra relação com os mesmos. O visitante, então, entra em contato com o passado através dos objetos, o que resulta em certo fascínio. A proximidade com outros tempos e outras histórias impacta os visitantes, por diversas razões. Entre elas, o contato com personagens de outrora, por exemplo, faz as pessoas sentirem proximidade e semelhança com o tempo em que vivem. Ou pode gerar a reação oposta e causar estranhamento e surpresa ao perceber o quanto o mundo mudou. Independente da reação, o museu comove e faz pensar, seja qual for a sua temática. Como fantasmas as lembranças de outros tempos evocadas pelos acervos ecoam pelos corredores dessas instituições, se recusando a serem apagadas pelo tempo.

Aproveitando este viés fantasmagórico que envolve os museus, instituições têm elaborado um *tour* de temática específica para atrair um público alvo, aquele que busca mais emoção em suas vivências culturais. Chamadas de “*Ghost Tours*”,

ou, em tradução livre, "Excursões Fantasma", essas expedições utilizam o espaço dos museus para realizar uma espécie de circuito noturno onde se narram as histórias das instituições explorando vivências sobrenaturais, mitos e fatos assombrosos presentes no local.

Tendo por objeto de estudo os *Ghost Tours*, a pesquisa tem por problematização central: O que são os *Ghost Tours*? Como ocorrem estes circuitos tematizados? Como os museus são inseridos em suas narrativas?

Assim, o objetivo geral da pesquisa é investigar as estratégias de visitação a museus e espaços históricos tendo por temática norteadora histórias fantásticas e fantasmagóricas. E, como objetivos específicos, citam-se:

- Analisar indícios da presença das histórias fantásticas e assombrações na história dos museus;
- Interpretar como os museus são referidos a partir desse imaginário popular;
- Caracterizar as *Ghost Tours* e sua realização em nível mundial, compreendendo formato, roteiros, narrativas e funcionamento.
- Apontar os cuidados a serem tomados e os riscos que devem ser evitados ao utilizar as *Ghost Tours* como atividade.

Há cerca de duzentos anos atrás, Porto Alegre, a cidade onde cresci, se expandia a partir da área hoje chamada de Centro Histórico. Seu entorno, onde atualmente se encontram outros bairros, por muito tempo foi basicamente formado por fazendas. A minha rua, localizada a cerca de cinco quilômetros do bairro histórico, não era diferente segundo conta minha mãe. Logo que nos mudamos passamos por uma antiga casa aparentemente abandonada e ela me disse que aquela residência costumava pertencer ao dono da desvanecida fazenda. Isto ficou na minha memória.

Alguns anos depois, quando eu tinha doze anos de idade para ser mais precisa, contei aquela curiosidade a uma amiga que nem morava naquela rua. Porém, isto não a impediu de ficar fascinada pela casa. Ela sentiu aquele mesmo fascínio que sentimos ao entrarmos em um museu e tomamos contato com objetos antigos, como se através deles pudéssemos viajar no tempo.

De frente para a casa fica o Hospital Militar, que conta com um vasto terreno murado com jardins, bancos e até mesmo uma pequena quadra de futebol, que

inclusive era utilizada pela nossa escola quando esta ficava em obras. Às vezes inventávamos uma desculpa qualquer para adentrar a área e sentávamos na grama de frente para a dita casa, a admirando por horas enquanto conversávamos. Em uma tarde um senhor que passava por dentro do terreno do hospital se juntou a nós, admirado pela beleza da casa, nos contando um pouco sobre ela, a quem havia pertencido e a quanto tempo estava abandonada. E tão inesperado como surgiu, assim ele saiu. O vimos dobrar uma pequena edificação do hospital que havia sido um refeitório e na época estava desativado. Assim que ele a dobrou lembramos de uma dúvida que queríamos tirar com este senhor e fomos atrás dele. Porém, nunca o encontramos. Percorremos todo o terreno do hospital, sendo até seguidas e convidadas pelos militares a nos retirarmos do local.

Então minha amiga teve a brilhante ideia: precisamos entrar naquela casa. O ser humano muitas vezes se sente atraído pela sensação de perigo, uma espécie de fetiche, vivenciado principalmente pelos jovens. Assim, muitas vezes as pessoas buscam pelo calafrio na espinha, um frio na barriga e outras sensações similares vendo filmes de terror, indo em montanhas russas ou no nosso caso tomando atitudes irresponsáveis como invadir casas abandonadas. De alguma forma juntamos outros colegas e assim o fizemos, por sorte não encontrando nada mais que uma casa vazia e empoeirada que precisava urgentemente de uma reforma. É interessante observar que ao entrarmos na casa ouvimos o eco de uma obra que ocorria em um prédio próximo e influenciados pelo ambiente, acreditamos por alguns segundos se tratarem de espíritos, da mesma forma como havia ocorrido com o guarda do museu alguns anos antes.

Ao contar essa história para minha orientadora ela recordou de um episódio que sua mãe sempre rememorava: uma casa abandonada, conhecida popularmente como Casa da Lili. Edificação localizada no centro histórico do Rio de Janeiro, provavelmente do período imperial, percorria entre os moradores do bairro que a dona do local, recém-casada, faleceu ao cair da escada do casarão ainda vestida de noiva. A edificação histórica passou por muitos usos, tornando-se na sua juventude abandonada. E sua narrativa parecia reproduzir um roteiro igual da minha experiência: casa abandonada, história local, fantasmas. Sua mãe visitou o espaço com amigos e um cachorro, o que os salvou, pois parte do piso do segundo andar já tinha cedido e a escuridão não permitia enxergar. Não encontraram a noiva, mas

tomaram um susto. O casario foi demolido. Dizem que acidentes são costumeiros no prédio construído no terreno.

Muitos detalhes separam uma história da outra: temporalidade, geografia, personagens. Mas, ao aproximar os relatos, observa-se que há uma tentação humana em flertar com o invisível. Referências materiais contribuem para possíveis manifestações e essa ideia atravessa gerações. É esta busca pela aventura que fundamenta os roteiros de *Ghost Tours*, excursões que exploram ambientes históricos sobre um viés fantasmagórico e assustador. É essa curiosidade presente em mim, na mãe da minha orientadora e provavelmente em você leitor(a), somada a roteiros especializados que possuem museus e patrimônios históricos como referências sobrenaturais, que justificam a realização deste trabalho.

Este trabalho buscou como fundamentação teórica a definição de mal assombro baseado em Pires (2009) e suas relações com museus segundo Lamas & Giménez-Cassina (2012). A partir de Bauman (2008), King (1981) e Riboli (2015) foi apontada a noção do medo, sua relação com o desconhecido e a atração por histórias de fantasmas. Também foi tratado o conceito e exemplos de *Ghost Tour* e turismo fantasma em instituições museológicas através de Alvey (2017), e a definição de “*dark tourism*” ou turismo macabro a partir de Prezzi (2009) e Ribeiro (2013).

Em relação ao processo metodológico, a pesquisa se caracteriza como exploratória e descritiva, valendo-se de análise documental com enfoque em um estudo de caso. Para a análise dos dados foi utilizada a abordagem qualitativa, favorecendo a investigação de narrativas que se referem às histórias e casos de assombrações dos museus em reportagens, gravações, comentários, depoimentos divulgados nas bases de dados online. A ênfase nos *Ghost Tours* permite correlacionar a dinâmica entre imaginário popular e as narrativas produzidas na visita - voltadas para museus e patrimônios históricos.

A estrutura deste trabalho está organizada em quatro seções. A primeira apresenta a introdução do tema, seguido de problema da pesquisa, os objetivos, a justificativa, a metodologia utilizada, assim como, os capítulos que seguirão a escrita do trabalho. A segunda seção, intitulada “Para além de uma noite no Museu: os fantasmas em exposição” investiga a imagem do museu como instituição que consta no imaginário popular a partir das histórias fantasmagóricas. Foca relatos, muitos associados à sedes históricas, às tentativas de comprovação do sobrenatural. Na

terceira seção, denominada “Os Fantasmas se divertem nas *Ghost Tours* dos museus”, trata sobre as expedições fantasmas presentes pelo mundo e que impacto isto pode trazer para o campo dos museus e do patrimônio cultural. A última seção realiza um balanço da pesquisa. Composta pelas considerações finais, reflete os desdobramentos dos *Ghost Tours* e se esses roteiros dialogam com o campo de estudo, apresentando potenciais debates para uma continuidade do trabalho.

Os antigos casarões que abrigam os museus conservam ecos do passado que se recusam a desaparecer. Diversas memórias ficaram gravadas em seus corredores, marcando uma presença nem sempre da maneira convencional proposta pelas instituições. Influenciados ou não pelo ambiente, muitos funcionários e visitantes de diversas instituições museológicas espalhadas pelo mundo afirmam terem vivenciado eventos sobrenaturais. Tais relatos afloram no imaginário: seriam os museus mal assombrados? Este e outros mistérios seduzem uma parcela do público que se atrai pelo não visível e busca muito mais do que uma experiência cultural. Nas próximas páginas lhe convido a compreender as motivações dos *Ghost Tours*, suas estratégias de visitação e seus efeitos.

2 PARA ALÉM DE UMA NOITE NO MUSEU: os fantasmas em exposição

Se até as moedas possuem dois lados (e três dimensões) porque seria diferente com o imaginário de fantasia que envolve os museus? Na própria mídia cinematográfica podemos observar dois lados da mesma moeda em exemplos de sucesso que me chamam a atenção (entre diversos outros que poderiam ser apontados neste trabalho): a franquia de filmes de “Uma Noite no Museu” (2006) e “Invocação do Mal” (2013). Ambas são franquias de forte bilheteria e marcaram a representação dos museus no imaginário do público.

A indústria cinematográfica, uma importante ferramenta da mídia, nos apresenta histórias de maneira envolvente. Somos dominados de forma inconsciente pelas ideias que nos são transmitidas e muitas vezes influenciados, ainda que indiretamente. Esta manipulação pode induzir a relação do público com as coisas retratadas. Com o museu não é diferente, são muitos os estereótipos formulados a respeito desta instituição, e a indústria fílmica possui um relevante papel neste processo. Segundo Rocho (2007), a etimologia da palavra estereótipo vem do grego *stereos* (sólido) e *typos* (modelo), que significam os moldes sólidos de impressão em série. Assim é o estereótipo, uma imagem pronta que é construída socialmente acerca de uma determinada coisa. O modo como são repassados os estereótipos em nosso inconsciente através dos filmes podem suggestionar a imagem do museu como um todo. Esta imagem pode interferir diretamente na relação do público com essas instituições:

No cinema alguns de nossos sentidos estão em estado de suspensão. Entramos em um túnel que irá desligar-nos de nossas relações imediatas com o mundo que nos cerca. Quando lá estamos, estamos fora do tempo e do espaço. Estamos em um lugar para entrar em imersão em algo que é absolutamente diferente do mundo do qual saímos e no qual vivemos. (MENEZES, 1996, p.86)

Na primeira franquia de filmes, “Uma Noite no Museu” (2006), nos deparamos com uma visão do museu como um universo de magia, onde os objetos toda noite criam vida e interagem uns com os outros e com o guarda noturno (figura 1). Mesmo tudo isso sendo causado por uma espécie de maldição da múmia do setor egípcio do Museu de História Natural de Nova Iorque, a franquia mantém seu visual alegre, mágico e envolvente, que atrai o público à instituição museológica. Segundo o site

Box Office Mojo (s.a.), só o primeiro filme da franquia faturou US\$ 250,9 milhões nos Estados Unidos e Canadá e US\$ 323,6 milhões em outros territórios, totalizando um total mundial de US\$ 574,5 milhões.

Figura 1 - Cartazes da franquia “Uma Noite no Museu”



Fonte: Adorocinema.com, s.a.

De fato, o filme fez tanto sucesso que inspirou diversos museus pelo mundo a realizarem eventos noturnos. Os visitantes que passaram uma noite no museu puderam explorá-lo sem a agitada movimentação do dia, com atrações exclusivas e muita lanterna (figura 2).

Dormir é para os fracos - principalmente se o seu pernoite será, digamos, ao estilo cinematográfico: em um museu. Pois é, como nos três filmes da franquia "Uma noite no museu", muitas instituições culturais no mundo abrem suas portas para crianças e adultos que querem "acampar" entre obras de arte, fósseis seculares, objetos históricos. Os chamados programas "sleepover" são comuns em praticamente todos os museus e centros de ciências nos Estados Unidos. Na Inglaterra, os museus de Londres também seguem a onda e até o Ocenário de Lisboa oferece a possibilidade de dormir com os tubarões. Para não deixar dúvidas, os visitantes ficam do lado de fora do aquário. (UMA NOITE NO MUSEU, 2018, doc. eletr.)

Figura 2 - Registros de eventos de “Uma Noite nos Museus” em diferentes instituições museais



Legenda: De cima para baixo: 1) Intrepid Sea, Air & Space Museum; 2) Museu de História Natural de Nova Iorque; 3) BV. International Spy Museum. Fonte: UMA NOITE NO MUSEU, 2018, doc. eletr.

Não foi diferente no Brasil. Em 2017 o Museu Nacional (localizado na cidade do Rio de Janeiro/RJ), que um ano depois veio a ser destruído por um incêndio, recebeu um grupo de alunos para uma experiência noturna: “Durante a visita, os alunos aprenderam sobre cultura egípcia, africana e indígena; tiveram contato com seus artefatos, observaram as múmias e aprenderam sobre o processo de mumificação.” (COLÉGIO PEDRO II, 2018, doc. eletr.). Essa não tinha sido a primeira ação educativa nesse viés. Em 2009, ainda no período de exibição da franquia, o Museu Nacional já havia realizado uma ação parecida como projeto piloto, intitulada “De Pijama no Museu” (MENDONÇA, 2009) (figura 3).

Figura 3 - Ação educativa “De Pijama no Museu”, do Museu Nacional



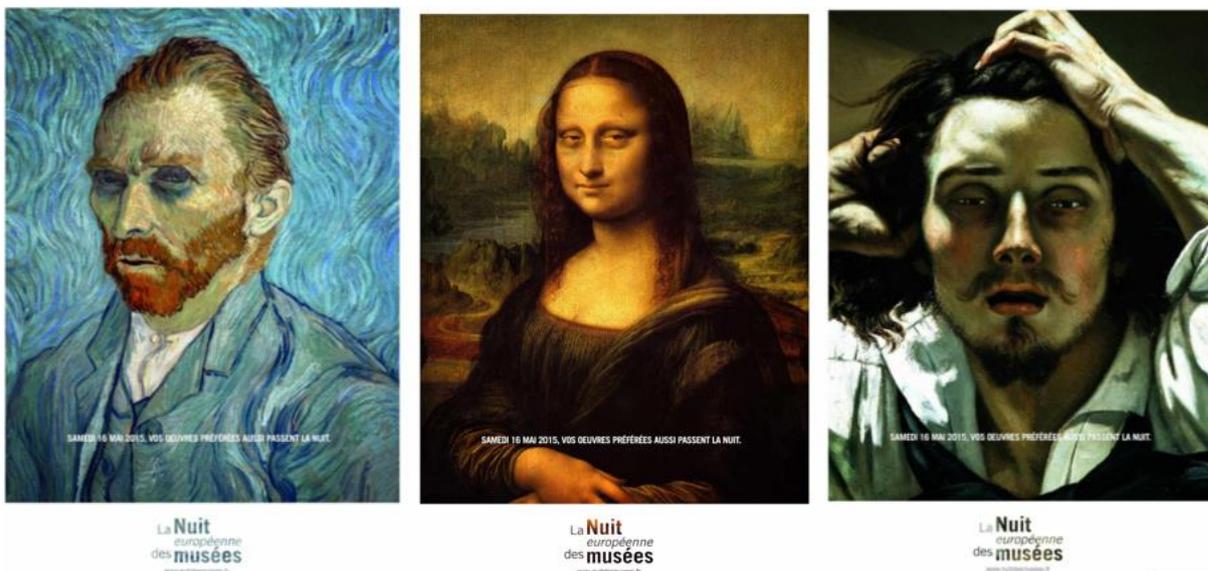
Fonte: MENDONÇA, 2009, doc. eletr.

Mesmo após mais de uma década do primeiro filme da franquia, em 2019 o Museu da Energia de Itu (Itu/SP) realizou uma ação especial inspirada no filme (figura 4). Crianças e seus responsáveis passaram uma noite no museu e contaram com uma programação de “[...] ações educativas, contações de histórias, música, intervenções teatrais e alimentação saudável.” (FUNDAÇÃO ENERGIA E SANEAMENTO, 2019, doc. eletr.). O Museu do Café, localizado no estado de São Paulo, também realizou uma atividade inspirada no filme. O Museu recebeu um grupo de sessenta crianças de uma escola da cidade de Ibiaporã/PR. Os alunos percorreram o Museu munidos de lanternas e participaram de “[...] brincadeiras, conto de histórias e ‘causos’ da cidade com monitores da Secretaria de Cultura” (TEXTUAL COMUNICAÇÃO, s.a., doc. eletr.).

Para além de visitas educativas pernoitadas nos museus, o filme suscitou outras estratégias museais. Em 2015, na França, foi realizada uma campanha onde diversas obras de arte foram apresentadas com uma aparência cansada para

incentivar visitas noturnas no evento “Noite Europeia dos Museus” (figura 4). A legenda das imagens explica, em francês: “Seu quadro favorito também não vai dormir.” (INSPIRA, 2015, doc. eletr.).

Figura 4 - Museus apresentam obras de arte “com sono” para incentivar visita noturna



Fonte: INSPIRA, 2015, doc. eletr.

Já no universo da segunda franquia de filmes (figura 5), “Invocação do Mal” (2013), contamos com diversas narrativas de terror baseadas nas histórias do casal Warren, que realmente existiu. O casal norte americano, famoso nos anos 1970 por investigar casos de assombrações e paranormalidade, criou um acervo de objetos amaldiçoados interligados aos seus casos e o expôs em um museu privado no porão da sua própria casa (G1, 2013). O universo dessa franquia de filmes (especialmente o filme “Annabelle 3: O Regresso a Casa”) apresenta um lado sombrio do imaginário envolvendo fantasia nas instituições museológicas. Este Museu provoca medo e assombro, inclusive é protegido por figuras e símbolos religiosos para que o casal que residia na casa não sofresse as consequências de conviver com tantos objetos associados a assombrações e demônios. Porém, esse Museu também evoca curiosidade e um certo magnetismo de um determinado público.

Figura 5 - Cartazes do universo da franquia dos filmes “Invocação do Mal”



Fonte: Adoro Cinema, s.a.

É interessante observar a diferença das cores escolhidas nos cartazes das duas franquias. Enquanto os posters dos filmes de “Uma Noite no Museu” predominam cores alegres como um azul vivo, amarelo e dourado, no universo dos filmes de “A Invocação do Mal” percebemos cores mais sombrias como preto, cinza, vermelho, um azul esverdeado muito melancólico e até mesmo a cor dourada, porém vindo em formato de cruzes que iluminam a escuridão.

Em “A Psicologia das Cores” a cientista social alemã Eva Heller (2014) realizou uma pesquisa com duas mil pessoas da Alemanha de diversas faixas etárias e profissões sobre as relações que os entrevistados tinham com as cores. Heller (2014) afirma que as cores atuam nos nossos sentimentos e a junção de duas ou mais cores diferentes podem nos fazer ter sentimentos totalmente diferentes do que elas individualmente.

Segundo sua pesquisa, o azul foi escolhido como a cor favorita da grande maioria dos entrevistados e apenas 1% não gostava da cor. O azul foi definido como a cor da simpatia, harmonia e fidelidade mas ao mesmo tempo também é a cor mais fria e distante, inclusive utilizada para sombrear pinturas. Podemos observar isso ao perceber que os cartazes dos filmes de “Uma Noite de Museu” e “Invocação do Mal 2”, ambos com azul, nos trazem sentimentos opostos. O cinza foi definido como a cor do antiquado, da crueldade, do esquecimento e do passado. O preto como a cor da morte e violência, e o vermelho como a cor do ódio, mas também do amor; as duas cores, juntas, simbolizam o perigo e o proibido (Idem, 2014). Curiosamente, ou não, as duas cores também fazem parte da iluminação do Museu Oculto do Casal Warren (figura 6) que é representado nos filmes.

Figura 6 - Pessoas viajam de todo o país dos EUA para visitar o Museu Oculto do Casal Warren



Fonte: WSHU - Public Radio, 2021, doc. eletr.

Em seu livro “Assombrações em Museus: As Histórias Estranhas e Sinistras por trás das Exposições Mais Misteriosas”² o editor norte americano John Schuster (2009) resume em uma frase a união dos dois lados da mesma moeda sobre o imaginário dos museus envolvendo fantasia simbolizados nas duas franquias de

² Tradução livre do original: “Haunting Museums: The Strange and Uncanny Stories Behind the Most Mysterious Exhibits”.

filmes: “[...] museus são locais de aprendizagem, inspiração e diversão... mas também são locais de mistério e maravilha.” (SCHUSTER, 2009, p.10³). Indo muito além do lúdico, a instituição tem diversas identidades, muitas vezes flertando até mesmo com o desconhecido.

Por serem normalmente localizados em lugares antigos, e também comumente associados à exposição de um passado através de memórias materializadas em documentos e objetos de coleções, estas instituições são repletas de histórias de fantasmas [...] (RODRIGUES, 2015, p.74)

E por que, ao mesmo tempo em que despertamos uma curiosidade pelo desconhecido, sentimos também tanto medo de fantasmas e assombrações? Por que, ao entrarmos em uma instituição com fama de assombrada, ou vemos um filme de terror como “Invocação do Mal”, sentimos um arrepio na espinha, mas ainda assim muitos gostariam de visitar esse Museu? Segundo a professora da Pós-Graduação em Sociologia e Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, Flávia Pires:

Para um indivíduo adulto, mal-assombro, em poucas palavras, é a alma de uma pessoa que faleceu e que, por algum motivo, estabelece contato com os vivos. Grande parte dos mal-assombros são almas que não encontraram seu rumo depois da morte. Algumas foram vítimas de mortes trágicas e, dado o caráter imprevisível do seu falecimento, ainda não tiveram tempo para se acostumarem com a sua nova condição. Estão perdidas no mundo dos mortos. Neste caso, as almas estão em situação de risco, pois são consideradas presas fáceis para o Cão, o mal pode facilmente apoderar-se delas e fazê-las suas companheiras de artimanhas. Embora as almas com tendência para a maldade sejam as primeiras a ser recrutadas pelo maligno para agirem como mal-assombro, almas boas também podem ser usadas pelo mal como mal-assombro, principalmente quando se encontram perdidas. Suas ações têm consequências nefastas, mas elas não têm controle sobre as mesmas porque ignoram como se relacionar de maneira saudável com os vivos. Reconhece-se que este tipo de alma está em sofrimento. (PIRES, 2009, p.292 -293)

Segundo Riboli (2015) o medo é uma resposta emocional e irracional a situações de perigo que podem ser tanto reais como até mesmo imaginárias. É uma forma de auto-preservação, não só presente em seres humanos como no reino animal. O medo é um mecanismo de defesa que pode causar diversas sensações fisiológicas no organismo como não só o “arrepio na espinha”, mencionado anteriormente, “[...] como [também] aumento da frequência cardíaca, respiração

³ Tradução livre do original: “[...] museums are places of learning, inspiration, and fun...but they are also places of mystery and wonder” (SCHUSTER, 2009, p.10)

rápida e ofegante, aumento do estado de alerta, sensação de sequeidão na boca, nervosismo e também aumento da sudorese” (Ibidem, p.8).

Ao sentirmos medo, graças a este “estado de alerta” evitamos diversas situações de ameaça, nos protegendo de riscos e eventos perigosos. Sendo assim o medo “[...] visa preparar o organismo para combater o estímulo físico ou mental que apresenta perigo ao indivíduo, de modo a possibilitar o seu enfrentamento ou evasão.” (RIBOLI, 2015, p.8). Porém, esta sensação causada pelo medo pode também ser uma experiência excitante.

Quando causado artificialmente e sem apresentar um perigo concreto, essa dicotomia entre combate e fuga, proporcionada pelo medo, e a sensação arrepiante e excitante de experimentá-lo muitas vezes nos fascina. Não é à toa que o medo foi o segundo gênero mais lucrativo na indústria do cinema nos últimos anos, e o quinto mais lucrativo na literatura de ficção. (RIBOLI, 2015, p.10 -11)

Segundo a revista Galileu (2019) algumas pessoas gostam de sentir medo, pois o “estado de alerta”, mencionado anteriormente, cria uma distração e volta nosso foco todo para o presente, fazendo-nos esquecer dos problemas “[...] quase como em um estado sublime de meditação” (Ibidem, doc. eletr.). Além disso, a sensação de que temos influência na forma de que sentimos medo nos dá a impressão de que podemos controlá-lo: “Ao superar a descarga inicial de ‘luta e fuga’, nós em geral nos sentimos satisfeitos com a certeza de que estamos seguros e mais confiantes na nossa própria habilidade de confrontar o medo.” (GALILEU, 2019, doc. eletr.). Para o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2008), o medo da morte é o “medo original”, que compartilhamos com os animais, porém, para nós seres humanos, o medo da morte representa o medo do desconhecido.

Nenhuma experiência humana, rica que seja, oferece uma vaga ideia da sensação de que nada vai acontecer e nada mais pode ser feito. O que aprendemos da vida, dia após dia, é exatamente o oposto – mas a morte anula tudo que aprendemos. A morte é a encarnação do “desconhecido”. E, entre todos os desconhecidos, é o único total e verdadeiramente incognoscível. Independentemente do que tenhamos feito como preparação para a morte, ela nos encontra despreparados. Para acrescentar o insulto à injúria, torna nula e vazia a própria ideia de “preparação” – essa acumulação de conhecimento e habilidades que define a sabedoria da vida. Todos os outros casos de desesperança e infelicidade, ignorância e impotência poderiam ser, com o devido esforço, curados. Não esse. (BAUMAN, 2008, p.33)

Tanto o simples fim de tudo com a morte, como a ideia de que há algo além da vida em caso de nossa alma ser eterna, parecem ideias assustadoras para muitos de nós, simples mortais. Para Bauman (2008), as religiões, especialmente as cristãs para os ocidentais, têm um grande peso nessa questão. O sociólogo aponta que muitas religiões pregam que o nosso comportamento durante a vida predestina o destino que teremos após a morte, podendo ir para um lugar bom ou um lugar ruim. Como vimos anteriormente, a assombração é uma alma que por algum motivo se perdeu de seu rumo após a morte. Seria o medo que possuímos do sobrenatural um reflexo do “medo original”? O que sabemos é que ao mesmo tempo que sentimos medo, também sempre sentimos curiosidade pelo tema.

O interesse pelo sobrenatural não é nada novo. Por séculos, as pessoas usaram o sobrenatural para interpretar eventos e ocorrências naturais que eles não puderam explicar cientificamente. Nós vivemos em um mundo racional, mas por que ainda somos tão fascinados pelo sobrenatural? Uma pessoa poderia pensar que os avanços na ciência podem ter diminuído drasticamente nosso interesse no sobrenatural. Por outro lado, parecemos cada vez mais interessados em assuntos sobrenaturais. (LAMAS, GIMÉNEZ-CASSINA, 2012, p.77⁴)

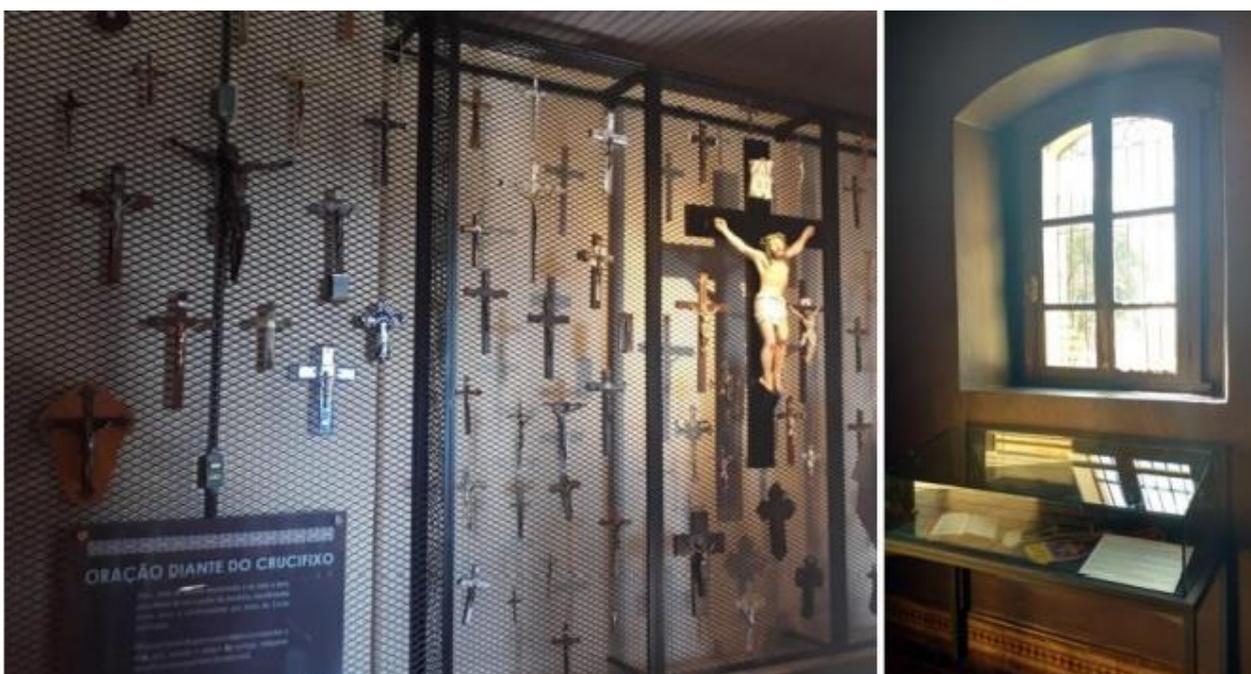
Casos vinculados a fantasmas e religião são muitos recorrentes, passando a fazer parte das memórias locais. No Rio Grande do Sul, mais precisamente em Farroupilha, o Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio adotou uma expografia para seus espaços visitáveis. Segundo Rodrigues (2018), em 2018 uma das salas inauguradas passou a ser intitulada “Livrai-nos do Mal”, cômodo do exorcismo (figura 7) que a comunidade ainda comenta, mantendo no imaginário popular:

No ano de 1947, quando a construção do Santuário de Caravaggio ainda estava sendo encaminhada, um evento marcante aconteceu na localidade. Conta-se que uma jovem da Linha Jansen foi acometida por uma possessão após ser amaldiçoada pelo ex-noivo, que não queria que a mesma se casasse novamente. [...] Assim, se iniciou um processo de exorcismo, que incluiu três dias de vigília pelos religiosos antes de realizarem o ritual, com rezas contínuas e purificações. No dia do rito, a jovem foi levada a cavalo por cerca de seis quilômetros, com auxílio da família e da comunidade, mostrando resistência em vários pontos do percurso, nos quais as pessoas eram obrigadas a segurá-la à força (DECÓ, 1994). Tentou-se realizar o ritual dentro da nave da Igreja, entretanto as ofensas proferidas pela jovem,

⁴ Tradução livre do original: “Interest in the supernatural is nothing new. For centuries people have used the supernatural to interpret events and natural occurrences that they could not explain scientifically¹. We live in a rational world, yet why are we still so fascinated by the supernatural? One could think that the advances in science might have dramatically lessened our interest in the supernatural. Conversely, we seem more and more interested in supernatural topics.” (LAMAS; GIMÉNEZ-CASSINA, 2012, p.77)

e sua agressividade, fizeram com que fosse levada à uma sala ao lado da Sacristia. Durante o cerimonial, a jovem manifestou zombarias e acusações contra os que ali estavam. [...] De acordo com Decó (1994), ao lado externo da sala as pessoas da comunidade reunidas continuavam suas súplicas. Até que se chegou o momento em que a jovem, que parecia estar prestes a morrer, voltou a falar com sua voz normal e pediu para que as rezas continuassem considerando que o espírito maligno ainda estava pela sala. O padre aspergiu o local com água benta e houve um barulho forte e os ferros de uma janela se retorceram. Conta-se que é por onde o demônio teria saído e deixado de vez, a vida da moça (Idem, 1994). O cômodo do exorcismo tornou-se visitável para os fiéis, com o nome de Espaço Livrai-nos do Mal, aberto ao público em 2018. (p.25-26)

Figura 7 - Sala “Livrai-nos do Mal”



Fonte: RODRIGUES, 2018, p.42

Percebe-se que a sala Livrai-nos do Mal passou a apresentar um discurso de fé por meio das evidências materiais (grade da janela retorcida) e soluções expográficas (exibição de crucifixos e oração diante deles na legenda). Para Rodrigues (2018, p.42): “[...] a sala compõe um lugar que direciona para além do caráter expositivo, sinalizando uma lição de moral aos que creem [...]. A utilização dessas memórias sensíveis pela instituição revela um meio de catolicizar através da inquietação com o evento”.

Mas nem todos os espaços dessas possíveis memórias desenvolvem suas narrativas. Embora os museus sejam locais ideais para a ocasião destes fenômenos, poucas pesquisas sobre este tema foram realizadas de fato. No artigo “*Super Ghost Me: Stories from the ‘Other Side’ of the Museum*”, os museólogos Mariana Lamas e

Eduardo Giménez-Cassina (2012) já apresentavam as mesmas dificuldades de se realizar um trabalho neste campo. Para eles isso se deve ao fato de os museus procurarem representar uma visão racional, empírica e científica, evitando assim se associar com questões de ciências alternativas e fugir de um estereótipo negativo pois “[...] esses relatos muitas vezes carregam um estigma social, que frequentemente induzem museus a esconder e remover essas histórias do domínio público” (Ibidem, p.77⁵). Já Luscombe, Walby e Piché (2017) acham surpreendente existir tão poucas fontes sobre o assunto “[...] dada a centralidade dos fantasmas em quase todas as culturas, inclusive no Ocidente.” (Ibidem, 2017, p.438)⁶.

Existem instituições que até mesmo possuem cláusulas de confiabilidade onde os funcionários não podem falar publicamente sobre o assunto, como o *Museo Reina-Sofia* e *Jane Adams Hull-House Museum*. Cada instituição lida de uma forma diferente, enquanto grande parte evita comentar sobre, algumas utilizam a narrativa em suas exposições e atividades. No museu *Draugasetrid* - islandês *Center for Ghosts*, localizado na Islândia, por exemplo, os funcionários deixam todos os dias um prato de comida para os fantasmas masculinos, pois acredita-se que eles se comportam de maneira mais “dócil” com seus hospedeiros se houver algo para que eles possam comer (LAMAS; GIMÉNEZ-CASSINA, 2012). Já outras instituições apenas realizam eventos envolvendo o sobrenatural no *Halloween*.

Conforme a crença popular, um fantasma necessita de muita energia para poder se materializar (Idem, 2012). Para os autores os museus seriam locais ideais para o fenômeno ocorrer, pela grande quantidade de pessoas que passam diariamente por essas instituições, pois acredita-se que esse fluxo produz muita energia. Além disso, os fantasmas costumam frequentar lugares que possuíam um valor significativo para eles em vida, como não apenas sua casa anterior, como também o local do seu trabalho e até mesmo onde ocorreu a sua morte. Sendo assim, os relatos de assombrações nos museus não apenas contam com fantasmas de pessoas que viveram e morreram no ambiente antes dele se transformar numa instituição museológica, como também contam com espíritos de funcionários que trabalhavam no local após ele virar um museu e que vieram a falecer. Existem ainda

⁵ Tradução livre do original: “these accounts often bare a social stigma, which frequently induce museums to conceal and remove these stories from the public realm” (LAMAS; GIMÉNEZ-CASSINA, 2012, p.77)

⁶ Tradução livre do original: “[...] given the centrality of ghosts in almost all cultures, including in the West” (LUSCOMBE; WALBY; PICHÉ, 2017, p.438)

os fantasmas que se apegam a determinados objetos que possuíam grande valor para eles em vida, objetos esses que muitas vezes vão parar no acervo de um museu, trazendo assim os espíritos ligados a eles para a instituição.

Por isso, Mariana Lamas e Eduardo Giménez-Cassina (2012) dividem os relatos de assombrações em museus em três categorias: os ligados à instituição por causa do prédio do museu antes dele exercer essa função, ou seja, quando ele ainda era uma residência ou um hospital, prisão, etc.; os espíritos ligados ao museu por causa da sua ligação com um objeto pertencente ao acervo da instituição; e os fantasmas ligados à instituição museológica, geralmente ex-funcionários muito apegados ao seu antigo local de trabalho.

Considerado no Brasil a instituição museal mais antiga, o Museu Nacional tinha antes mesmo de ser museu relatos de aparições de fantasmas. Inaugurado em 1818, no parque Campo de Santana, em 1892 foi transferido para o Palácio de São Cristóvão, local destruído pelo incêndio de 2018 (MUSEU NACIONAL, s.a.). Antes de sediar o Museu, o palácio foi residência da família real portuguesa e as histórias giravam em torno dessa edificação.

Em 1826, Maria Leopoldina de Áustria, mulher de Dom Pedro I, veio a falecer nesse palácio. Os relatos do aparecimento de seu fantasma surgiram já na época do Império:

No livro "A imperatriz Leopoldina - sua vida e sua época", o autor Carlos Oberacker conta que D. Pedro I teria visto a imagem da falecida mulher numa festa no palácio. Na visão, Leopoldina - que morreu aos 29 anos, grávida e deprimida com as traições do marido - estava triste. "D. Pedro ficou tão apavorado que foi correndo para o quarto chorar" - conta Milton Teixeira, que promove tour aos prédios mal-assombrados. (PONTES, 2010, doc. eletr.)

À noite, na instituição, segundo relatos, era possível ouvir ruídos misteriosos, como sons de máquinas de escrever, vozes e ver cortinas se agitando em frente a janelas encerradas. Um vigilante noturno teria até mesmo pedido transferência do setor.

A historiadora do Museu Nacional e professora da UFRJ Regina Dantas, por exemplo, jura de pés juntos já ter visto o fantasma de Leopoldina no quarto que pertenceu a D. Pedro II, em 1998. "Passava das 22h. Eu e três estagiários pesquisávamos documentos de D. Pedro quando percebemos um movimento na penumbra. Era uma mulher de cabelos presos e roupa de época, certamente estava nos espiando" diz Regina, que garante se tratar de D. Leopoldina. (Ibidem, doc. eletr.)

O arquiteto, historiador e youtuber Paulo Rezzutti (2018) aponta que há, inclusive, versões históricas da vida de Dona Leopoldina que são propagadas para justificar eventos motivados por seu espírito. Conta-se que o Imperador D. Pedro I teria empurrado a esposa pelas escadas da instituição. Por isso, sempre que uma pessoa caía por estas escadas, o que por algum motivo era muito comum, acreditava-se que seria o fantasma de Leopoldina que empurraria as pessoas (Idem, 2018). Rezzutti (2018) acredita que se tratava apenas de algum erro arquitetônico que a escada provavelmente possuía. "Se o fantasma de Dona Leopoldina apareceu, não temos como provar. Mas se realmente existiu algum fantasma no Museu Nacional, com certeza foi o fantasma do descaso com a cultura e a história no Brasil." (RIBEIRO, 2020, 3'48" - 4'08")

Apesar de ser difícil os museus tratarem diretamente sobre o assunto, as histórias e lendas prevalecem. Exemplos disso permeiam o Museu Histórico Nacional, considerado por alguns a instituição museal mais assombrada do Rio de Janeiro e também o segundo prédio com maior número de fantasmas no Brasil (LAMAS; GIMÉNEZ-CASSINA, 2012). Ainda que seja difícil precisar, podemos afirmar que é um dos museus brasileiros mais mencionados em reportagens antigas quando o tema era assombração. Isso se deve porque a instituição, inaugurada em 1922, possui um complexo arquitetônico dotado de muitas funções anteriores, algumas inauguradas ainda no século XVII: Arsenal de Guerra, guarda de artilharia com a Casa do Trem, e até mesmo Prisão do Calabouço, datada de 1693, destinada inicialmente ao castigo de escravos (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, s.a.). Seu histórico suscita histórias com fantasmas. Pesquisando sobre o mesmo, encontramos uma notícia de jornal que data de 1956 sobre o tema. Em uma reportagem no Jornal "Tribuna da Imprensa" o título em letras garrafais (figura 8) chama atenção para um fantasma "barulhento" que incomodava os guardas noturnos da instituição.

Figura 8 - Matéria de 1956 sobre um fantasma “barulhento” no Museu Histórico Nacional do RJ



Fonte: FANTASMA..., 1956, p.24

Segundo a reportagem, o fantasma soltava gritos e gemidos a partir da meia noite no setor de Numismática, atrapalhando o serviço e assombrando os guardas noturnos, que assustados, pediam transferência (FANTASMA..., 1956). Chamo a atenção para a frase “Sabedores de que nada real existia” (Idem, p.24) (figura 9), os guardas cantarolavam e olhavam para as estrelas para se distraírem dos barulhos do tal fantasma.

Figura 9 - Recortes da Matéria “Fantasma Barulhento Assombra os Guardas do Museu Histórico” do “Jornal Tribuna de Imprensa” de 1956

Pressa antiga de cunhar moedas. Está exposta na seção de Numismática do Museu e é muito admirada. Nessa seção há um fantasma barulhento.

OS guardas do Museu Histórico, a algum tempo atrás, queixavam-se de que não podiam trabalhar direito. A razão: durante a madrugada ficavam constantemente sobressaltados por gritos e gemidos que partiam de dentro do Museu.

O QG dos fantasmas era a Seção de Numismática, uma das mais importantes. E alguns guardas, receosos das assombrações, faziam apelos para serem transferidos. Diziam eles que, a partir da meia-noite, começava a “tortura”.

Sabedores de que nada de real existia, procuravam matar o tempo assobiando músicas improvisadas ou olhando para as estrelas. E venciam aquela noite. Mas nada adiantava, porque no dia seguinte o fantasma voltava.

Revelação causa espanto

O fato não tinha explicação plausível. Até que um dia, o general Jerônimo Furtado, visitando o Museu, fez a revelação espantosa. Na época em que ali estava localizado o Arsenal de Guerra, a atual Seção de Numismática não era outra coisa senão o cubículo onde se suicidou o assassino do marechal José Maria da Silva, em 1897.

O atentado fôra contra o presidente Prudente de Moraes. Mas o soldado Marcelino Bispo, autor dos disparos, errou a pontaria e quem morreu foi o marechal. Marcelino foi levado ao cubículo e acabou se suicidando.

Até então, no Museu, ninguém sabia deste detalhe.

Gritos e gemidos numa das salas onde hoje funciona a seção de Numismática — Duas palmeiras plantadas com terra de todos os Estados e de Portugal — “Anais do Museu” — Moeda de 4 mil réis que vale hoje Cr\$ 8 mil

Fonte: FANTASMA..., 1956, p.24

De acordo com a reportagem o General Jerônimo Furtado, ao visitar o Museu, informou um dado que nem os funcionários da instituição possuíam conhecimento: antes do prédio ser um Museu, o assassino do marechal José Maria da Silva havia se suicidado em 1897 no setor onde habitava o fantasma. Segundo relatos, o cabo Marcelino Bispo havia tentado realizar um atentado contra a vida do então presidente Prudente de Moraes, mas errou a pontaria e acertou no marechal. Ao ser trazido para o Arsenal de Guerra foi preso no cubículo onde se localiza o setor de Numismática e retirou a própria vida. Havia boatos de que tal suicídio foi, na verdade, uma queima de arquivo (REZZUTTI, 2018).

Mas este não foi o único fantasma a assombrar o Museu Histórico Nacional. Segundo Lamas e Giménez-Cassina (2012), uma figura um tanto quanto curiosa continuou a frequentar a instituição mesmo após sua morte:

Embora o museu não fale publicamente sobre seus fenômenos sobrenaturais, em diferentes ocasiões permitiu que médiuns investigassem o museu. Durante uma dessas investigações, um médium conversou muito tempo com um velho que criticava alguns aspectos do museu, principalmente as exposições, e alertava sobre alguns livros do acervo que estavam faltando (Teixeira 2011)⁷. O médium soube depois que o velho era Gustavo Barroso, falecido em 1959 e fundador do museu e do primeiro curso de museologia do Brasil, oferecido e administrado pelo Museu Histórico Nacional. Além disso, funcionários do museu relataram o cheiro de cachimbo no final da tarde que, acreditam, confirmaria a presença de Gustavo, já que ele costumava fumar cachimbo. Mas Gustavo Barroso não foi o único fantasma a expressar suas ideias sobre o museu. Em outra investigação, um médium conversou com o fantasma de um homem que falava da importância do museu sugerindo que as pessoas deveriam homenagear a instituição já que 'é a casa da memória nacional e não um depósito de memória' (Teixeira 2011). (LAMAS; GIMÉNEZ-CASSINA, 2012, p.84, tradução livre⁸)

⁷ Referência da obra citada: Teixeira, Milton (2011) Rio de Janeiro Ghost Tour . [phone call] (Personal communication, 8th March 2011)

⁸ Tradução livre do original: "Although the museum does not speak publicly about its supernatural phenomena, on different occasions it has allowed mediums to investigate the museum. During one of these investigations a medium spoke for a long time with an old man who criticised some aspects of the museum, especially the exhibitions, and warned about some books from the collection that were missing (Teixeira 2011). The medium found out later that the old man was Gustavo Barroso, who died in 1959 and was the founder of the museum as well as of the first museology course in Brazil, which was offered at and managed by the National Historical Museum. In addition, museum staff has reported the smell of pipe at the end of the afternoon that, they believe, would confirm Gustavo's presence since he used to smoke a pipe. But Gustavo Barroso was not the only ghost to express his ideas about the museum. During another investigation a medium spoke to the ghost of a man who talked about the importance of the museum suggesting that people should honour the institution since 'it is the house of national memory and not a deposit of remembrance' (Teixeira 2011)" (LAMAS; GIMÉNEZ-CASSINA, 2012, p.84)

Gustavo Barroso nasceu em Fortaleza-CE no ano 1888 e faleceu em 1959 no Rio de Janeiro-RJ. Foi professor, museólogo, ensaísta e romancista. Fundou o Museu Histórico Nacional em 1922 e também foi seu primeiro diretor. Além disso, ocupou a Cadeira 19 da Academia Brasileira de Letras (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, s.a.). Também foi responsável pela criação do Curso de Museus em 1932, o que foi um marco para o desenvolvimento do curso de Museologia no Brasil (ZEN, 2015). Ou seja, segundo contam os relatos, Gustavo Barroso era tão apegado ao seu local de trabalho que continuou zelando o acervo do Museu após o seu falecimento.

Quando li essa informação me recordei imediatamente de uma aula que tive com a professora Carol Gelmini, orientadora deste trabalho. Ela integrou o corpo funcional do Museu Histórico Nacional e em uma aula, para descontrair a turma no intervalo, contou a experiência que teve ao sair de noite da instituição em decorrência de montagem de exposição. Ela relata que, ao percorrer sozinha o pátio interno que dá acesso às Reservas Técnicas do Museu, se deparou com um homem de paletó, todo de branco, no lado oposto do pátio, indo em direção às salas dos objetos acondicionados. Dizia que parecia Gustavo Barroso e que decidiu não se aproximar, tomou rumo contrário sem olhar para trás. Ao mostrar para ela o relato do médium no texto de Lamas e Giménez-Cassina (2012) ela confirmou que não foi brincadeira, viu algo em 2009. Mas, como uma boa medrosa, não quis como o médium perguntar o que ele achava da exposição em montagem, pois após o longo turno de trabalho, além do susto, teria que se explicar para o fantasma.

Fora as assombrações mencionadas anteriormente, há a menção de que figuras históricas vagueiam pelos corredores da instituição. Segundo relatos, em 1792, Tiradentes foi esquartejado nos calabouços do Museu, possivelmente onde era a antiga Prisão do Calabouço. Desde então “Contam que é possível ouvir no silêncio o som de um machado batendo na madeira, como se estivesse cortando alguém.” (LULACERDA, 2019, doc. eletr.).

Em todas as épocas, os casarões são tidos como lugares de assombração. Ali viveram e morreram pessoas de todas as virtudes e defeitos, introvertidos uns, extrovertidos outros, e outros mais egocêntricos ou altruístas. Aqueles que, em vida, tiveram a felicidade de satisfazer a maioria, depois de mortos, em visões bem ou mal acreditadas, procuram ajudar o próximo; os outros, os que praticaram o mal ao invés (acredita-se a superstição) voltam ao mundo para continuar a fazê-lo. (FANTASMAS..., 1957, p.11)

As reportagens de época não se limitavam ao Museu Histórico Nacional quando o tema era assombração. Outro exemplo data de 1957, quando o Jornal “A Noite” publicou também uma matéria sobre relatos de assombrações no Museu Histórico e Diplomático, inaugurado em 1955 no palácio Itamaraty (figura 10).

Figura 10 - Matéria do Jornal “A Noite” de 1957 sobre fantasmas no Palácio Itamaraty

FANTASMAS, HISTÓRIAS E NOSTALGIA NO ITAMARATI

Em todas as épocas, os casarões são tidos como lugares de assombração. Ali viveram e morreram pessoas de todas as virtudes e defeitos, introvertidos uns, extrovertidos outros, e outros mais egocêntricos ou altruístas.

Aqueles que, em vida, viveram a felicidade de satisfazer a maioria, depois de mortos, em visões bem ou mal acreditadas, procuram ajudar o próximo; os outros, os que praticaram o mal, ao invés (acredita a superstição) voltam ao mundo para continuar a faz-lo.

História de Fantasmas

O Palácio Itamaraty não poderia fugir à regra geral. Ao contrário. Suas inúmeras salas, mais parecidas, no todo, com um labirinto, são um convite permanente à exploração das crendices.

Há quem diga que nem sempre foi a residência dos Barões de Itamaraty e muito menos a sede do Ministério das Relações Exteriores. Ali, o elegante cerimonial diplomático, era substituído pelo lugubre espetáculo das senzalas, com a fúria de um leitor a extravasar prepotência no lombo negro dos escravos.

Naturalmente, dando cor e ambiência ao quadro, havia um senhor de punhos de renda resuscitando a assúcia francesa e uma «sinhá-moçuda» e olhar furtivo, indiferente aos homens, de pele escura, mas terno e lânguido para o moço doutor que recitava nos sarau.

Na senzala, entretanto, entre gemidos e lágrimas, a raça mal-dita vivia a sua tragédia — a milenária tragédia da cãe.

Dizem alguns que o tempo se encarregou de transformar a antiga senzala no Palácio dos Cisnes. E que a reverência e os salamaqueques substituíram os gemidos assim como a chibata à cortina. E, do que ontem foi o atual Palácio do Itamaraty, resta hoje, apenas, a mesmagem do passado, trazida pelos fantasmas que a povoam e traduzida por um arrastar noturno de pedras correntes.

O Fantasma Camarada

Outra versão é a de que o Barão do Rio Branco percorre com as mãos nas costas aquelas salas, suas velhas conhecidas.

Há quem acredite que veja pela sorte da nossa política exterior. E, como sempre preferia as horas calmas da noite para dar vazão ao seu longo expediente, continua a vagar pelas várias dependências do Itamaraty, saudoso do tempo em que era Ministro.

O Barão, porém, é um fantasma camarada e não se conhece ninguém a quem assustasse. Mas a história ficou...

A Revolução e os seus Fantasmas

Além dos fantasmas dos escravos e do Barão do Rio Branco, há outros mais novos.

Quando se instalou o Governo Provisório, depois da Proclamação da República, o Itamaraty transformou-se em sua sede. Paralelamente à Chefia do Poder com Deodoro e depois Floriano, ali também se localizara grande contingente militar. Nos seus porões, grande número de prisioneiros teriam sido seviciados pela tropa.

Esses, justamente, depois de mortos, viriam constantemente àquele lugar, e ali repetiriam os gemidos e lamentos de outros tempos.

São Histórias Apenas

70 anos de idade (véspera de aposentadoria por compulsória) e 46 de serviços ao Itamaraty como auxiliar de Portaria, não acredita nessas histórias. Diz-nos:

— Todas essas assombrações não passam de fantasia. Durante mais de 40 anos, muitos dos quais dando plantão noturno e fazendo ronda a noite inteira, jamais vi ou ouvi qualquer coisa que pudesse ser considerada como fantasma.

Aquela hora, quando o bulício da cidade agitada cede à calma natural das horas mortas, qual-

quer bater de portas, qualquer estalo de madeira, um ou outro ruído provocado por um ou outro animal, pode parecer, aos nervosos e medrosos, coisa do outro mundo.

Não há, porém, nada disso. O que havia, isso, sim, eram trocas de colegas uns com os outros. Lá pela noite, ninguém resolvia assustar o plantão, e, se o plantão não tinha sangue-frio e coragem bastantes, imediatamente se apavorava, e saía ditando para a casa era malassombração.

Outro depoimento, o do sr. Dionísio de Sousa Borges, também auxiliar de portaria, com 35 anos de serviço e atualmente contínuo do Gabinete do Ministro, confirma a narração do sr. Horácio José Rosa.

O Palácio do Itamaraty

Antiga o escritório Gustavo Barroso que, antes de ser consagrado com o nome de Palácio do Itamaraty, se chamou Palacete do Menino de Ouro.

“A origem dessa apelação popular — afirma — é sobretudo interessante. O primeiro filho de Francisco José da Rocha, segundo Barão, Visconde e finalmente Conde de Itamaraty, nasceu fraco e doente, correndo, mesmo, perigo de vida. O pai, angustiado, prometeu aos santos de sua devoção que, se ele escapasse e lograsse saúde, daria de esmola aos pobres o péto da criança em ouro.”

Salvo o menino, o pai, no dia do seu batizado, cumpriu o prometido, o que impressionou a população, que passou a chamar à senhoria mansão Palacete do Menino de Ouro.

Vale Cabral afirmou que a planta do Itamaraty veio da França, porém sem aduzir qualquer documento comprobatório. O risco inicial teria sido do português José Luís, que iniciara a edificação da parte de trás, sob a direção do proprietário.

Com a República e em face dos escrúpulos do Governo Provisório de alojarse no Paço da Cidade, moradia urbana dos Vice-Reis, sede atual do Departamento de Correios e Telégrafos, era impossível que o Marechal Deodoro, chefe do novo regime, continuasse a despachar no Quartel General, residindo em um peque-



no sobrado no Campo de Santana. Em meados de dezembro, a operação de compra foi feita pelo Governo, pela importância de 630 contos de réis.

Por ato de 8 de junho de 1897, foi cedido pela Presidência da República ao Ministério das Relações Exteriores, sendo titular, na ocasião, o Conde da Barca, Antônio de Araújo e Azevedo.

Malandragem de Cisne

Os quatro cisnes (2 casais) do Itamaraty foram aquisição do atual Ministro José Carlos de Macedo Soares quando da sua primeira investidura.

Os mais antigos têm nomes singulares, Adão e Eva. Há poucos dias, irritado com a companhia, que se encontrava chutando, Adão fugiu, depois de repudiado pela companheira do outro.

Foram encontrá-lo em casa de uma família, no Estácio arrendado da vida fácil do lago do Palácio.

46 Anos de Ministério

Horácio José Rosa, o mesmo auxiliar de Portaria que não acredita em fantasmas, tem excelentes recordações de Nilo Pecanha, quando titular daquela Secretaria de Estado.

— “Disponha — diz — de fantástica capacidade e, auxiliado pelo fato de residir no próprio Palácio, começava a trabalhar muito cedo e sempre acabava muito tarde.

O Ministro e depois Presidente da República era político no Estado do Rio e, senando o expediente natural da pasta no dos seus interesses, tinha forçosamente que cumprir rigoroso horário.

Foi dentro todos os que passaram, nestes 46 anos de trabalho efetivo, aquele que mais intimamente conheci.

Explico: casei com uma moça que frequentava a sua casa, daí a intimidade.”

O sr. Horácio José Rosa serviu aos seguintes ministros, sem contar os interinos: José Maria d. Silva Paranhos (Barão do Rio Branco), Encas Martins, Lauro Miller, Luis Martins de Sousa, Dentas, Nilo Pecanha, Domicio da Gama, Azevedo Marques, Felix Pacheco, Otávio Mangabeira, Afrânio de Melo Franco, Macedo Soares, Pimentel Brandão, Oysal do Aranha, Leão Veloso, João Neves da Fontoura, Raul Fernandes e Vicente Rão.

Melo constrangido pela iminência da compulsória, diz que não o mandaria embora, sairá na hora exata. E triste!

— Usei as minhas pernas para procurar o Itamaraty, sofrirei a usá-las para ir para casa.

Fonte: FANTASMAS..., 1957 p.11

Acreditava-se que o local onde se encontra a instituição antes abrigou uma senzala, motivo que levava à noite ouvir o som de chibatas e gemidos. Outros crêem que os sons derivam do fantasma do Barão do Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos Júnior, que percorre os corredores da instituição, mas este, avisa o jornal, seria um “fantasma camarada”. Além dos fantasmas dos escravos e do barão, a instituição também seria assombrada pelos fantasmas de prisioneiros que viveram em seus porões na época em que o prédio abrigou o contingente militar durante o Governo Provisório, após a Proclamação da República. Mas os entrevistados Horácio José Rosa e Dionísio de Souza Borges, dois auxiliares de portaria que

trabalharam no local por mais de trinta anos cada, relataram não acreditar em fantasmas.

“Todas essas assombrações não passam de fantasia. Durante mais de 40 anos, muitos dos quais dando plantão noturno e fazendo ronda a noite inteira, jamais vi ou ouvi qualquer coisa que pudesse ser considerada como fantasma.” [diz Horácio]. Àquela hora, quando o bulício da cidade agitada cede à calma natural das horas mortas, qualquer bater de portas, qualquer estalido de madeira, um ou outro ruído provocado por um ou outro animal, pode parecer, aos nervosos e medrosos, coisa do outro mundo. Não há, porém nada disso. O que havia, isso sim, eram trocas de colegas uns com os outros. Lá pela noite, alguém resolvia assustar o plantão, e, se o plantão não tinha sangue-frio e coragem bastantes, imediatamente se apavorava, e saía dizendo que a casa era mal assombrada. (FANTASMAS..., 1957, p.11)

Observa-se que o assunto, de gosto popular, era tema de interesse dos jornais, meio de circulação das informações cotidianas. Propagar essas histórias não é exclusividade desse meio de comunicação, as reportagens televisivas também exploram o assunto. Em 1998, por exemplo, a extinta “TV Manchete” realizou uma matéria no “Programa Mistério” sobre fantasmas no Museu Imperial, localizado na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro. O Museu ocupa o antigo Palácio de Verão de D.Pedro II e sua construção foi concluída em 1862. A filha de D. Pedro II, Leopoldina de Bragança é frequentemente avistada na instituição. Mas o fantasma mais famoso era a Dama de Branco que assombrava os bosques do Museu (figura 11). Muitas pessoas teriam ficado esperando sua aparição à noite do outro lado do portão, às vezes chegando a ter filas de carros. Isto prova que este tipo de fama fomenta os museus e atrai os visitantes mais curiosos (PROGRAMA MISTÉRIO, 1998).

Figura 11 – “Programa Mistério” com efeito especial apresentando a história da Dama de Branco no Museu Imperial (1998)



Fonte: PROGRAMA MISTÉRIO, 1998, 8'28"

Para além dos programas televisivos, a caça por fantasmas ganhou fôlego com o Youtube, tendo até canais exclusivos para tal finalidade. E, nessa perspectiva, os museus e espaços culturais não estariam fora dessa intenção, pois, como abordado anteriormente, são considerados espaços propícios pela vinculação das almas com as edificações ou mesmo objetos salvaguardados. O historiador Paulo Rezzutti (2018), no vídeo “Fantasmas em Museus Brasileiros”, trata sobre casos de aparições de espíritos nos museus brasileiros. Além de referir-se ao Museu Nacional, anteriormente mencionado, outra ênfase é o Solar da Marquesa de Santos.

Hoje Museu da Cidade de São Paulo, a edificação do Solar está localizada na região central da cidade, no distrito da Sé. A mais famosa amante de D. Pedro I, Domitila de Castro Canto e Melo (figura 12), viveu no Solar desde 1834 e lá faleceu, em 1867 (REZZUTTI, 2012). A edificação passou por tantas obras que é difícil definir qual seria sua planta original e até a data de sua construção. Apenas no andar superior se mantém a estrutura autêntica, de taipa de pilão e pau-a-pique, sendo o único prédio da cidade que ainda mantém tais características (MCSP/SOLAR DA MARQUESA DE SANTOS, s.a.). Por isto os relatos contam que as aparições do

fantasma da marquesa costumam acontecer nesta área e muitos visitantes narram sentir algo pesado no ambiente (REZZUTTI, 2018).

A marquesa casou-se pela segunda vez em 1833 com Tobias de Aguiar (figura 12), um político e rico fazendeiro natural de Sorocaba. Ele morreu em 1857, dez anos antes da marquesa, porém não foi no Solar (REZZUTTI, 2012). Essa informação parece não impedir que o seu fantasma passeie pela instituição. Ainda no mesmo vídeo, Paulo Rezzutti (2018) conta que o fantasma de Tobias de Aguiar é tão nítido para os seus visitantes que muitos o confundem com um ator trajado com roupas de época. A instituição nunca contratou um ator para interpretá-lo, mas segundo o vídeo no Youtube, há várias notas de visitantes no livro de visitas do Museu comentando que gostaram muito da caracterização do ator (Idem, 2018). Uma visitante teria, inclusive, chamado o segurança para lhe avisar que não ia roubar nada da instituição, então pediu para que o ator atrás dela poderia por favor parar de segui-la mas não havia ninguém atrás da mulher.

Figura 12 - Marquesa de Santos e Tobias Aguiar



Fonte: Pinterest, s.a.

Ainda de acordo com o episódio publicado no Youtube, outra visitante teria tirado várias fotos do Museu e ao chegar em casa, reparou que no reflexo do armário localizado da sala onde estão expostos os pertences de Tobias de Aguiar

apareceu um casal com roupas de época, ela de costas e ele de frente (figura 13). Rezzutti (2018) chama a atenção de que na sala não há nada relacionado à marquesa. A visitante, pensando se tratar do reflexo de alguma pintura, retornou a instituição e tirou fotos do armário, porém nada apareceu. Além disso, ela percebeu que a região refletida no armário não há como ter outras pessoas pois o local é isolado com barras que impedem o acesso (Idem, 2018).

Figura 13 - Prováveis fantasmas da Marquesa de Santos e de Tobias de Aguiar captados em fotografia



Fonte: Rezzutti, 2018, 20'16"

Os relatos de assombrações em museus não se prendem, no Brasil, a uma única região. Em Florianópolis, na região sul, o Museu Histórico de Santa Catarina, localizado no Palácio Cruz e Souza, também tem seus famosos casos, sendo inclusive reconhecido como o museu mais assombrado da região. O fantasma mais avistado pertence a Joaquina Ananias Xavier da Luz (figura 14), falecida em 1884 e mãe do ex-governador Hercílio Luíz, político responsável pela construção da famosa ponte presente nos cartões postais da cidade.

Todos os sábados, exatamente às 15h30, ecoam no espaço esvaziado de gente do palácio que um dia foi sinônimo de poder em Florianópolis as badaladas de um relógio. É assim há alguns anos. Se o relógio existe? Só se for no além. No Museu Histórico de Santa Catarina – Palácio Cruz e Souza, antiga Casa do Governo do Estado, situado na praça 15 de Novembro, os únicos dois relógios existentes, tão antigos, estão parados. As badaladas, se supõe, devem ser um sinal dos ex-moradores, aqueles

que já deixaram o corpo mas não o casarão, e continuam rondando os antigos aposentos, zelando pelo patrimônio, entrando e saindo pelas portas, tocando o piano e ainda chorando seus mortos. “Já procuramos o relógio por toda parte”, garante Chirley Regina Farias, 53. “Não está em lugar nenhum.” Há 30 anos ela recepciona os visitantes do museu, e já viu muitos deles saírem pálidos de pavor, literalmente com cara de quem viu fantasma. Ela conhece bem as histórias de aparições de vultos do Palácio Rosado – residência oficial dos governadores do Estado até 1954 e transformado em museu em 1984 –, tido como o mais assombrado da cidade. [...] Ela ainda é vista eventualmente, vagando pelo Salão Vermelho, utilizado antigamente como sala de banquetes e onde um grande retrato seu pintado a óleo adorna a parede esquerda. “Uma vez ela não deixou uma turista entrar na sala”, conta Chirley. “Quando o vigia a acompanhou para verificar que mulher a impedia, ela já não estava mais. A visitante disse que era a mesma do quadro. Saiu dizendo nunca mais voltar.”(MACÁRIO, 2012, doc.eletr.)

Figura 14 - Montagem em alusão à mãe de Hercílio Luz, Joaquina, considerada o vulto que habitaria o Palácio Cruz e Sousa



Montagem de Débora Klempous/ND. Fonte: MACÁRIO, 2012, doc. eletr.

Além de Joaquina, Hercílio Luz também é visto vagueando pela instituição, assim como o ex-governador Gustavo Richard, que trouxe a primeira lâmpada para a cidade, e também o ex-governador Jorge Lacerda. O fantasma de uma criança desconhecida de cabelo loiro e com cerca de seis anos e de uma noiva também são vistos frequentemente pelos corredores. A noiva, segundo relatos, repete sempre o mesmo percurso, indo do salão do segundo andar até os espelhos, onde se contempla e segue para outro cômodo, mas a longa cauda de seu vestido continua no salão (BALANÇO GERAL FLORIANÓPOLIS, 2018).

Nem todos os fantasmas do Palácio assombram – como a mulher de vermelho, que um dia dançava no Salão Amarelo, ao som do piano. Alguns deles ajudam. Tânia Gomes Cunha, ex-funcionária, numa tarde foi ajudada por ninguém menos que o ex-governador Jorge Lacerda (1914-1958) a fechar as janelas do Palácio no final do expediente. Ninguém viu nenhum homem sair ou entrar, e só dias depois, vasculhando em documentos históricos, Nair reconheceu no homem de uma foto antiga o mesmo que a ajudara – era Jorge Lacerda, morto em 1958 em um acidente aéreo e velado no Palácio. (MACÁRIO, 2012, doc. eletr.)

Além das badaladas misteriosas e personagens históricos caminhando pelo Museu, também são ouvidas vozes à noite e o piano toca sozinho, coisas estranhas como banheiros misteriosamente trancados também são comuns, assim como vultos passando atrás das portas e portas abrindo e fechando sozinhas, devagar, como se houvesse alguém espiando por detrás delas. Durante a gravação de uma reportagem foi capturado o momento em que uma porta do hall do segundo andar abre discretamente enquanto a funcionária Veronice (figura 15) relata que tal acontecimento faz parte do seu cotidiano, porém é sinalizado que a funcionária tem medo e desconforto de falar sobre o assunto (Idem, 2018).

Figura 15 - A funcionária Veronice Nogueira e a porta que se abre sozinha



Fonte: BALANÇO GERAL FLORIANÓPOLIS, 2018, 1'57"

Ao pesquisar sobre esses relatos é possível identificar semelhanças nas narrativas, embora os eventos ocorram em instituições diferentes. As histórias de assombrações no Museu Mariano Procópio em Juiz de Fora se parecem muito com as do Museu Histórico de Santa Catarina.

Para o superintendente Douglas Fasolato é fácil de entender a origem destes relatos no Museu. “Os museus, prédios históricos, construções antigas, fazendas sempre despertaram o imaginário das pessoas. Algumas com muita criatividade. Mas eu ainda não me encontrei com fantasmas”, afirmou. [...] A historiadora [...] Rosane Carmanini concorda com o superintendente Douglas Fasolato sobre a origem destas histórias. “O que a gente escuta vem muito do imaginário coletivo das pessoas a respeito de um museu, até pelo fato da gente estar em um que já foi uma residência, durante muito tempo. Por isso, surgem estas histórias”, analisou. (G1 ZONA DA MATA, 2015, doc. eletr.)

São recorrentes menções de uma noiva passeando pelo parque histórico que fica em torno dos museus, ou corredores, e badaladas misteriosas:

Há casos onde os objetos ganham o protagonismo. O escritor Laurentino Gomes narrou no blog pessoal em 2013 um episódio curioso vivido durante uma visita ao Museu [Mariano Procópio] para escrever o livro 1889. “Fui surpreendido pelas badaladas suaves e cadenciadas de um relógio antigo, que parecia marcar as horas de outro mundo e de outro tempo. O diretor do Museu, Douglas Fasolato, e alguns integrantes de sua equipe, que me acompanhavam na visita, se entreolharam espantados. Antes que eu perguntasse a razão, Douglas explicou. ‘Esse relógio está parado! Há anos que ninguém lhe dá cordas...’ Foi o que bastou para que apressássemos o passo em direção ao aposento vizinho, mais movimentado e exposto à luz do sol”, contou o escritor. [...] Funcionários explicaram que o relógio que causou a reação de surpresa narrada por Laurentino Gomes foi doado pela família de José Procópio Teixeira para o acervo do Museu. Durante um tempo, ficou exposto na Villa. Atualmente está guardado em uma das salas do arquivo. No entanto, não há informação sobre quem teria dado corda ao relógio no dia da visita do escritor. (G1 ZONA DA MATA, 2015, doc. eletr.)

O som de vozes à noite e barulhos de festa também acontece nesta instituição, assim como no Museu Histórico de Santa Catarina. Segundo Rezzutti (2018), também há relatos de avistamentos de pessoas com roupas de época transitando pelo parque e de homens e mulheres escravizados lavando roupas e carregando trouxas:

Entre os que acreditam em aparições está o auxiliar de serviços que trabalha no Parque, Malto Brandel. Em quase 34 anos na instituição, ele confirma ter visto “assombrações”, como define. “Um dia, eu fechei o portão, já eram 19h, hora de me arrumar para ir embora, quando apareceu uma mulher alta que perguntou, ‘Moço, onde eu saio aqui?’. Aí eu respondi, ‘Moça, já fechou o portão!’. Quando fui abrir para ela sair, ela desapareceu. É, foi embora”, disse. E esta não foi a única vez que Brandel enxergou o que ninguém mais viu. “Na outra vez, depois que o portão foi fechado, apareceu do nada um homem negro e alto perto do lago. Até perdi a voz. Já estava escuro. Chamei um sargento, da equipe que fazia a ronda, mas ele não viu nada. E aqui perto do portão da saída na Rua Dom Pedro I, apareceu umas quatro pessoas carregando trouxas com lençóis vermelhos”, disse. Além das que presenciou, Brandel também ouviu histórias de outros funcionários. “Um vigia que fazia ronda contou que viu uma mulher vestida de noiva, andando tranquila, perto da gruta no parque por volta da meia

noite. Já teve gente que contou que ouviu assobios dentro dos prédios, mas não viram mais ninguém", lembrou. Para ele, a explicação para estes relatos é simples. "Pessoas viveram aqui. E tem gente que tem dom espiritual, não é?". (G1 ZONA DA MATA, 2015, doc. eletr.)

Rezzutti (2018) questiona se tais relatos teriam relação ao fato da família de Mariano Procópio, engenheiro e político, inclusive seu filho Alfredo Ferreira Lage, criador do Museu, estarem sepultados em um mausoléu que está localizado no terreno da instituição. O monumento da sepultura fica na frente da fachada do Museu e é sempre avistado pelos seus visitantes. Seriam eles influenciados por tal mórbida curiosidade?

"As pessoas ficam, de uma certa forma, sensíveis a qualquer barulho, vento, a qualquer situação que possam levá-las a pensar que existam fantasmas. Nós trabalhamos com esta percepção do público, temos contação de história, até mesmo no alto do parque, a caça ao saci, que terá edição em novembro, e já fizemos uma apresentação de Histórias de Arrepiar", destacou o superintendente Douglas Fasolato. (G1 ZONA DA MATA, 2015, doc. eletr.)

A médium e jornalista investigadora paranormal Rosa Maria Jacques e o seu marido João Tochetto de Oliveira, do canal "Caça Fantasmas Brasil", pioneiro no país, investigou a presença de fantasmas em diversos museus brasileiros, entre eles Julio de Castilhos de Porto Alegre-RS, os Museus do Café e Histórico localizados em Ribeirão Preto-SP, o Museu Paranaense de Curitiba-PR e muitos outros (figura 16). Depois, outros canais como o KBC Caçadores de Fantasmas seguiram a tendência e fizeram o mesmo, inclusive há um vídeo onde investigaram o Museu de Antropologia do Vale do Paraíba em Jacareí-SP, tratado adiante. Este tipo de vídeo é inspirado em diversos programas de investigação paranormal do exterior, muitos que também já realizaram investigações em museus com fama de mal assombrados pelo mundo. O próprio casal Warren, mencionado no início deste capítulo, exercia um trabalho semelhante nos Estados Unidos, tendo investigado mais de dez mil casos paranormais (G1, 2013, doc. eletr.).

O Belgrave Hall, localizado em Leicester, Reino Unido, ganhou as manchetes em 1998 depois que um fantasma foi fotografado por uma câmera de segurança. Leicester City Council convidou a International Society for Paranormal Research (ISPR) para explorar o Hall para descobrir se era assombrado ou não (Batt 1999 abup)⁹. Os investigadores relataram

⁹ Do original: apub Batt, Elizabeth (1999) The Belgrave Hall Investigation [online] Available at: <http://www.suite101.com/article.cfm/leicestershire/24181/1> [Accessed 20th May 2011]

que não havia apenas um fantasma, mas vários morando no Hall. Eles concluíram que os fantasmas eram amigáveis, exceto por um fantasma masculino, que era considerado possivelmente perigoso e melhor deixá-lo sozinho. [...] Em 2003, o programa de TV Most Haunted foi ao Belgrave Hall para investigar o fenômeno. Ao tentar fazer contato com os espíritos, dois membros da tripulação desmaiaram e foi decidido que ninguém deveria ir a qualquer lugar da casa sozinho porque não era seguro. Em 2008, foi o programa de TV Ghost Hunters International que investigou o Hall. Eles concluíram que Belgrave Hall é um dos lugares mais assombrados do Reino Unido. (LAMAS; GIMÉNEZ-CASSINA, 2012, p.82-83¹⁰)

Figura 16 - Mosaico de alguns vídeos de Investigações Paranormais em Museus



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCgtaliGzdQtUNbR2VvYTIkA>. Acesso em 26 mar 2021

Um exemplo de vídeo de investigação paranormal, realizado no Brasil pela KBC Caçadores de Fantasmas, nos apresenta o Museu de Antropologia do Vale do Paraíba, situado em Jacareí-SP, que possui uma das lendas mais macabras. O Solar Gomes Leitão, como é conhecido, foi construído por mão de obra escravizada em 1857 pelo cafeicultor e maior comerciante de escravos do Brasil (KBC

¹⁰ Tradução livre do original: "The Belgrave Hall, located in Leicester, UK, made headlines in 1998 after a ghost was photographed by a security camera. Leicester City Council invited the International Society for Paranormal Research (ISPR) to explore the Hall to find out if it was haunted or not (Batt 1999). The investigators reported that there was not only one ghost but quite a few living in the Hall. They concluded that the ghosts were friendly, except for one male ghost, who was thought to be possibly dangerous and best left alone. [...] In 2003, the TV show Most Haunted went to Belgrave Hall to investigate the phenomena. While trying to make contacts with the spirits two crew members fainted and it was decided that no one should go anywhere in the house alone because it was not safe. In 2008, it was the TV show Ghost Hunters International that investigated the Hall. They concluded that Belgrave Hall is one of the most haunted places in the UK. (LAMAS; GIMÉNEZ-CASSINA, 2012, p.82-83)

CAÇADORES DE FANTASMAS, 2017). “Reza a lenda que o antigo dono trancafiava no porão [figura 17] os novos escravos chegados da África e os desobedientes. Por isso, o Museu é considerado portal de sofrimento, ponto mal-assombrado.” (BEDNARSKI, 2021, doc. eletr.). Inclusive, os investigadores do vídeo adentram por estes túneis em buscas de fantasmas.

Além disso, segundo a lenda, o comerciante teria enterrado uma de suas filhas viva dentro das paredes do atual Museu por ela ter-se apaixonado por um escravizado, assim, ela assombra o prédio desde então. A teoria é de que seja a filha chamada Jesuína Gomes da Conceição Leitão, pois esta não casou e pouco sabe-se sobre a sua vida. No vídeo em questão é possível ouvir uma voz que eles acreditam ser dela (KBC CAÇADORES DE FANTASMAS, 2017). Assim como no Museu de Florianópolis, segundo relatos, um dos pianos toca sozinho. Segundo a lenda “Jesuína toca todas as noites de tristeza e dor” (GÓTICOS DO VALE, 2019, doc.eletr.)

O relato mais marcante é a do guarda que a viu descendendo a escadaria com o seu vestido de festa branco, além de ter presenciado o piano tocar sozinho, ter ouvido vozes, choros, calafrios, e barulhos inexplicáveis. Desde então, não há mais segurança noturna, pelo fato de todos terem presenciado experiências sobrenaturais. (Ibidem, doc. eletr.)

Figura 17 - Porões do Solar Gomes Leitão, segundo a lenda, o comerciante escondia escravizados



Fonte: GÓTICOS DO VALE, 2019, doc.eletr.

Pelos relatos analisados durante este trabalho, observei que a grande maioria dos fantasmas que assombram as instituições são de mulheres, geralmente vestidas de branco, especialmente com indumentária de noiva. Alguns fantasmas de mulheres possuíram mortes tristes, como a Dona Leopoldina do Paço Imperial ou

violentas, como a lenda da filha do coronel João da Costa Gomes Leitão. Alguns dos fantasmas masculinos em museus brasileiros são descritos como “camaradas”, especialmente os de figuras históricas, como o fantasma de Jorge Lacerda, do Museu Histórico de Santa Catarina e o fantasma do Barão do Rio Branco, que perambula no Palácio do Itamaraty. Outros fantasmas masculinos que assombram são de renegados ou assassinos, como o fantasma de Marcelino Bispo, no Museu Histórico Nacional. Existem também muitos relatos de fantasmas de escravizados e prisioneiros, como o do Palácio do Itamaraty, o Museu Mariano Procópio e o Museu de Antropologia do Vale do Paraíba.

Ressalta-se, ainda, a figura do vigia noturno que, assustado, recorrentemente pede transferência do setor ou até mesmo demissão. Existem esses relatos no Museu Nacional-RJ, no Museu Histórico Nacional-RJ e até mesmo no Museu Julio de Castilhos-RS, mencionado na introdução deste trabalho (IBALDO, 2013). Isto acontece em versões de museus sobrenaturais internacionais também, a exemplo do Museu de Arte Moderna Reina Sofia. Localizado em Madri, Espanha, o prédio já foi um hospital:

Em 1998, uma das seguranças solicitou licença médica porque durante seus turnos ela se sentia "possuída". Seus colegas de trabalho confirmaram que quando ela estava fazendo ronda pelos corredores, sua expressão facial era distorcida e ela tinha uma voz infantil (LAMAS; GIMÉNEZ-CASSINA, 2012, p.82¹¹).

Se os relatos de fantasmas em museus no território nacional foram tantos que não couberam todos neste trabalho, os do exterior seriam ainda mais extensos. Antes de dar início às pesquisas, não se considerava encontrar tanto material relacionado a assombrações em museus brasileiros. Isto prova que os museus possuem muito potencial para explorar este tipo de narrativa para atrair mais público e incentivar o interesse da população local pela sua história. Em alguns países, essa já é uma prática consolidada, como aprofundaremos no próximo capítulo.

¹¹ Tradução livre do original: “In 1998 one of the security guards requested sick leave because during her shifts she felt ‘possessed’. Her co-workers confirmed that when she was guarding the corridors, her facial expression was twisted and she had a childlike voice (LAMAS; GIMÉNEZ-CASSINA, 2012, p.82)

3 OS FANTASMAS SE DIVERTEM NAS *GHOST TOURS* DOS MUSEUS

No filme “Os fantasmas se divertem” (1988) um casal de fantasmas fica preso à sua antiga casa de campo localizada na fictícia cidade de Winter River, Connecticut. O casal tenta de todas as formas assombrar os novos residentes, uma família arrogante que acha a experiência muito divertida. De fato, a família e seus amigos ficam tão maravilhados com o contato com os mortos que desejam abrir uma casa de shows sobrenaturais na residência, onde os espíritos seriam o espetáculo mas quem lucraria seriam os vivos. Desesperados, os fantasmas contratam um espírito mais experiente, que ao assombrar os novos residentes diz “Bem vindos a Winter River, o museu da ganância humana” (figura 18). É necessário esclarecer que este trabalho é contra a exploração de fantasmas. Ao contrário da ideia dos personagens do filme, o turismo fantasma precisa honrar a memória dos mortos e respeitar as crenças de quem o visita. Histórias de fantasmas também fazem parte da história de muitas instituições e podem ser contadas de maneira respeitosa. Cabe reforçar que as instituições museológicas não visam o lucro de suas atividades.

Figura 18 - Personagens ficam maravilhados ao verem uma assombração



Fonte: Beetlejuice - Os Fantasmas se Divertem (1988) filme 1:18:57 e 1:19:00

No livro “The Haunting of Hill House” (JACKSON, 1959), publicado no Brasil com o nome “A Assombração da Casa da Colina” e que inspirou a série “A Maldição da Residência Hill” (2018) da Netflix¹² o personagem “Dr. Montague” decide residir na assombrada casa da colina por três meses para realizar uma investigação paranormal com uma equipe. Em uma passagem é mencionado um evento

¹²Netflix é uma provedora global de filmes e séries de televisão via streaming.

semelhante ao idealizado pelos personagens do filme “Os Fantasmas se Divertem” (1988):

As intenções do Dr. Montague com relação à Casa da Colina procediam dos métodos dos intrépidos caçadores de fantasmas do século dezenove; ia morar na Casa da Colina e ver o que acontecia. Sua intenção de início era seguir o exemplo da senhora anônima que foi morar na Mansão Ballechin e deu uma festa que durou o verão inteiro para cépticos e crentes, com torneios de croqué e vigílias para observar fantasmas como atrações principais, mas cépticos, crentes e bons jogadores de croqué não se encontram facilmente hoje em dia; Dr. Montague foi forçado a contratar assistentes. (JACKSON, 1959, p.8)

As temáticas relacionadas ao sobrenatural e que flertam com o desconhecido aparecem cada vez mais também na mídia brasileira. Um exemplo é a estreia recente do seriado brasileiro da Netflix de sucesso mundial “Cidade Invisível” (2021), que fez sucesso em mais de quarenta países e trata sobre as lendas relacionadas ao nosso folclore (CASTRO, 2021). Outro é a lenda do “Sete Além”, um universo paralelo sombrio que surgiu através do escritor Luciano Milici e vem chamando atenção do país (MILICI, 2016). Diversos brasileiros afirmam ter viajado sem querer para esta outra dimensão, inclusive no site da Amazon já é possível encontrar livros sobre tal universo, como por exemplo o livro “Medo, Frio e Escuridão 2 - Sete Além: Sete Além” (2020) de Malu Castilho (2020) e o livro “Contos de Sete Além” de Rita Flôres (2020), que contam vários casos sobre o assunto. Além disso, diversas novelas brasileiras já utilizaram fantasmas em suas narrativas, como ocorreu, por exemplo, em “Amor à Vida” (2013), “Escrito nas estrelas” (2010) e “Mulheres Apaixonadas” (2003), entre outras (PEQUENO, 2021).

Como foi mencionado no capítulo anterior, o interesse pelo sobrenatural não é algo novo. No livro de não-ficção “Dança Macabra” Stephen King (1981), um dos mais famosos autores de livros de terror, escreveu sobre seu interesse e sua relação com o gênero. Ele afirma que as pessoas sempre procuram um motivo, como traumas de infâncias ou problemas psicológicos para explicar o que o faz sentir atração pelo tema, como se fosse algo anormal: “Acredito, acima de qualquer coisa, que seja porque todos temos um postulado enterrado fundo nas nossas mentes: que o interesse por terror é doentio e aberrante” (KING, 1981, p.81). Pois, afinal, “[...] por que as pessoas se dispõem a pagar uma boa grana para se sentirem extremamente desconfortáveis?” (Ibidem, p.8). Como também foi visto no capítulo anterior, provocar o medo de forma artificial pode ser uma experiência excitante:

Margee Kerr, uma socióloga que estuda o medo, conduziu estudos sobre as causas e efeitos do medo em humanos. Ela diz que ter medo em ambientes controlados pode ser divertido por causa de processos no cérebro humano.¹³ Quando as pessoas estão com medo, "neurotransmissores como dopamina, endorfinas e serotonina podem ser ativados - portanto, os altos de andar em montanhas-russas, assistir filmes de terror, e, claro, andar por casas mal-assombradas." O que significa que ligeiros sustos em situações não ameaçadoras, como ouvir histórias assustadoras, podem realmente fornecer às pessoas os reagentes químicos necessários em seus cérebros para se divertirem. A busca pelo entretenimento do visitante, assim como a diversão encontrada nas atividades estudadas por Kerr, é compartilhada por toda a indústria do turismo, incluindo as áreas de turismo em museus e sítios históricos. (ALVEY, 2017, p.15)¹⁴

Em seu artigo sobre *Ghost Tours* em museus, a norte-americana Emily R. Alvey (2017) afirma que Stephen King e muitos outros autores acreditam que histórias de fantasmas são envolventes porque nos fazem celebrarmos o fato de que estamos vivos. Nossas vidas passam rápido e os fantasmas são uma maneira de continuarmos presentes nos locais e nas memórias das pessoas que deixamos para trás: "[...] o quão efêmeras são as nossas vidas em relação a um esquema vital mais amplo, em que o pau brasil vive dois mil anos e as tartarugas marinhas de Galápagos podem viver até mil?" (KING, 1981, p.231). Além disso:

[...] formar histórias de fantasmas é uma maneira que as pessoas tentam se conectar com a história e os ocupantes anteriores de determinados locais.¹⁵ [Michael] Bell escreve que a sensação de fantasmas em lugares específicos é uma forma natural que os humanos se conectam a um lugar. Ele diz: "O que estou descrevendo é, acredito, uma característica comum da experiência humana do lugar...Constituímos um lugar em grande parte pelos fantasmas que sentimos que o habitam e o possuem." Bell prossegue explicando que as pessoas que imaginam locais em que muita interação humana ocorreu ao longo do tempo como sendo assombrados está relacionado à ideia de uma pessoa ter uma alma. Ele escreve: "Também experimentamos objetos e lugares como tendo fantasmas. Fazemos isso porque experimentamos objetos e lugares socialmente; nós os experimentamos como fazemos com as pessoas. Por meio dos fantasmas, reencontramos a aura da vida social na aura do lugar." Christopher Gordon,

¹³Margee Kerr, *Scream: Chilling Adventures in the Science of Fear* (New York: PublicAffairs, 2015).

¹⁴ Tradução livre do original: "Margee Kerr, a sociologist who studies fear, has conducted studies on the causes and effects of fear in humans. She says that being scared in controlled environments can be fun because of processes in the human brain. When people are afraid, "neurotransmitters like dopamine, endorphins, and serotonin can be activated—thus the highs from riding roller coasters, watching scary movies, and, of course, walking through haunted houses." Meaning that slight scares in non-threatening situations, such as listening to scary stories, can actually provide people with the chemicals needed in their brains for them to have fun. The pursuance of visitor entertainment, like the fun found in activities studied by Kerr, is one that is shared across the tourism industry, including the fields of museum and historic site tourism."(ALVEY, 2017, p.15)

¹⁵Michael Bell, "Ghosts of Place," *Community and Environment Sociology* 26, no. 6 (1997), retrieved from <http://dces.wisc.edu/wp-content/uploads/sites/30/2013/08/bell-1997-ghosts.pdf>.

Diretor da Biblioteca e Coleções do Museu de História do Missouri, repetiu essas ideias quando foi citado dizendo: “As histórias de fantasmas existem porque a maioria das pessoas deseja algum tipo de conexão tangível com o passado.” Portanto, as lendas sobre a existência de fantasmas muitas vezes podem surgir do desejo das pessoas de acessar o passado¹⁶.” (ALVEY, 2017, p.11-12)¹⁷

Segundo Alvey (2017) histórias de assombrações são um método para nos conectar ao passado e também a nós mesmos, “[...] precisamos de histórias de fantasmas, porque nós, na verdade, somos os fantasmas” (KING, 1981, p.231). Fantasmas são nossas memórias, nossas existências, nosso passado que insistimos em reviver. Ver ou sentir a presença de espíritos de pessoas que viveram e morreram no local onde estamos é uma maneira que o ser humano se conecta a um ambiente, fazemos assim uma espécie de conexão empática com o local e com as figuras que por ali passaram. “O que torna as assombrações e os fantasmas um caso único é sua capacidade de reunir relações materiais, apesar de serem imateriais.” (LUSCOMBE; WALBY; PICHÉ, 2017, p.440)¹⁸. Os relatos de aparições de fantasmas são resquícios da nossa tradição oral:

No artigo, "From History to Haunted: Past Events, Lore can Become Today's Ghost Stories", por Naomi Eide, Yaffe Lottes foi citado como tendo dito: "História oral, o processo de registrar as memórias de um indivíduo do passado, pode conectar e prender alguém à comunidade local."¹⁹ Damon Talbot, um arquivista de coleções especiais da Sociedade Histórica de Maryland, reitera esse conceito quando diz que, "Histórias de fantasmas são mais semelhantes a uma tradição oral."²⁰ O que significa que, de acordo

¹⁶Christopher Gordon quoted by Naomi Eide in "From History to Haunted: Past Events, Lore can Become Today's Ghost Stories," Capital News Service, published October 29, 2015, <http://cnsmaryland.org/2015/10/29/from-historyto-haunted-past-events-lore-can-become-todays-ghost-stories/>.

¹⁷ Tradução livre do original: “[...] forming ghost stories is a way people attempt to connect to the history and past occupants of particular sites. Bell writes that the sensing of ghosts in particular places is a natural way that humans connect to a place. He says, ‘What I am describing is, I believe, a common feature of the human experience of place...We constitute a place in large measure by the ghosts we sense inhabit and possess it.’ Bell goes on to explain that people imagining locations in which a lot of human interaction has taken place over time as being haunted is related to the idea of a person having a soul. He writes, ‘We also experience objects and places as having ghosts. We do so because we experience objects and places socially; we experience them as we do people. Through ghosts, we re-encounter the aura of social life in the aura of place.’ Christopher Gordon, Director of Missouri History Museum’s Library and Collections, echoed these ideas when he was quoted as saying, ‘Ghost stories exist because most people want some kind of tangible connection to the past’ So legends about the existence of ghosts can often arise from a desire of people to access the past.” (ALVEY, 2017, p.11-12)

¹⁸ Tradução livre do original: “What makes hauntings and ghosts a unique case is their ability to draw together material relations despite being immaterial.” (LUSCOMBE; WALBY; PICHÉ, 2017, p.440).

¹⁹ Lottes quoted by Naomi Eide in "From History to Haunted: Past Events, Lore can Become Today's Ghost Stories."

²⁰ Talbot quoted, Ibid.

com a descrição da tradição oral de Yaffe Lottes, as histórias de fantasmas são uma forma das pessoas se conectarem ao passado de comunidades específicas.” (ALVEY, 2017, p.14)²¹

Assim, as narrativas sobre visões sobrenaturais não só nos conectam de maneira empática ao passado dos locais como também ao das comunidades aos quais os prédios com fama de assombrados pertencem. Tais reflexões nos levam a pensar que histórias de fantasmas têm muito em comum com os museus históricos. Afinal, quem nunca ouviu o famoso ditado: “Quem vive de passado é museu”?

Numa associação rápida de palavras, quando pensamos em um museu é bastante provável que a primeira coisa que passe pela nossa cabeça em seguida seja o passado. A razão dessa associação, talvez, esteja intimamente ligada aos museus de história, a sua participação na nossa ideia de nação e identidade e à quantidade de instituições desse tipo existentes no nosso país e no mundo. A esse tipo de associação e de ideia formada sobre um conceito, podemos, vulgarmente, chamar de imaginário. (FERNANDES, 2013, p.16)

Em “Museália”, Mário Chagas (1996) compara os museus com dinossauros que andam em uma metrópole. Os dinossauros são idealizados, romantizados, distantes da realidade, como os museus. Grande parte dos museus carece de recursos, o que resulta em instituições pouco inovadoras e estacionadas no tempo, não criando assim uma identificação dos visitantes com o acervo exposto. Esta característica não se restringe aos museus brasileiros, ainda em “*Gone Haunting: Exploring the Use of Mission-based Ghost Tours in Historic House Museums*” a norte-americana Emily Alvey (2017) apresenta um ponto de vista semelhante, porém mais precisamente acerca dos museus localizados em residências históricas:

[No livro *Anarchist’s Guide to Historic House Museums*, Franklin Vagnone e Deborah Ryan [...] escrevem que os MCHs [Museus de Casas Históricas] falham por causa da sua “incapacidade de fazer conexões entre as experiências da vida real, peculiares e emocionais do passado da casa e os mesmos tipos de sentimentos que os visitantes têm por suas próprias residências.”²² Aqui, Vagnone e Ryan falam de uma oportunidade muitas vezes não aproveitada pelos MCHs para atrair uma ampla gama de visitantes por meio de histórias com as quais o público possa se identificar.

²¹ Tradução livre do original: “In the article, “From History to Haunted: Past Events, Lore can Become Today’s Ghost Stories,” by Naomi Eide, Yaffe Lottes was quoted as saying, “Oral history, the process of recording an individual’s memories from the past, can connect and ground someone to the local community.” Damon Talbot, a special collections archivist at the Maryland Historical Society reiterates this concept when he says that, “Ghost stories are more akin to an oral tradition.” Meaning that, according to Yaffe Lottes’ description of oral tradition, ghost stories are a way for people to connect to the past of specific communities” (ALVEY, 2017, p.14)

²² Vagnone and Ryan, *Anarchist’s Guide to Historic House Museums*, 35

Em seguida, eles citam Paul Reber, Diretor Executivo do Stratford Hall, dizendo: “Os museus de casas históricas são importantes porque são residências domésticas e, por meio desse espaço pessoal, podemos aprender sobre pessoas, vidas e histórias reais.”²³ Vagnone e Ryan continuam dizendo que os MCHs devem estar cientes de que os visitantes desejam “fazer uma conexão pessoal com as pessoas e o espírito de outros tempos”. [...] Vagnone e Ryan dizem que muitos MCHs funcionam mais como casas de bonecas encenadas do que como casas anteriores de pessoas vivas. Com isso, eles significam que em muitos MCHs os móveis e objetos permanecem exibidos nos mesmos locais precisos ao longo dos anos, como se congelados no tempo. Isso dá aos cômodos dessas casas históricas uma impressão mais impessoal e diminui a capacidade dos visitantes de imaginar famílias vivendo suas vidas diárias nelas, não permitindo que os visitantes façam conexões entre suas próprias vidas e a história da casa.²⁴ (ALVEY, 2017, p.8-9)²⁵

Assim como as experiências das "Noites nos Museus" que acompanhamos em reportagens no capítulo anterior, o turismo fantasma também pode ajudar a desvincular esse estereótipo negativo do imaginário popular, especialmente no público jovem. Coincidência ou não, foi encontrada uma extensa literatura de livros de ficção infanto-juvenis nos quais os museus são representados como locais assombrados e cheios de mistérios em países onde muitas instituições museológicas já desenvolvem esse tipo de turismo (figura 19).

Existe inclusive uma coleção de livros infanto-juvenis de contos fictícios sobre museus assombrados denominada “*Haunted Museum*” da escritora Suzanne Weyn (2014a; 2014b; 2014c; 2015). Na imagem ainda podemos ver uma obra intitulada “*Horrors of Haunted Museum*”, do famoso escritor de “*Goosebumps*”, R. L. Stine (1994) sobre museus mal assombrados. Tanto neste livro como no livro infantil “*Katie and the Haunted Museum*”, da coleção “*Katie Woo*” de Fran Manushkin (2019), as histórias acontecem durante uma pernoite em um museu. Steve Brezenoff

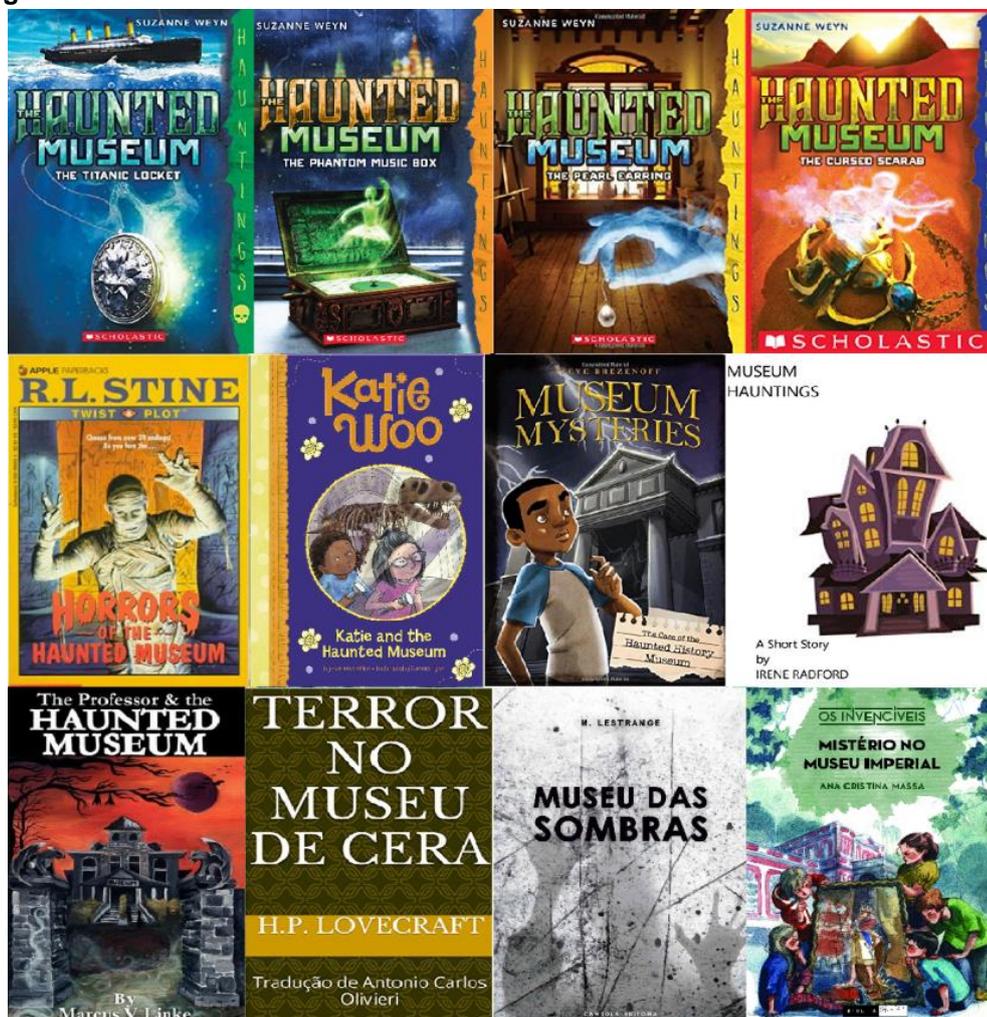
²³ Paul Reber quoted in Franklin Vagnone and Deborah Ryan, *Anarchist’s Guide to Historic House Museums*

²⁴ *Ibid*, 115.

²⁵ Tradução livre do original: “[...] Vagnone and Ryan write that HHMs [Historic House Museums] fail because of their “inability to draw connections between the real-life, quirky, and emotional experiences from the house’s past and the same sorts of feelings in the visitors’ own homes.” Here, Vagnone and Ryan speak to an often unrealized opportunity for HHMs to draw in a wide range of visitors through telling stories that the public can relate to. They then quote Paul Reber, Executive Director of Stratford Hall, as saying, “Historic House Museums are important for the very reason that they are domestic dwellings, and through that personal space, we can learn about real people, lives and history.” Vagnone and Ryan go on to say that HHMs should be aware that visitors want to “make a personal connection with the people and spirit of earlier times.[...] Vagnone and Ryan say that many HHMs function more like staged dollhouses than the former homes of real, live people. By this, they mean that in many HHMs, furniture and objects remain displayed in the same precise locations throughout the years, as if frozen in time. This gives the rooms in these historic houses a more impersonal impression, and diminishes the ability of visitors to imagine families living their daily lives within them, thus not allowing visitors to make connections between their own lives and the history of the house (ALVEY, 2017, p.8)

(2015) escreveu uma coleção de ficção sobre mistérios em museus, “*Museums Mysteries*”, e uma delas, “*The Case of the Haunted History Museum*”, é sobre o mistério de um museu mal assombrado.

Figura 19 - Mosaico de Livros sobre Museus Assombrados e Mistérios em Museus



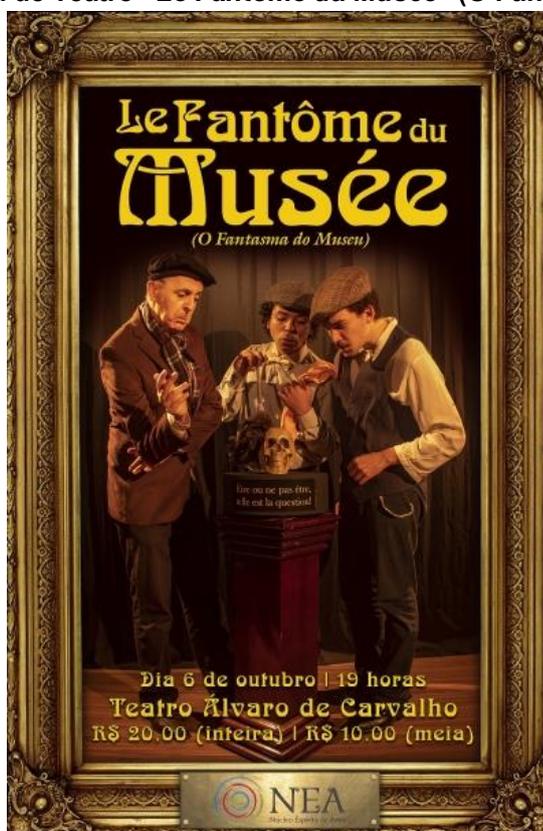
Fonte Amazon.com, 2021

Na imagem ainda há um conto de apenas 32 páginas de Irene Radford (2016), *Museum Hauntings*, e o livro *The Professor and the Haunted Museum* de Marcus V. Linke (2010). Foram encontrados ainda outros títulos, mas uma listagem destes tornaria muito extenso o trabalho. Mas com os livros apresentados percebe-se, pela variedade de títulos com essa temática no mercado, que esse tipo de literatura aproxima os jovens aos museus.

O Brasil parece estar começando a seguir esta tendência também na literatura infanto-juvenil relacionada com museus, como podemos ver ainda na figura

19, há uma tradução recente feita por Antonio Carlos Olivieri do clássico de H.P. Lovecraft, “Horror no Museu de Cera” (2014). Os outros dois livros, de autoria brasileira, “O Museu das Sombras” de M. Lestrage (2020) e “Mistério no Museu Imperial” da série “Os Invencíveis”, de Ana Cristina Massa (2015), parecem seguir mais um clima de mistério do que terror e fantasmas. Cabe, ainda destacar, que em 2019 ocorreu a peça de teatro “*Le Fantôme du Musée*” (O Fantasma do Museu) em Florianópolis-SC (figura 20), sendo o tema explorado por diferentes expressões culturais. “Nosso interesse não é se fantasmas e presenças assustadoras são ou não objetivamente reais [...] só podemos assumir que são tão reais em suas consequências quanto qualquer outra coisa.” (LUSCOMBE; WALBY; PICHÉ, 2017, p.441)²⁶.

Figura 20 - Peça de Teatro “*Le Fantôme du Musée*” (O Fantasma do Museu)



Fonte: FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA, 2019

É interessante observar que a grande maioria destes títulos são recentes e essa parece ser uma mudança que está em voga no mundo, onde o museu perde

²⁶ Tradução livre do original: “Our interest is not in whether or not ghosts and haunting presences are objectively real [...] we can only assume they are as real in their consequences as anything else.” (LUSCOMBE; WALBY; PICHÉ, 2017, p.441).

um pouco a imagem de algo enfadonho e estacionado no tempo e se torna palco de histórias envolventes. Assim, as instituições museológicas brasileiras podem aproveitar esta nova tendência que envolve o imaginário dos museus e atrair mais público através dessa narrativa.

Quer os museus reconheçam seus fantasmas, os transformem em lendas ou os neguem por causa dos tabus sociais e preconceitos, em nossa opinião o sobrenatural pode ser um poderoso veículo para desenvolvimento de público. As sociedades contemporâneas tendem a ser receptivas a fenômenos sobrenaturais. Pesquisas recentes mostram que as pessoas no Ocidente são mais propensas a acreditar em fantasmas e alienígenas (58%) do que em Deus (54%) (The Daily Mail 2008)²⁷. Acredita-se que mais de um terço dos americanos acreditam em casas mal-assombradas, e um em cada cinco acha que é possível se comunicar com pessoas mortas (MSNBC 2008)²⁸. Esses dados sugerem o potencial extraordinário que o sobrenatural possui para museus. Essa ferramenta poderosa deve ser usada com sabedoria, pois também pode ser um meio eficaz para atrair novos públicos. [...] Ao fornecer ao visitante uma versão mais inclusiva de suas histórias, pode-se argumentar que esses museus desencadeiam um processo de humanização da instituição, do edifício e do acervo. Relatos sobrenaturais podem fornecer estruturas históricas e ambientais com as quais o público pode se relacionar, colocando o museu em uma dimensão diferente que vai além da entidade construída e seus artefatos. [...] As histórias de fantasmas podem não apenas aumentar o interesse das pessoas pelos museus, mas também podem criar uma ponte que permita que essas instituições alcancem grupos da população que normalmente não se aventurariam em museus, proporcionando assim um novo acesso à esfera do patrimônio. Essas ações não precisarão ser direcionadas a grupos específicos; devido à extensão da presença do mundo paranormal na sociedade contemporânea, ele teria o potencial de atrair um amplo espectro de indivíduos. (LAMAS; GIMÉNEZ-CASSINA, 2012, p.84-85)²⁹

²⁷ Daily Mail (2008) Believe in God? Oh,no. But I swear by little green men, ghosts and mediums. [online] Available at: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-1088824/Believe-God-Oh-But-I-swear-little-green-men-ghosts-mediums.html> [Accessed 28th March 2011]

²⁸ MSNBC (2008) Supernatural Science – Why We want to believe. [online] Available at: <http://www.msnbc.msn.com/id/26268698/> [Accessed 5th March 2011]

²⁹ Tradução livre do original: “Whether museums acknowledge their ghosts, transform them into legends or deny them because of social taboos and prejudice, in our view the supernatural can be a powerful vehicle for audience development. Contemporary societies tend to be receptive to supernatural phenomena. Recent polls show that people in the West are more likely to believe in ghosts and aliens (58%) than they are in God (54%) (The Daily Mail 2008). Over a third of Americans is thought to believe in haunted houses, and one in five thinks it is possible to communicate with dead people (MSNBC 2008). These data suggest the extraordinary potential that the supernatural holds for museums. Such a powerful tool should be used wisely as it can also be an effective means to attract new audiences.[...] By providing the visitor with a more inclusive version of their histories it could be argued that these museums trigger a process of humanization of the institution, the building and the collection. Supernatural accounts can provide historical and environmental frameworks that the audience can relate to, placing the museum in a different dimension that goes beyond the built entity and its artefacts.[...] Ghost stories might not only increase people’s interest for museums but could also create a bridge that might enable these institutions to reach out to groups of the population who would normally not venture into museums, thus providing a new access to the heritage sphere. These actions will not need to be targeted at specific groups; because of the extent the paranormal world is present in contemporary society, it would have the potential to attract a wide spectrum of individuals.”(LAMAS; GIMÉNEZ-CASSINA, 2012, p.84-85)

Segundo Prezzi (2009) e Ribeiro (2013), o termo “*dark tourism*”, que muitas vezes é traduzido tanto como o turismo macabro quanto turismo sombrio, aparece pela primeira vez no artigo “*International Journal of Science of heritage studies*” de Foley e Lennon (1996). Este trabalho irá utilizar o termo turismo macabro. O turismo macabro pode ser associado “[...] como aquele que envolve visitas a locais, atrações e exposições relacionados com a morte, [desastres], sofrimento ou massacres” (RIBEIRO, 2013, p.12-13). A prática já está bastante difundida no mundo, mas ainda não há muita literatura sobre o assunto no Brasil, embora aqui também seja praticado em alguns eventos. Um exemplo é o roteiro em São Paulo disponibilizado pela Graffit Viagens e Turismo, que consiste em visitar locais de tragédias, como o famoso edifício Joelma e cemitérios (RIBEIRO, 2013).

O turismo macabro pode, inclusive, trazer consequências positivas ao ser utilizado para a conscientização sobre assuntos delicados e importantes. É essencial haver uma boa diretriz para não se tornar uma “exploração da miséria”. Um exemplo positivo, trazido por Prezzi (2009) é o caso do Museu das Minas de Camboja. O país foi alvo de diversas guerras políticas e religiosas e, como consequência, seus pontos turísticos ficaram repletos de minas terrestres, o que prejudicava o turismo do local. Então, o ex soldado *Aki Ra*, que foi treinado pelo exército americano para desativar minas, passou a desativá-las e coletá-las, criando assim um museu onde elas foram expostas, “[...] o museu tornou-se um centro de apoio a vítimas e também um centro de capacitação para pessoas que querem ajudar a desarmar as cerca de seis mil minas remanescentes [...]” (Ibidem, p.40). Foi então criada uma Organização Não Governamental (ONG) que arrecada fundos para ajudar as vítimas de explosivos de guerra e a manter o Museu.

Uma das vantagens e um dos pontos fortes em se estimular o Turismo Sombrio é exatamente esse estímulo à ajuda, à solidariedade com outros povos. O exemplo do Museu das Minas de Camboja é clássico e só reforça o fato de que quanto mais as pessoas conhecem a história e cultura de outros povos e pessoas, mais elas se sentem parte dessa cultura, mais elas se sentem responsáveis em preservar a memória e ajudar, por mais triste que seja. (PREZZI, 2009, p.40)

Outro exemplo é o Museu do Holocausto, localizado na cidade de São Paulo, que ocupa o último andar do Memorial da Imigração Judaica. O próprio site da instituição já informa:

Entre 1933 e 1945 seis milhões de judeus foram assassinados de maneira orquestrada, cruel e sistemática. E para trazer a tona a memória das vítimas dessa tragédia, apontar as causas, mazelas e propor medidas concretas para que possamos nos tornar mais civilizados e empáticos, foi inaugurado em novembro de 2017 o Memorial do Holocausto, na cidade de São Paulo. (MEMORIAL DO HOLOCAUSTO, s.a., doc.eletr.)

Há uma tendência histórica de se contar apenas sob a ótica do lado vencedor, as vitórias, as conquistas e as riquezas de uma nação, ignorando assim as lutas sociais, o sofrimento e as mortes ocorridas no processo. Uma grande parcela dos museus de hoje possuem essa narrativa, geralmente apresentando uma evolução do tema retratado, ou uma idealização da época abordada na instituição. Muitos destes museus representam apenas pequenas elites, o que consiste somente em uma parcela ínfima da sociedade, apresentando uma história parcial, o que limita a sua narrativa. O visitante pode, por exemplo, ficar maravilhado com a beleza da época e vir a criar um sentimento de nostalgia e idealização de um período totalmente romantizado. Inclusive, esta é uma preocupação de muitos museólogos. Em sua dissertação de mestrado, Mario Chagas escreveu “Há uma gota de sangue em cada museu” (CHAGAS, 1999). Por isso, o turismo macabro pode ser um instrumento de conscientização contra a romantização do passado.

Porém, é também perigoso que as únicas lembranças que se tenham de determinadas civilizações sejam apenas como vítimas, pessoas oprimidas e sem recursos, nada além de povos colonizados e dizimados. Em uma conferência TED realizada em 2009 em Oxford, na Inglaterra, a escritora feminista nigeriana Chimamanda Adichie relata sobre estes perigos de se contar uma única história a respeito de outros povos:

A consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas sua dignidade. Faz o reconhecimento da nossa humanidade ser difícil de ser compartilhada. Enfatiza como nós somos diferentes ao invés de como somos semelhantes. [...] Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida [...] Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso. (ADICHIE, 2009, 13'35"-18'15")

O museu deve se comprometer com uma extensa pesquisa, caso contrário sua narrativa poderá ficar restrita a um único ponto de vista daquela história. O

turismo macabro precisa, portanto, tomar o cuidado de não se tornar a única visão sobre um local ou uma civilização.

Mas afinal, qual a ligação do turismo macabro com as tais *Ghost Tours* e com o turismo fantasma e quais são exatamente suas definições? Segundo Alvey (2017) o turismo fantasma é uma subseção do “*dark tourism*”, enquanto *Ghost Tour* é uma das principais ferramentas utilizadas pelo turismo fantasma e pode ocorrer de diferentes formas. Para a autora o turismo fantasma é uma das subseções mais suaves do turismo macabro:

Garcia define o turismo fantasma como “o desejo de encontrar fantasmas, o interesse pelo sobrenatural e a visitação de lugares associados ao mundo espiritual”.³⁰ Holloway expande essa definição em sua explicação de como o turismo fantasma se relaciona com outras subseções dentro da larga indústria do turismo macabro.³¹ Ela explica que o turismo fantasma “tende para a extremidade mais leve do espectro do turismo macabro, com o entretenimento sendo uma orientação fundamental, especialmente para passeios fantasma...isso não impede momentos de reflexão solene e crença genuína e tentativas de fornecer retratos historicamente precisos.”³² Assim, de acordo com Holloway, devido ao foco no entretenimento do visitante, o turismo fantasma é uma forma mais leve de turismo macabro, embora o turismo fantasma ainda possa manter a seriedade dos assuntos históricos vistos no lado “mais sombrio” do espectro do turismo macabro. Ao falar sobre as motivações para os participantes do turismo fantasma, Garcia escreve que muitos consumidores compartilham do aumento da expectativa que experimentam quando confrontados com a possibilidade de ficarem assustados ou perturbados com o desempenho do passeio. Esta ideia ecoa as conclusões dos estudos de Margee Kerr sobre o medo, bem como as teorias de King e Gaiman sobre o consumo popular de histórias de fantasmas - que as pessoas gostam de ficar com medo em pequenas doses em ambientes controlados. (ALVEY, 2017, p.19-20)³³

³⁰ Garcia, “Management Issues in Dark Tourism Attractions: The Case of Ghost Tours in Edinburgh and Toledo.”

³¹ Julian Holloway, “Legend-tripping in Spooky Spaces: Ghost Tourism and Infrastructures of Enchantment,” *Environment and Planning*, published November 11, 2009, retrieved from <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1068/d9909>

³² Ibid.

³³ Tradução livre do original: “Garcia defines ghost tourism as “the desire to encounter ghosts, interest in the supernatural, and visitation of places associated with the spirit world.” Holloway expands on this definition in her explanation of how ghost tourism relates to other subsects within the larger dark tourism industry. She explains that ghost tourism “tends towards the lighter end of the dark tourism spectrum, with entertainment being a key orientation, especially for ghost tours....this does not preclude moments of solemn reflection and genuine belief and attempts at providing historically accurate portrayals.” Thus, according to Holloway, because of the focus on visitor entertainment ghost tourism is a lighter form of dark tourism, although ghost tourism can still maintain the seriousness of historical subject matters seen on the “darker” side of the dark tourism spectrum. When speaking on motivations for participants of ghost tourism, Garcia writes that many consumers partake for the build-up of anticipation they experience when faced with the possibility of being frightened or disturbed by the tour performance. This idea echoes the conclusions of Margee Kerr’s studies on fear as well as King and Gaiman’s theories on the popular consumption of ghost stories—that people enjoy being scared in small doses within controlled environments.” (ALVEY, 2017, p.19-20)

Alvey (2017) cita dois artigos que classificam os três diferentes tipos de *Ghost Tours*, o de Julian Holloway (2009), “*Legend-tripping in Spooky Spaces: Ghost Tourism and Infrastructures of Enchantment*” e o de Michele Hanks (2015), “*Haunted Heritage: The Cultural Politics of Ghost Tourism, Populism, and the Past*”, embora as duas classificações possuam algumas semelhanças, a autora utiliza as de Michele Hanks (2015).

O primeiro tipo de *Ghost Tour* seriam as visitas a destinos assombrados “[...] para os quais Holloway (2009) se concentra em destinos de hospedagem em particular, mas Hanks (2015) adiciona museus e locais históricos” (ALVEY, 2017, p.20)³⁴. Neste tipo de turismo fantasma, o turista normalmente viaja por conta própria para locais com fama de assombrados apenas para conhecer e procurar sentir como é estar naquele ambiente: “Essas experiências podem incluir passeios, sessões espíritas e outras apresentações relacionadas à história assombrada de um determinado local” (Ibidem, p.20)³⁵. Um exemplo deste tipo de *Ghost Tour*, apontada pela própria autora é o Hotel The Stanley, do filme “O Iluminado”, localizado em Estes, Colorado. Este hotel realiza suas próprias *Ghost Tours* todas as noites, onde também aproveita para educar os turistas sobre o passado do hotel. Outro exemplo que aqui poderia ser incluído é o do famoso Hotel Cecil, que foi palco da misteriosa morte de Elisa Lam e ganhou até documentário da Netflix pela sua fama e seu histórico macabro (figura 21). “Esta é também a categoria que a maioria dos locais históricos e casas com sua própria programação mal-assombrada seriam incluídos” (Ibidem, p.20-21)³⁶.

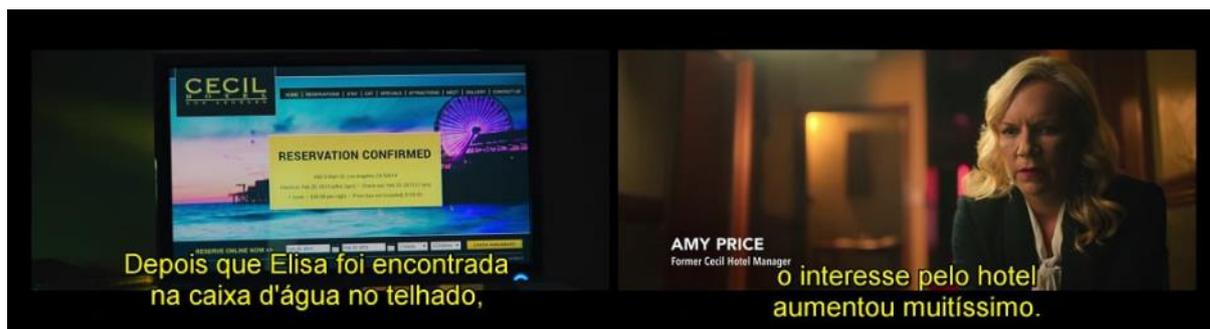
Queria ver se sentia alguma coisa. “Até agora, nada”, disse rindo Richard Prado, 22 anos, que veio [visitar o Hotel Cecil] com um amigo de Bakersfield, onde trabalham numa fazenda de alface. “Queria saber por onde Elisa esteve, experimentar o lugar. Quero ser investigador criminal um dia. (EZABELLA, 2021, doc. eletr.)

³⁴ Tradução livre do original: “[...] for which Holloway focuses on lodging destinations in particular but Hanks adds museums and historic sites.” (ALVEY, 2017, p.20)

³⁵ Tradução livre do original: “These experiences can include tours, séances, and other presentations related to the haunted history of a particular location.” (ALVEY, 2017, p.20)

³⁶ tradução livre do original: “This is also the category that the majority of historic sites and houses possessing their own haunted programming would be included within.” (ALVEY, 2017, p.20-21)

Figura 21 - Interesse no Hotel Cecil aumenta após morte misteriosa



Fonte: NETFLIX, Cena do Crime - Mistério e Morte no Hotel Cecil T1: E:3, 2020, Vídeo 3'30" 3'33"

A segunda categoria de *Ghost Tours* seriam as famosas caça aos fantasmas ou investigações paranormais, as quais os turistas tentam encontrar evidências da presença de fantasmas em locais com fama de mal assombrados. Geralmente munidos com equipamentos que detectam a mudança de temperatura e outros tipos de aparelhos, os turistas passam a noite procurando por espíritos. Este tipo de turismo se popularizou com os programas do gênero, já abordado no capítulo anterior. Segundo Alvey (2017) muitos locais oferecem esta experiência aos turistas e até alugam os equipamentos. Para ela, a popularização dessas atividades deu fomento às *Ghost Tours* de forma geral. Lembrando que o casal Warren, também mencionado no capítulo anterior, famoso pelo universo da franquia de filmes “Invocação do Mal”, eram eles mesmos caça-fantasmas. Teria a franquia também popularizado estas atividades?

Por fim, o terceiro tipo de *Ghost Tour* apresentado por Alvey (2017) são os passeios a pé de fantasmas, onde os turistas caminham em um roteiro pelas cidades com um guia que os leva a diferentes locais com famas de assombrados e contam as histórias dos mesmos relacionando com as histórias do município.

Embora alguns envolvam entrar nos próprios locais, a maioria dos passeios a pé de fantasma são realizados quase inteiramente do lado de fora. Para passeios a pé de fantasmas, o foco é mais amplamente sobre as famosas histórias de fantasmas da área e, portanto, menos em profundidade sobre a história de cada local. (ALVEY, 2017, p.21)³⁷

³⁷ Tradução livre do original: “Although some involve entering the sites themselves, most ghost walking tours are conducted almost entirely outside. For ghost walking tours, the focus is more broadly about famous ghost stories of the area, and therefore less in depth about the history of each location” (ALVEY, 2017, p.21)

Em 1994, Milton Teixeira, historiador e guia turístico, já realizava um roteiro do gênero, que explorava os locais mais assombrados da cidade do Rio de Janeiro (figura 22). Embora a reportagem tenha o título de “Caça-fantasmas”, esta *Ghost Tour* não se encaixava nessa categoria. A *tour* contava com o seguinte roteiro: Paço Imperial, Arco do Teles, Mosteiro de São Bento, Igreja do Rosário, Convento de Santo Antônio, Teatro Municipal, Museu Nacional de Belas Artes, antigo prédio do Supremo Tribunal Federal, Câmara dos Vereadores e Museu Histórico Nacional. O fantasma de Tiradentes no Museu Histórico Nacional, mencionado no capítulo anterior, ganha foco na reportagem. Milton Teixeira também foi quem concedeu entrevistas aos dois museólogos, Mariana Lamas e Eduardo Giménez-Cassina, para realização do artigo “*Super Ghost Me: Stories from the ‘Other Side’ of the Museum*” (2012), uma das principais fontes deste trabalho.

A excursão elaborada por Milton Teixeira, além de mostrar os prédios mal-assombrados, vai também contar casos curiosos envolvendo aparições ao longo da história do Rio. A aparição mais convincente ocorreu em 1710, quando todo um pelotão que enfrentava piratas franceses jurou ter visto nada menos que Santo Antônio participando da luta em defesa da cidade. A vitória fez com que Santo Antônio fosse incorporado ao Exército e chegasse ao cargo de tenente-coronel. Como todo ex-combatente, o santo recebeu soldo até 1910, entregue religiosamente ao convento que leva seu nome, no Centro. (MATTA, 1994, p.32)

Figura 22 - Roteiro Turístico “Caça-fantasma” no Rio de Janeiro

Caça-fantasma no Rio

■ Roteiro turístico mostrará locais de visões misteriosas

DANIELA MATTA

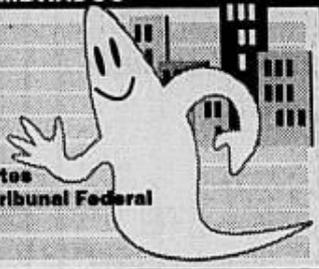
Portas batendo, espectros de freiras sem cabeça e barulho de correntes sendo arrastadas pelo chão — os cariocas não precisam mais ir à Escócia ou Inglaterra para viver experiências de arrepiar os cabelos. A partir de setembro, um roteiro criado pelo historiador Milton Teixeira mostrará a céticos e curiosos em geral os pontos mais fantasmagóricos do Rio.

O roteiro, segundo Milton Teixeira — um dos maiores especialistas em história da cidade — inclui mais de 20 prédios assombrados por “almas desencarnadas, como o Teatro Municipal, a Fortaleza de Santa Cruz e o Museu Histórico Nacional”. Nestes lugares, garante ele, é comum se escutar gritos, sussurros e pedidos de socorro. A Fortaleza de Santa Cruz, em Niterói, serviu como presídio até o Golpe de 64. Nas celas vazias do subterrâneo, afirma ele, ouve-se gemidos e choros.

Tiradentes — Outro prédio rico em mistérios é o do Museu Histórico Nacional, antigo Arsenal da Marinha, no Centro. A atual direção não confir-

OS PRÉDIOS MAL-ASSOMBRADOS

- Paço Imperial
- Arco do Teles
- Mosteiro de São Bento
- Igreja do Rosário
- Convento de Santo Antônio
- Teatro Municipal
- Museu Nacional de Belas Artes
- Antigo prédio do Supremo Tribunal Federal
- Câmara dos Vereadores
- Museu Histórico Nacional



ma a existência de almas penadas rondando o prédio, mas admite que há motivos que justificariam assombrações, lembrando que numa das celas do calabouço foi espartilhado o corpo de Tiradentes.

Na Cinelândia está a maior concentração de fantasmas por metro quadrado do Rio. Quem garante é Milton Teixeira, que incluiu no seu roteiro sobrenatural o Teatro Municipal, a Biblioteca Nacional, o Museu Nacional de Belas Artes, a Câmara dos Vereadores e o antigo prédio do Supremo Tribunal Federal (STF). A explicação para isso vem do século 18, quando no local ocupado pela Câmara dos Vereadores existiam ruínas de uma capela onde eram realizados cultos satânicos.

Mas que não se pense, diz Milton Teixeira, que fantasmas só habitam construções antigas. Com a palavra os funcionários

do moderno prédio da Faculdade Candido Mendes, no Centro: muitos garantem que já ouviram gritos e o barulho de areia sendo jogada no chão. A Riotur, instalada no oitavo andar, já teve um bom número de fantasmas em seu quadro.

A excursão elaborada por Milton Teixeira, além de mostrar os prédios mal-assombrados, vai também contar casos curiosos envolvendo aparições ao longo da história do Rio. A aparição mais convincente ocorreu em 1710, quando todo um pelotão que enfrentava piratas franceses jurou ter visto nada menos que Santo Antônio participando da luta em defesa da cidade. A vitória fez com que Santo Antônio fosse incorporado ao Exército e chegasse ao cargo de tenente-coronel. Como todo ex-combatente, o santo recebeu soldo até 1910, entregue religiosamente ao convento que leva seu nome, no Centro.

Fonte: MATTA, 1994, p.32

A capital do Rio Grande do Sul também já possui um passeio semelhante ao que Milton Teixeira organizava há vinte e sete anos atrás. O músico e publicitário André Barbosa Hernandez Neto, mais conhecido como André Neto, foi o idealizador do roteiro de turismo fantasma “Porto Alegre Mal-Assombrada” (figura 23) e em 2012 escreveu o livro “Museu de Horror”, sob o pseudônimo de Barbosa Pedro Caeiro (LINKEDIN, s.a.) O roteiro da *Ghost Tour* consiste em visitar diversos locais do Centro Histórico de Porto Alegre que possuem histórias macabras, sendo eles:

Viaduto da rua Duque de Caxias, Museu Julio de Castilhos, Catedral de Porto Alegre, Cemitério escondido da igreja, Fernando Machado e suas histórias, Boulevard da Formiga, Castelinho do Alto da Bronze, Largo da Forca, Igreja das Dores e a Praça da Alfândega. Segundo o site, há um “ponto energético” na frente do Museu Julio de Castilhos, do outro lado da rua: "Muita gente conta que se você bater uma foto no espelho dentro do museu verá algo que não esperava. Será? Sinceramente, ainda não criei coragem de fazer isso!" (EQUIPE GARFO & MALA, 2020, doc eletr.).

Figura 23 - Roteiro Turístico “Porto Alegre Mal-Assombrada”



Fonte: EQUIPE GARFO & MALA, 2020, doc.eletr.

Algumas lendas do roteiro apareceram também na exposição curricular do curso de Museologia da UFRGS de 2011: “Fatos, Lendas e Mitos: um olhar sobre o imaginário de Porto Alegre”. A exposição ocorreu no Memorial do Ministério do Público e trazia uma exposição sobre as lendas “Maria Degolada”, “O Crime da Rua do Arvoredo” e a “Prisioneira do Castelinho do Alto da Bronze:

Destacamos três histórias, três fatos ocorridos na cidade de Porto Alegre, histórias essas que assumiram vida própria e se perpetuam até hoje, tamanho seu impacto, chocando e abalando as estruturas de uma sociedade em pleno desenvolvimento. O imaginário, as apropriações que seus sujeitos assumem diante de fatos ocorridos, histórias que criam representações e fazem surgir imagens, crenças, teorias, vivências, práticas culturais criadoras e fortificadoras das identidades locais. “Maria Degolada”, “O Crime da Rua do Arvoredo” e a “Prisioneira do Castelinho do Alto da Bronze” são três histórias que se tornaram mitos e lendas no imaginário popular. Assim, esta exposição busca rememorar o imaginário dos porto-alegrenses através desses crimes, que ainda estão latentes na fantasia de todos. (FATOS, LENDAS E MITOS, 2011, doc. eletr.)

Figura 24 - Recurso expográfico em espelho no “Núcleo Maria Degolada”



Fonte: Fotografia dos curadores da exposição Fatos, Lendas e Mitos, 2011.

Apenas um ano depois os alunos de Museologia da UFRGS realizaram a exposição “O Imaginário da Ilha da Pintada: bruxas, lobisomens, crendices e casos” (UFRGS, 2012) ao qual tive a honra de participar (figura 25). Novamente observamos um flerte da Museologia com a área, mesmo no Brasil.

Figura 25 - Exposição “Mistérios da Ilha da Pintada”



Fonte: Fotografia de Nara Witt, 2012.

Alvey (2017) realizou três *Ghost Tours* em três museus dos Estados Unidos: *Woodruff-Fontaine House Museum*, localizado em Memphis, Tennessee, o *John Wornall House Museum* na Cidade do Kansas, em Missouri, e o *Whaley House Museum* em San Diego, Califórnia:

Os locais foram selecionados usando os seguintes critérios: 1) seu passeio fantasma parecia se adequar à sua declaração de missão, com base em comparações superficiais entre o texto de sua missão e a descrição dos passeios fantasmas em materiais promocionais; 2) disponibilidade de seus passeios fantasmas durante o ano todo, seja por meio de eventos agendados ou reservas de grupos; e 3) o quão conhecidos eles pareciam ser pelos passeios fantasmas ao público, conforme indicado pela alta frequência de links referentes aos passeios fantasmas encontrados nas buscas dos museus na internet. Os locais são de três regiões diferentes do país - uma no sul, uma no meio-oeste e uma no oeste - e utilizam três métodos diferentes de implementação de turismo - o *Woodruff-Fontaine* usa passeios públicos mensais executados com uma empresa de turismo parceira, o *John A Wornall House* oferece passeios privados em grupo durante todo o ano, bem como passeios públicos fantasmas temáticos todo mês de outubro, administrados por funcionários e guias do museu, e o *Whaley House* usa passeios públicos semanais administrados pela equipe do museu. (ALVEY, 2017, p.26-27)³⁸

No primeiro museu, *Woodruff-Fontaine House Museum*, Alvey (2017) relata que a *Ghost Tour* é realizada por uma equipe terceirizada de turismo fantasma. A guia turística utiliza equipamentos de investigação paranormal e tenta se comunicar com os mortos, possibilitando os turistas de fazerem o mesmo. A *tour* se baseia basicamente na guia contando as histórias dos antigos residentes da casa e quais se tornaram os fantasmas avistados na instituição. Ela também narra onde esses fantasmas costumam ser avistados e eventos mais marcantes em que isto ocorreu, como uma vez em que um investigador paranormal arranhou o braço ao fazer uma pergunta a uma das crianças. Nenhum fantasma foi avistado ou ouvido durante a *tour*, mas o medidor elétrico da guia saltou para o vermelho após ela perguntar se o

³⁸ Tradução livre do original: "Sites were selected using the following criteria: 1) their ghost tour seemed to fit with their mission statement, based on cursory comparisons between the wording of their mission and the description of the ghost tours within promotional materials; 2) the year-round availability of their ghost tours, either through scheduled events or group reservations; and 3) how well known they seemed to be for their ghost tours to the public, as indicated by the high frequency of links referring to their ghost tours found in internet searches of the museums. The sites are from three different regions of the country—one in the South, one the Midwest, and one the West—and utilize three different tour implementation methods—the Woodruff-Fontaine uses monthly public tours run with a tour company partner, the John Wornall House offers private group tours year-round as well as public themed ghost tours every October that are run by staff and docents of the museum, and the Whaley House uses weekly public tours run by museum staff." (ALVEY, 2017, p.26-27)

fantasma queria que eles se retirassem do recinto. Após a *tour*, os turistas foram incentivados a explorarem a casa por sua conta e risco.

Ao pesquisar sobre a *Ghost Tour* destes museus na internet, este foi um dos que mais encontrei informações. No site Viator (s.a.), do TripAdvisor, aparentemente é possível agendar a *tour* até mesmo aqui do Brasil, embora atualmente não esteja disponível, provavelmente em consequência da pandemia do coronavírus. Neste site há duas fotos (figura 26) e mais detalhes sobre a *tour*.

Sua excursão fantasma de 2,5 horas após o expediente do Woodruff-Fontaine House Museum em Memphis começa às 19h30 em ponto. Encontre seu guia investigador paranormal no Woodruff-Fontaine House Museum na Adams Avenue um pouco antes do horário de partida da sua turnê. Por causa da natureza assustadora desse passeio, os participantes devem ter 18 anos ou mais. Seu guia leva você até a casa que foi construída em 1871. Pode ser difícil argumentar com os rumores assombrados da casa enquanto você se aventura sob luzes mal iluminadas. Seu guia lhe conta um resumo histórico das famílias e das pessoas que chamaram esse lugar de lar nos últimos 145 anos. Ele ou ela também explica por que muitas pessoas acreditam que os espíritos ainda vagam pelos corredores. Ao seguir seu guia, observe todos os móveis históricos, obras de arte e tecidos da casa. Seu guia fornece um equipamento de investigação paranormal especial para detectar se há alguma atividade acontecendo. Uma vez que sua turnê terminar, vá embora e decida por si mesmo se você acredita em fantasmas no *Woodruff-Fontaine House Museum*. (VIATOR, s.a., doc. eletr.)

Figura 26 - Ghost Tours no Woodruff-Fontaine House Museum



Fonte: VIATOR, s.a., doc. eletr.

Outro aspecto interessante são os comentários sobre o passeio e como eles diferem entre si, dois em inglês e dois em português. Enquanto dois deram nota máxima (cinco estrelas), um deu apenas uma e o outro apenas duas. O primeiro comentário, feito em janeiro de 2019 em português, de cinco estrelas, aponta:

Este passeio é muito divertido, definitivamente vale a pena o tempo e dinheiro. Você aprende muito sobre a casa e aqueles que viveram lá no passado. Se você está procurando interações assombradas e atividades, esta é absolutamente a turnê que você quer. (VIATOR, s.a., doc. eletr.)

O segundo comentário, feito em setembro de 2018, também em português - mas dessa vez com uma única estrela -, tem uma opinião extremamente oposta:

Horrível. Muito decepcionado. Pode ter sido apenas o único guia que tínhamos, mas foi horrível. Não é interessante, não flui com a história da casa. O guia não era profissional ou representava bem o Fontaine Home. O guia também vários jabs [sic] em Memphis como uma cidade. Nós tínhamos esperado casa mal iluminada, o guia de excursão vestiu [sic] em traje de período e ser levado atrás a tempo. . . . Nada como isso. Havia um cavalheiro ali vestido no período, eu gostaria que ele tivesse sido o guia. Saímos depois de 40 minutos. . . . o pensamento de mais uma hora e meia era insuportável. Vamos voltar e fazer um tour regular sem Ghost Hunters. (Ibidem, doc. eletr.)

Tanto neste comentário como em uma das fotos do site mostram que há um ator vestido com roupas de época, dado não apontado por Alvey (2017) e nem mesmo pelo site em que se faz reservas. O outro comentário de apenas duas estrelas, desta vez em inglês, feito em outubro de 2018 e seu autor esperava uma proposta diferente da que foi apresentada:

Duas horas de conversa, entediante demais. Primeiro, aparentemente eu não entendi e pensei que haveria uma verdadeira caça aos fantasmas envolvida. Não há. Este é um tour de palestras de duas horas. Isso poderia não ter sido tão ruim, se muito disso não fosse impreciso ou não relacionado ao tópico. Honestamente, mal podíamos esperar para sair. E conversando com algumas das outras pessoas lá, não estávamos sozinhos em nossa opinião. Na verdade, foi tão ruim que deixamos de ir a um tour que havíamos pago em um local diferente na noite seguinte, já que era administrado pelo mesmo grupo. (Ibidem, doc. eletr.)³⁹

O último comentário, realizado em fevereiro de 2018, avalia a experiência com cinco estrelas e não poderia ser mais extremo em relação aos anteriores:

Envolvente e Emocionante. Sou alguém que é cético em relação a fantasmas, mas achei que seria uma atividade divertida para mim e minha

³⁹ Tradução livre do original: “Two hours of talking, bored out of my head. First, apparently I misunderstood and thought there would be some actual ghost hunting involved. There is NOT. This is a two hour lecture tour. That might not have been so bad, had so much of it not been inaccurate or unrelated to the topic. Honestly, we couldn't wait to leave. And talking with some of the other people there, we were not alone in our opinion. It was actually so bad that we skipped going to a tour we had paid for at a different site the next night, since it was run by the same group.” (VIATOR, s.a., doc. eletr.)

cara-metade e que valeria as duas horas e meia de carro de Arkansas. A mansão era linda e os guias turísticos foram muito agradáveis e educados sobre a história da casa e Memphis em torno da era vitoriana. Eles trouxeram muitos instrumentos de "caça aos fantasmas" que tornaram as histórias e interações com os espíritos emocionantes e nós obtivemos algumas respostas divertidas nos instrumentos em resposta a alguns dos comentários feitos por um membro do grupo de turismo. Eu definitivamente adoraria voltar e ir em uma caça fantasma de 3 horas com luzes apagadas ou o *pub crawl* [ato de beber em vários pubs ou bares com um grupo em uma única noite]. (Ibidem, s.a., doc. eletr.)⁴⁰

Os relatos de Alvey (2017) sobre as *Ghost Tours* dos outros dois museus são bastante semelhantes. No *John Wornall House Museum*, que já serviu de hospital de feridos de guerra, ocorrem dois tipos de *tours*: as individuais que ocorrem o ano todo sob agendamento e as públicas que ocorrem nas duas últimas semanas de outubro. A autora apenas acompanhou uma sessão particular. A experiência durou cerca de trinta e cinco minutos e teve a mesma estrutura do primeiro museu, onde um guia turístico acompanhou a pessoa contando sobre a história da casa e dos avistamentos de fantasmas:

A turnê em outubro está estruturada para incluir vinhetas diferentes apresentando tópicos como cirurgias no campo de batalha da Guerra Civil, práticas de luto e histórias de fantasmas familiares apresentadas por vários guias do museu, funcionários e grupos de desempenho de parceiros em cada cômodo da casa. Os passeios fantasmas privados seguem um modelo mais tradicional de visitas guiadas, com um guia ou membro da equipe conduzindo um grupo de visitantes por cada divisão da casa, contando a história da família e histórias de fantasmas comuns que os rodeiam. (ALVEY, 2017, p.33)⁴¹

Infelizmente, ao pesquisar sobre as *Ghost Tours* dessa instituição, não encontrei tantas informações como as do primeiro museu mencionado por Alvey (2017). Mas é possível agendar as *Ghost Tours* no site do local. No mês de outubro do ano passado ocorreram as "*Spectral Distancing*" *Ghost Tours* (figura 27), onde

⁴⁰ Tradução livre do original: "Engaging and Exciting. I'm someone who is skeptical about ghosts, but I thought this would be a fun activity for my significant other and me and worth the two and a half hour drive from Arkansas. The manor was gorgeous and the tour guides were very nice and educated about the history of the house and Memphis around the Victorian Era. They brought along many "ghost hunting" instruments which made the stories and interactions with the spirits exciting and we got some fun responses on the instruments in reply to some of the comments made by a member of the tour group. I would definitely love to come back and go on one of the 3 hours lights out ghost hunt or the pub crawl." (VIATOR, s.a., doc. eletr.)

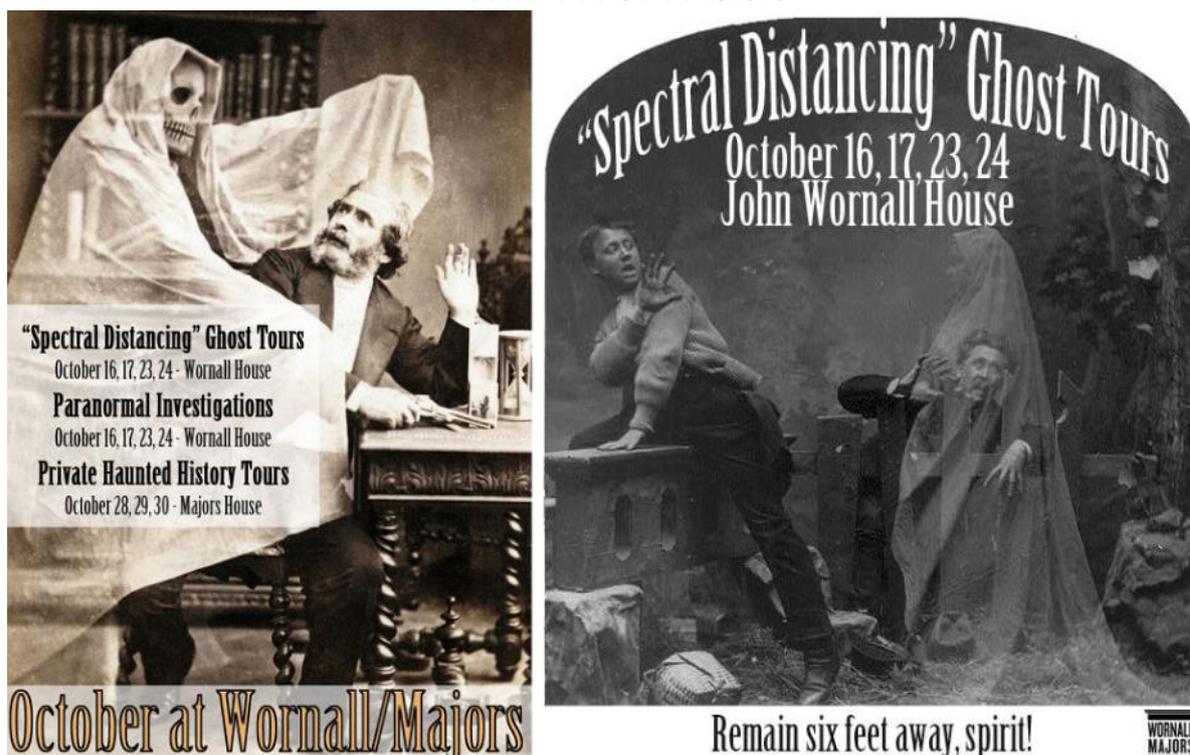
⁴¹ Tradução livre do original: "The tour in October is structured to include different vignettes featuring topics such as Civil War battlefield surgeries, mourning practices, and family ghost stories put on by numerous docents, staff, and partner performance groups in each room of the house. The private ghost tours follow a more traditional guided tour model, with one docent or staff member leading a group of visitors through each room of the house, telling the history of the family and common ghost stories that surround them." (ALVEY, 2017, p.33)

houveram *tours* guiadas e investigações paranormais. Além do museu visitado pela autora, no site há uma espécie de união com o museu *The Alexander Majors House Museum*, que também realiza *Ghost Tours*.

Fantasmas são ótimos no distanciamento social - nós também! Os museus Wornall / Majors House têm várias opções fantasmagóricas neste mês de outubro para atender à sua sede de experiências paranormais e, ao mesmo tempo, permanecer seguro. Encontre o evento que mais se adapta ao seu nível de conforto e deixe-se levar por nós! [...] "Spectral Distancing" Ghost Tours: O que torna a Wornall House um dos locais mais famosos e mal-assombrados de Kansas City? Descubra neste híbrido único de narrativa e história. Comece sua excursão com duas apresentações ao ar livre que mergulharão nos fantasmas que foram vistos no terreno da Wornall House e definirão o cenário para sua entrada na casa. Você terá trinta minutos para explorar a Wornall House em seu próprio ritmo, com a ajuda de um guia de áudio que apontará alguns dos pontos quentes da casa, explorará a história da família Wornall e contará algumas de nossas lendas mais memoráveis. [...] Os passeios saem a cada 30 minutos, começando às 18h e o último passeio da noite começando às 20h30. [...] Investigações Paranormais: Você já se perguntou como os investigadores paranormais pesquisam um local assombrado e se comunicam com os espíritos? Explore a John Wornall House assombrada com um investigador profissional para aprender a tradição da Wornall House, usar equipamento de caça fantasma e talvez até mesmo se comunicar com um dos espíritos que dizem permanecer! O tamanho do grupo é limitado a apenas 8 membros do público para a melhor e mais íntima experiência. [...] Duas investigações por noite, começando às 22h00 e 0h15. (WORNALL/ MAJORS HOUSE MUSEUS, 2020a, doc. eletr.)⁴²

⁴² Tradução livre do original: "Ghosts are great at social distancing – we are too! Wornall/Majors House Museums has several ghostly options this October to suit your thirst for paranormal experiences while remaining safe. Find the event that best suits your comfort level and get spooked with us! [...] "Spectral Distancing" Ghost Tours : What makes the Wornall House one of the most famous haunted hot spots in Kansas City? Find out in this unique hybrid of storytelling and history. Begin your tour with two outdoor performances that will delve into the ghosts that have been seen on the grounds of the Wornall House and set the stage for your entry into the House. You will then have thirty minutes to explore the Wornall House at your own pace, with the help of an audio guide that will point out some of the haunted hot spots of the home, explore the history of the Wornall family, and recount some of our most memorable legends. [...] Tours leave every 30 minutes, starting at 6:00 PM with the last tour of the night beginning at 8:30 PM. [...] Paranormal Investigations: Have you ever wondered how paranormal investigators research a haunted hot spot and communicate with spirits? Explore the haunted John Wornall House with a professional investigator to learn the lore of the Wornall House, use ghost hunting gear, and maybe even commune with one of the spirits said to remain! Group size is limited to just 8 members of the public for the best, most intimate experience. [...]Two investigations per night, starting at 10:00 PM and 12:15 AM. (WORNALL/ MAJORS HOUSE MUSEUS, 2020a, doc. eletr.)

Figura 27 - Anúncio das “Spectral Distancing” *Ghost Tours* nos *Wornall/ Majors House Museums* de Outubro/2020



Fonte: WORNALL/ MAJORS HOUSE MUSEUS, 2020a; 2020b

No terceiro local de pesquisa, o *Whaley House Museum*, Alvey (2017) relata que os passeios fantasmas são semelhantes aos outros dois, onde um guia turístico narra a história da casa associada com as aparições dos fantasmas (figura 28).

Todos os três locais compartilharam formatos semelhantes para seus passeios fantasmas durante todo o ano, com uma abordagem baseada em histórias que se move pelos cômodos da casa histórica. Para todos os três, cada passeio teve um guia que começa com uma breve introdução histórica sobre o local e, em seguida, conduz grupos de turistas por vários quartos em cada casa, parando para contar mais história e pelo menos uma história de fantasma relacionada a cada quarto. (ALVEY, 2017, p.43)⁴³

Na temporada de verão estes passeios ocorrem no *Whaley House Museum* diariamente e fora da temporada ocorrem semanalmente, quatro funcionários da instituição que os realizam. As histórias de fantasmas são muitas, pois originalmente o local era utilizado para realizar julgamentos, enforcamentos e inclusive cemitério,

⁴³ Tradução livre do original: “All three sites shared similar formats for their year-round ghost tours, with a story-based approach that moves through the rooms of the historic house. For all three, each tour had one guide who begins with a short historical introduction about the site and then leads tour groups through multiple rooms in each house, stopping to tell more history and at least one ghost story that relates to each room.” (ALVEY, 2017, p.43)

até que um dos condenados, James "Yankee Jim" Robinson, morreu de forma trágica na frente de toda a cidade por um erro de cálculo da sua altura. Após isso a má fama foi tanta que a propriedade foi vendida para Thomas Whaley por apenas U\$1,50. Alguns anos depois a filha dos Whaley, Violet, teve seu coração partido e cometeu suicídio na residência de uma maneira trágica na frente de seu pai. A *tour* também durou cerca de trinta e cinco minutos (ALVEY, 2017).

Ao pesquisar informações sobre as *Ghost Tours* deste museu na internet, foram encontradas coisas interessantes. Infelizmente não no site do museu, pois ele apresenta bastante erros, praticamente todos os links direcionam para uma página não encontrada. Há um espaço onde aparentemente os usuários podem postar suas fotos de fantasmas, porém o acesso também dá erro (THE WHALEY HOUSE MUSEUM, s.a.). O facebook do local parece estar todo voltado para a temática de fantasmas e *Halloween* (THE WHALEY HOUSE MUSEUM, 2020). No YouTube há diversos vídeos, documentários e até mesmo um filme sobre a instituição, sendo a grande maioria sobre assombrações. Na animação "*Hellboy: Blood and Iron*" (2007) a casa Whaley foi mencionada referenciando a entidade paranormal de Yankee Jim (IMDb, s.a., doc.eletr.).

Os guias do museu, como Steve Wilson [e George Plum], no The Whaley House Museum vestem roupas típicas dos anos 1860 e 70. O museu se concentra neste período de tempo porque a casa dos Whaley hospedou um tribunal, escola, armazém geral e um teatro, enquanto os Whaley's ocuparam a casa durante aqueles anos. [...] Os aficionados por história e caçadores de fantasmas encontram um ponto em comum na casa, que foi fundamental para o desenvolvimento do início de San Diego e é considerada um dos locais mais assombrados dos Estados Unidos.⁴⁴ (DVIDS, 2011, doc. eletr.)

⁴⁴ Tradução livre do original: "Docents, like Steve Wilson, at The Whaley House Museum wear clothing typical of the 1860's and 70's. The museum focuses on this time period because the Whaley home hosted a court house, school, general store and a theater while the Whaley's occupied the home during those years.[...] History buffs and ghost hunters find common ground at the home, which was instrumental in the development of early San Diego and is considered one of the most haunted sites in the United States." (DVIDS, 2011, doc. eletr.)

Figura 28 - Guias do *Whaley House Museum* com roupas de época



Fonte: DVIDS, 2011, doc. eletr.

O filme “*Haunting Of Whaley House*” (2012) está disponível na plataforma Amazon Prime, mas infelizmente não para a região do Brasil. Porém, é possível encontrá-lo inteiro no Youtube. Apesar do filme ter sido gravado em outra residência, a *Bembridge House* localizada em *Long Beach*, Califórnia, o filme faz referência a história da *Whaley House*. A protagonista, Penny, é totalmente cética em relação à aparição de fantasmas mas, ao mesmo tempo, é uma das guias que realiza as *Ghost Tours* na instituição. No filme as *tours* são realizadas de dia e logo no começo da manhã uma das visitantes passa mal ao ver fantasmas. Então uma funcionária avisa a protagonista para não ir na instituição durante a noite, pois este é o momento reservado aos seres do além. Penny conta o episódio a um grupo de amigos que, aproveitando o fato da amiga ter a chave do local, decide realizar uma investigação paranormal à noite sem autorização e por conta própria. E é então que coisas trágicas acontecem. Vários detalhes sobre a história da instituição podem ser vistos no filme, Violet é mencionada e inclusive aparecem os fantasmas de Thomas e sua mulher, Anna, Yankee Jim e o de uma criança misteriosa (HAUNTING OF WHALEY HOUSE, 2012).

Figura 29 - Cenas do filme “*Haunting Of Whaley House*” (2012)



Legenda: *Ghost Tour* realizada pela protagonista Penny, que não acredita em fantasmas e seus amigos questionando sobre o histórico da casa durante investigação paranormal de noite. Fonte: HAUNTING OF WHALEY HOUSE, 2012. Vídeo: 06'09" e 37'21".

Outro museu que realiza *Ghost Tours* é o *Davis-Horton House Museum*, localizado no bairro *Gaslamp*, também em *San Diego*, na Califórnia. Ano passado a instituição realizou uma *tour* virtual através do aplicativo *Zoom*, cobrando quinze dólares por pessoa. No site do museu há um vídeo onde a historiadora do bairro, Sandee Wilhoit, realiza passeios fantasmas para turistas com roupa de época e recebe investigadores paranormais. No vídeo eles captam a voz de uma criança que morou na residência chamada Lilly Ann, que se apresenta e pergunta “Onde está minha mãe?” (figura 29).

Diminua as luzes, conecte-se com o Zoom e divirta-se enquanto o levamos para dentro do que muitos acreditam ser a casa mais mal-assombrada do histórico quarteirão Gaslamp de San Diego. Seu guia mostrará várias ferramentas de investigação paranormal e o levará em uma exploração de algumas salas no museu onde as pessoas alegaram ter vivenciado fenômenos paranormais. (GASLAMP QUARTER HISTORICAL FOUNDATION, s.a., doc eletr.)⁴⁵

Figura 30 - Cenas do vídeo “*My Ghost Story. Caught on Camera from GaslampQuarter*”.



Fonte: GASLAMP QUARTER HISTORICAL FOUNDATION Vídeo 1'47" 4'21"

⁴⁵ Tradução livre do original: “Dim the lights, log on via zoom, and enjoy as we take you inside what many believe to be the most haunted house in San Diego’s historic Gaslamp Quarter. Your guide will show you various paranormal investigation tools and take you on an exploration of a couple of the rooms in the museum where people have claimed to experience paranormal phenomena.” (GASLAMP QUARTER HISTORICAL FOUNDATION, s.a., doc eletr.)

Na Califórnia existem diversas *Ghost Tours*. O site *Trip Savvy* realizou uma matéria separada por cidades do estado norte-americano para turistas que buscam por *Ghost Tours* ou locais assombrados no geral. Os passeios fantasmas são realizados em *Hollywood, Los Angeles, Ghost Walk* em São Francisco, Sacramento e até mesmo um jantar com investigadores paranormais no famoso navio *Queen Mary* (MALLOY, 2019). No mesmo site há também outra matéria só sobre *Ghost Tours* na cidade de *Los Angeles* (DEIOMA, 2019).

No Youtube há vários vídeos onde podemos acompanhar algumas *Ghost Tours*. Uma delas é muito semelhante as narradas por Alvey (2017), onde uma guia turística trajada com roupas de época (figura 30) conta histórias assombrosas de Nova Orleans (TRAVEL + LEISURE, 2020). O uso de vestimentas de época é uma proposta interessante para a realização dos passeios fantasmas e parece ser bem comum neste tipo de evento.

Estes profissionais são geralmente jovens de personalidade expressiva. Frequentemente vestidos em trajes antigos, possuem dons comunicativos e até teatrais. Sobretudo, são excelentes contadores de casos, cativando o grupo com estórias que incluem o suspense e o humor. Piadas sobre situações sobrenaturais aparentemente aliviam certa tensão entre os turistas envolvidos em uma temática que é envolta no macabro e misterioso. (CON-CIENCIA, s.a. doc eletr.)

Figura 31 - *Ghost Tour* em Nova Orleans no Youtube



Fonte: TRAVEL + LEISURE, 2020. Vídeo 6'43"

O professor Kevin Walby, do Departamento de Justiça Criminal da Universidade de Winipeg, localizada no Canadá, enviou-me o seu artigo "*Haunting Encounters at Canadian Penal History Museums*", escrito por ele juntamente com

Alex Luscombe e Justin Piché (2017) das Universidades de Winnipeg e Ottawa. O artigo, que é um capítulo do livro “*The Palgrave Handbook of Prison Tourism Palgrave Studies in Prisons and Penology*”, trata sobre a relação de fantasmas e museus penais canadenses.

Segundo os autores, diversos museus históricos do país que locavam antigas prisões realizam dois tipos de atividades diferenciadas com foco em fantasmas: as *Ghost Tours* e as *tours* de museus assombrados. Enquanto o primeiro tipo envolve uma atmosfera mais séria e educativa, onde se narra eventos históricos reais, o segundo se baseia na “[...] produção de medo e horror em visitantes, alcançados por meio de atores e atuantes assustadores, incluindo manequins, roupas ensanguentadas, atores vivos - o tipo que pula e o assusta quando você menos espera.” (LUSCOMBE; WALBY; PICHÉ, 2017, p.442)⁴⁶. Tais ações parecem ir em contradição à missão da maioria das instituições museológicas, portanto este trabalho não irá focar nestas atividades, embora seja importante registrar sua existência.

Os fantasmas têm uma existência ontológica mais real, se não material, em *Ghost Tours*. Embora a diversão ainda faça parte do passeio fantasma, é secundária ao convite sério para interagir com fantasmas supostamente genuínos e as áreas assombradas do museu [...] (Ibidem, p.444)⁴⁷

Luscombe, Walby e Piché (2017) relatam que é comum os visitantes não levarem os fantasmas a sério e, portanto “[...] a infraestrutura da *tour* deve ser flexível para permitir a participação de crédulos sérios, bem como de céticos brincalhões” (Ibidem, p.437)⁴⁸. Além disso, os autores são um dos poucos a mencionarem a recepção do público em relação às *Ghost Tours*:

Em nossas notas de campo sobre diferentes *tours* fantasmas, documentamos uma série de respostas turísticas. Enquanto alguns riam e reviravam os olhos, outros pareciam mais sinceros em seu interesse, às vezes pedindo ao guia para continuar com mais detalhes sobre

⁴⁶ Tradução livre do original: “[...] production of fear and horror in visitors achieved through ‘scary’ actors and actants including mannequins, bloody clothing, live actors—the kind that jump out and scare you when you least expect it.” (LUSCOMBE; WALBY; PICHÉ, 2017, p.442).

⁴⁷ Tradução livre do original: “Ghosts are afforded a more real, if not material, ontological existence in ghost tours. While fun is still a part of the ghost tour, it is secondary to the serious invitation to interact with purportedly genuine ghosts and the haunted areas of the museum [...]”(LUSCOMBE; WALBY; PICHÉ, 2017, p.444).

⁴⁸ Tradução livre do original: “[...] the infrastructure of the tour must be flexible to allow serious believers, as well as playful nonbelievers, to participate.” (LUSCOMBE; WALBY; PICHÉ, 2017, p.437).

avistamentos de fantasmas e diferentes anedotas. Também observamos em um passeio uma curiosa mistura de contação de histórias sombrias e humor, com o guia turístico construindo certos fantasmas e imediatamente iluminando o clima fazendo uma piada antes de prosseguir para a próxima área do passeio (Ibidem, p.445)⁴⁹

Para os autores “[...] contar histórias é uma forma de ordem negociada em que o guia deve avaliar a multidão e mudar a história rapidamente para apaziguá-la” (LUSCOMBE; WALBY; PICHÉ, 2017, p.437)⁵⁰ e “[...] as capacidades das entidades humanas e não humanas devem ser traduzidas em um ponto de contato atraente, cativante ou convincente que possa acomodar diferentes necessidades e objetivos sem criar uma controvérsia insolúvel” (Ibidem, p.439)⁵¹.

Ao comparar este artigo com o de Lamas e Giménez-Cassina (2012) e o trabalho de Alvey (2017) temos a impressão de que os museus canadenses encaram o assunto de forma mais descontraída que os estadunidenses. Enquanto isso, no Brasil o tema aparentemente é mais associado à religião e moralidade, como vimos ocorrer no capítulo anterior na sala expositiva “Livrai-nos do Mal”, do Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, localizado em Farroupilha-RS. Porém, seriam necessários mais estudos antes de se tirar conclusões.

Alvey (2017) realizou entrevistas com os funcionários das três instituições estadunidenses mencionadas anteriormente, *Woodruff-Fontaine House Museum* (museu 1) *John Wornall House Museum* (museu 2) e *Whaley House Museum* (museu 3). As entrevistas tinham por objetivo descobrir como eram os treinamentos dos funcionários para execução das *Ghost Tours*, quais eram as motivações destes museus para a realização destas *tours* e também como elas estão atreladas às suas missões.

No primeiro museu os passeios fantasmas são realizados por uma equipe de turismo fantasma terceirizada e o valor arrecadado das *tours* é dividido. O

⁴⁹ Tradução livre do original: “In our fieldnotes on different ghost tours, we documented an array of tourist responses. While some laughed and rolled their eyes, others appeared more sincere in their interest, at times asking the guide to follow up with more details about ghost sightings and different anecdotes. We also noted on one tour a curious mix of sombre story-telling and humour, with the tour guide building up certain ghosts and then immediately lightening the mood by making a joke before moving on to the next area of the tour.” (LUSCOMBE; WALBY; PICHÉ, 2017, p.445).

⁵⁰ Tradução livre do original: “[...] storytelling is a form of negotiated order whereby the guide must assess the crowd and change the story on the fly to appease them.” (LUSCOMBE; WALBY; PICHÉ, 2017, p.437).

⁵¹ Tradução livre do original: “[...] the capacities of human and non-human entities have to be translated into a compelling, captivating, or convincing point of contact that can accommodate different needs and goals without creating an irresolvable controversy.” (LUSCOMBE, WALBY & PICHÉ, 2017, p.439).

treinamento é o mais superficial dos três e o fato de que o guia é uma pessoa externa possui o ponto positivo de não sobrecarregar a equipe do local, podendo tornar as atividades de forma mais frequente. Porém, ter um membro da equipe do museu realizando as atividades pode ser mais positivo pela preocupação maior de ensinar sobre o histórico da instituição e seu entorno. Além disso, o próprio funcionário pode ter presenciado vivências sobrenaturais durante sua rotina e a relatar em primeira mão. O último museu é o mais bem preparado e recebe maior treinamento, possuindo de treze a quinze voluntários prontos para realizar as excursões, o que possibilita que a instituição realize *tours* semanalmente fora da temporada de verão e diariamente durante a temporada. É preciso que os museus tenham soluções criativas que caibam dentro dos seus recursos (ALVEY, 2017).

Sobre as motivações das instituições, elas podem ser classificadas em três: a receita que elas geram, assim como a demanda pública e divulgação. No primeiro museu “[...] um participante explicou que parte da preocupação monetária é porque eles são uma pequena organização sem fins lucrativos, então uma turnê de sucesso que traz receita extra é importante.” (ALVEY, 2017, p.46)⁵². Segundo este funcionário, a *tour* fantasma é uma das *tours* mais vendidas. Segundo Alvey (2017), os documentos indicam que com as *Ghost Tours* as três instituições obtiveram aumento em sua receita com custos relativamente baixos.

Foi indicado nos museus 2 e 3 que os passeios fantasmas geram uma receita significativa para os orçamentos anuais dos dois museus. A partir de documentos fornecidos pelo museu 2, foi mostrado que seus passeios fantasmas públicos em outubro renderam mais de 5.000 dólares por ano nos últimos dois anos. No museu 3, um dos participantes afirmou que as *tours* fantasmas têm uma média de vinte pessoas por *tour*, e eles dão pelo menos 26 *tours* fantasmas a cada fim de semana durante a temporada fora do verão (13 horas de *tour* noturno e *tours* a cada meia hora) e pelo menos 58 passeios a cada semana no verão (29 horas de passeio noturno e passeios a cada meia hora), que a US\$ 13 por pessoa é uma quantia substancial de dinheiro apenas dos passeios fantasmas noturnos. (Ibidem, 2017, p.47)⁵³

⁵² Tradução livre do original: “[...] one participant explained that part of the monetary concern is because they are a small non-profit, so a successful tour that brings in extra revenue is important.” (ALVEY, 2017, p.46)

⁵³ Tradução livre do original: “It was indicated at both Sites 2 and 3 that the ghost tours bring in a significant amount of revenue for the annual budgets of the two museums. From documents provided by Site 2, it was shown that their public ghost tours in October have brought in more than 5,000 dollars annually for the last two years. At Site 3, one of the participants stated that the ghost tours have an average of twenty people per tour, and they give at least 26 ghost tours each weekend during the non-summer season (13 evening tour hours and tours every half hour) and at least 58 tours each week in the summer (29 evening tour hours and tours every half hour), which at \$13 per person is a substantial amount of money from evening ghost tours alone.” (ALVEY, 2017, p.47)

Outra motivação importante para os três museus realizarem as *Ghost Tours* e que é também um foco deste trabalho é o aumento da demanda pública que isto gera. As três instituições apontaram um aumento do fluxo de visitas graças a estas atividades. Segundo Luscombe, Walby e Piché (2017) este tipo de ação também faz muito sucesso no público dos museus penais do Canadá.

As descobertas deste estudo também sugerem que os programas de passeios fantasma em museus de casas históricas podem ajudar a manter os visitantes por meio do alcance do público a novos públicos e atendendo à demanda do mesmo. Todos os três locais incluídos no estudo indicaram que duas das principais motivações para oferecer os passeios fantasmas são o alcance do público e a demanda. A capacidade dos passeios fantasmas de trazer visitantes recorrentes, que de outra forma não teriam se envolvido com a programação regular dos diferentes museus-casa, foi declarada como um dos principais benefícios dos programas. O sucesso que os locais participantes encontraram com seus passeios de fantasmas nesta área pode ser reflexo da sugestão de Vagnone e Ryan de que os museus podem atrair mais visitas por meio de uma programação inovadora⁵⁴ (ALVEY, 2017, p.59)⁵⁵

E por fim, a última principal motivação das instituições é a divulgação sobre os museus que as *Ghost Tours* podem trazer. Todos os três museus apontados no trabalho de Alvey (2017) declararam que as *Ghost Tours* aumentaram sua base de audiência. Um dos entrevistados do museu 2 argumentou:

Acho que, como uma pequena organização sem fins lucrativos, estamos sempre procurando maneiras de aumentar nossos números, então acho que originalmente eles provavelmente viram que era uma maneira de trazer um novo grupo de pessoas que não vinham apenas para passeios históricos ou educacionais eventos...e provavelmente percebi que havia potencial de arrecadação de fundos, e você sabe apenas para aumentar o alcance porque, como uma organização sem fins lucrativos, somos responsáveis por justificar sua existência pelo número de pessoas que atende. [...] No passado, eu diria que dois ou três anos, os passeios fantasmas tornaram-se cada vez maiores. Os ingressos esgotaram com cerca de duas semanas de antecedência este ano, e percebermos que também tivemos um aumento apenas nos tours públicos...tours educacionais normais...também. E eu acho que parte disso é porque estamos apenas nos tornando mais conhecidos, e parte disso é por causa das tours fantasmas. Então,

⁵⁴ Vagnone and Ryan, *Anarchist's Guide to Historic House Museums*, 29

⁵⁵ Tradução livre do original: "The findings of this study also suggest that ghost tour programs in historic house museums can help sustain visitorship through public outreach to new audiences and by meeting public demand. All three sites included in the study indicated that two of the primary motivations for offering the ghost tours are public outreach and demand. The ability of the ghost tours to bring in repeat visitors who might not have otherwise engaged with the regular programming of the different house museums was stated as one of the primary benefits of the programs. The success that the participating sites found with their ghost tours in this area could be reflective of the suggestion of Vagnone and Ryan that house museums might attract more visitation through innovative programming." (ALVEY, 2017,p.59)

gostamos desse elemento também, embora não seja apenas pelo que queremos ser conhecidos, ele nos ajuda a entrar no radar das pessoas e elas pensam em nós como um lugar para onde podem ir. (Ibidem, 2017, p.49-50)⁵⁶

Sobre as relações das *Ghost Tours* dos três museus mencionados com suas missões, os funcionários relataram que é importante educar e focar no histórico da instituição durante o passeio fantasma. Mesmo que os visitantes venham apenas para ter vivências sobrenaturais, os museus tentam sempre educá-los sobre o seu passado focando na sua missão, evitando assim se tornar apenas uma casa mal assombrada. “Um participante do museu 1 disse: ‘Tentamos falar mais sobre as famílias e as vidas, e tentamos envolvê-los emocionalmente nisso.’” (ALVEY, 2017, p.52)⁵⁷. Os funcionários do museu 3 afirmam:

Eu sinto que todos os nossos programas precisam se concentrar em nossa missão, eles precisam nos ajudar a cumpri-la e se relacionar com ela, e eu acho que se não tivéssemos um laço histórico, seríamos apenas como uma casa mal-assombrada, você sabe, ou algo onde as coisas saltam sobre você ou o que seja. Então eu acho que seria totalmente fora da missão se não o conectássemos com a história. [...] Somos uma organização histórica, então esse é nosso foco principal, operar uma casa-museu histórica e não uma casa mal-assombrada, então acho que é por isso que isso é tão importante. E como eu disse, mesmo que as pessoas venham apenas para caçar fantasmas, tentamos mandá-los para casa com um pouco da história. (Ibidem, 2017, p.51)⁵⁸

⁵⁶ Tradução livre do original: “I think, as a small nonprofit we’re always looking for ways to get our numbers up, so I think originally they probably saw that it was a way to bring in a new pool of people that were not coming for just history tours or educational events...and probably saw that there was fundraising potential, and you know just to increase the reach because as a nonprofit we’re responsible for justifying its existence by how many people it serves.[...] In the past, I would say two or three years, the ghost tours have become bigger and bigger. We sold out like two weeks in advance this year, and we’ve noticed that we’ve also had an uptick in just public tours...normal educational tours...as well. And I think part of that is because we’re kind of just becoming more wellknown, and part of that is because of the ghost tours. So we like that element as well, even though it’s not only what we want to be known for, it helps get us on people’s radar and they kind of think about us as a place that they could go.” (ALVEY, 2017, p.49-50)

⁵⁷ Tradução livre do original: “We do try to talk more about the families and the lives, and try to get you emotionally involved in it.” (ALVEY, 2017, p.52)

⁵⁸ Tradução livre do original: “They are connected, it’s pretty much the same family history of course, the same architectural history because you can’t change that, the same information about daily life in you know Victorian times, all of that is the same. We just touch more on...who died here, you know, what spirit could be here.[...] We’re a historical organization so that’s our primary focus, to operate a historical house museum and not a haunted house, so I think that’s why that’s really important. And like I said, even if people just come to ghost hunt, we try to send them home with some of the history.” (ALVEY, 2017, p.51)

De fato há muitas *Ghost Tours* no exterior, especialmente nos EUA, que podem servir de exemplos para as instituições museológicas brasileiras que desejam inovar sua programação. Mas porque no Brasil há tão pouco sobre o assunto?

Como atividade econômica, a questão é definir como este tipo de negócio poderia funcionar no Brasil. Grande parte da população tem familiaridade e mesmo interesse no sobrenatural. O país tem uma rica história, com abundância de histórias interessantes sobre pessoas famosas e desconhecidas. E há muitos indivíduos de habilidade empreendedora. Enfim, é surpreendente que o turismo fantasma não tenha sido uma invenção brasileira! (CON-CIENCIA, s.a. doc. eletr.)

No blog Con-Ciência: Espiritualismo e Ceticismo em Debate, escrito pelo antropólogo PhD Tony D'Andrea, o psicólogo André Percia e o economista Flávio Amaral, há uma matéria sobre a possibilidade do turismo fantasma ser difundido no Brasil. Para eles, isto atualmente não acontece com tanta frequência em razão de duas diferenças entre os EUA e o Brasil: a visão das duas culturas sobre o entretenimento e o comercialismo. Como os museus não possuem fins lucrativos, neste trabalho iremos considerar apenas a primeira:

Entretenimento: americanos tendem a ver o sobrenatural de forma menos reverencial. Brasileiros, influenciados pela tradição espírita ou neo-evangélica, veem o sobrenatural de forma muito séria e mesmo perigosa. Contar estórias de fantasmas em público é feito cuidadosamente, e com uma finalidade moral ou filosófica em mente, valorizando-se a higiene espiritual do indivíduo contra ameaças invasoras do além. Nos EUA, em contraste, o tema do sobrenatural é envolto em curiosidade engajada porém mais leve, de teor mais descritivo de crônicas, sem admonições moralistas ou teológicas... (CON-CIENCIA, s.a., doc eletr.)

Isto não significa que tais atividades não possam ser realizadas no Brasil, apenas que alguns cuidados devem ser tomados. Tanto o artigo de Alvey (2017), como o de Lamas e Giménez-Cassina (2012) alertam que não são todos os museus que podem ter a liberdade de realizar tais ações. Durante todo o seu artigo, Alvey (2017) alerta que as *Ghost Tours* precisam dialogar com a missão dos seus respectivos museus. Além disso, seu trabalho também avisa que os museus que realizam *Ghost Tours* precisam separar as lendas do conhecimento histórico verdadeiro. Outro risco que deve ser evitado é o do museu acabar conhecido apenas pela sua fama de mal assombrado. Um funcionário do *Woodruff-Fontaine House Museum* afirmou:

Sempre fomos cuidadosos, você sabe, há uma linha tênue, não queremos ser conhecidos como uma casa mal-assombrada. Você sabe, primeiro somos um museu e somos apenas uma propriedade histórica que por acaso tem fantasmas, você sabe, então sim, vamos brincar com isso, mas...essas são questões, é uma das principais coisas que tivemos cuidado - para garantir que não pareçamos uma atração mal-assombrada, eu acho, sempre se ater à história [...] (ALVEY, 2017, p.54)⁵⁹

Outra crítica que pode surgir é a de que museus que realizam *Ghost Tours* estejam se assemelhando a parques de diversões que possuem uma “casa do susto” onde figuras saltam pelos cantos para assustar os visitantes. A proposta da *Ghost Tour* em museus não é inventar sustos como acontecem nas *tours* de museus assombrados mencionados por Luscombe, Walby e Piché (2017) e sim realizar atividades que evidenciem o seu histórico e aumente a demanda de público, é uma forma inovadora de se relacionar com o seu visitante.

Prezzi (2009) e Ribeiro (2013) também alertam que o turismo macabro precisa ter certos cuidados. Um exemplo disso são as favelas brasileiras. Prezzi (2009) discute se a atração de turistas em favelas para observar o subdesenvolvimento econômico deve ser considerada como turismo macabro, porém Ribeiro (2013) desconsidera tal hipótese, pois acredita que isso é um desrespeito às comunidades que lá vivem. De qualquer forma, os museus precisam ter sensibilidade com os temas tratados:

Os responsáveis por administrar esses destinos devem se preocupar com cada detalhe, pois tudo acaba influenciando diretamente na experiência que o visitante vivenciará ali. Até mesmo a proibição de determinado tipo de roupa do visitante deve ser pensada, para que costumes sejam respeitados e situações desagradáveis sejam evitadas. [...] Uma simples proibição do uso de registros fotográficos em determinadas alas mais pessoais, onde os fios de cabelos estão expostos, por exemplo, mostram que há um respeito àquela história contada. Esse controle [...] é essencial para que o objetivo não seja deturpado. (RIBEIRO, 2013, p.19)

Um museu pertencente a uma comunidade fervorosamente religiosa ao realizar *Ghost Tours*, por exemplo, poderá ter o efeito contrário do desejado e perder seu público. Um exemplo bastante atual, que não tem ligação com museus ou turismo, mas envolve a fé do brasileiro, foi a mudança que aconteceu este ano do

⁵⁹ Tradução livre do original: “We’ve always been careful, you know, there’s a fine line, we don’t want to be known as a haunted house. You know, we’re a museum first, and we’re just a historic property that just happens to have ghosts, you know, so yes let’s play on that but...those are issues, it’s one of the main things we’ve been careful with—to make sure that we don’t come off as a haunted attraction, I guess, always stick to the history [...]” (ALVEY, 2017, p.54)

novo bombom da Lacta chamado “Feitiçaria”. O bombom é um relançamento do clássico doce “Feitiço”, famoso nos anos 1990. Porém, graças a teorias de conspiração espalhadas na internet afirmando que o chocolate provinha de um pacto satânico da marca, muitas pessoas pararam de comprar a caixa de bombons. Então, a empresa resolveu mudar o nome do doce para “Lacta Morango” mantendo a mesma receita: “Não faz sentido ter um bombom com esse nome para crianças. [...] Mensagens malignas de feitiçaria, de macumba, de magia negra...Então é um alerta, as forças do mal são poderosas” (YAHOO FINANÇAS, 2021, doc.eletr.) diz o vídeo feito por uma internauta. Por desdobramentos não previstos como esse, que caracterizam a complexa sociedade contemporânea que se apega a detalhes e tecem impressões questionáveis, considera-se que os museus devem estar atentos não só ao conteúdo do seu acervo como também ao seu entorno. Luscombe, Walby e Piché (2017) também tratam sobre o assunto exemplificando que no sudeste asiático tais atividades iriam repelir visitantes. Segundo a cultura do local, ambientes atingidos por desastres abrigam muitas almas perdidas vagando por não terem sido adequadamente sepultadas e essa crença é levada com muita seriedade.

É necessário respeito e também ética para lidar com esse segmento já que ele atinge diretamente as emoções humanas, e muitos familiares das vítimas, por exemplo, podem não se sentir confortáveis com o que está sendo exposto ali, principalmente se for de maneira sensacionalista e voltada somente para o espetáculo (RIBEIRO, 2013, p.17)

Para Scheiner (2002), os museus precisam compreender que é mais importante vivenciar do que informar. No artigo “Museologia e apresentação da realidade” (Idem, 2002), a autora já apontava que é necessário criar ferramentas poderosas que causem uma mobilização afetiva no visitante, pois é principalmente através do canal afetivo que se desenvolve a comunicação. As *Ghost Tours* podem ser uma das ferramentas utilizadas para ocorrer este diálogo entre o acervo e o público. Um exemplo disso se pode ver no vídeo intitulado “*Video Proof Ghost at Whaley House America's most haunted house*” do Canal *StevenSteph Resale Killers* (2020) do Youtube. Em um vídeo anterior, o casal havia realizado uma investigação paranormal no *Whaley House Museum* e os inscritos do canal localizaram alguns fantasmas nas gravações e os alertaram. Uma das aparições mais marcantes manifesta-se no reflexo de uma cristaleira de uma sala aparentemente vazia (figura 31). O casal resolveu então voltar para a instituição e consultar o acervo procurando

informações sobre as possíveis identidades dos fantasmas avistados no vídeo anterior.

Figura 32 - Provável aparição e procura por identidade do fantasma no *Whaley House Museum*



Fonte: STEVENSTEPH RESALE KILLERS, 2020. Vídeo 0'56" e 1'42"

É importante a instituição reconhecer o visitante como construtor de narrativas através da interpretação dos dados expostos no museu. Mas é necessário também haver cautela com a linguagem utilizada para não perder sua essência. Tem sido comum o uso de linguagem midiática em espaços museológicos e isto nem sempre reflete a realidade e tipologia do museu. É interessante o uso de vídeos, áudios e outras experiências como os passeios fantasmas, desde que não se esgote nisso. Os museus precisam construir “[...] estratégias narrativas integrando passado e presente e buscando apresentar os fatos a partir de uma ótica plural, que permita o máximo possível de interpretações” (SCHEINER, 2002, p.102). A comunicação é uma via de mão dupla. A imaginação faz parte do processo comunicacional dos museus, sua trajetória não parte dos objetos e sim das relações do homem com o passado, a partir de perspectivas do presente. O processo pedagógico dos museus vem da conexão da capacidade imaginativa do visitante em relação aos símbolos da instituição (SCHEINER, 2002).

Dez anos depois, Soares (2012) parecia ter uma visão semelhante ao comparar os museus com teatros em seu artigo “Entre o reflexo e a reflexão: por detrás das cortinas da performance museal”: “O Museu, como uma parte integrante da realidade social moderna, é uma instância consagrada onde performance e teatralidade podem se manifestar livremente.” (Ibidem, p.193). A performance do museu é cultural e nos leva a reflexão. “Inicialmente percebida pelos antropólogos no ritual, a performance foi definida por ser geralmente ordenada por uma estrutura

dramática, um enredo, que confere sentido e dá vida aos códigos comunicativos interdependentes de um grupo social.” (Ibidem, p.195). O ritual muda o contexto e faz acontecer, altera os modos de relação com o outro. É um lado da performance, o outro é o teatro. Para Soares (2012), museus vêm ficando cada vez mais teatrais, embora não percam sua ordem ritualística.

Com o ritual, os museus perpetuaram nas sociedades a crença em seu irrefutável poder sagrado, através da performance do drama museológico no qual estes seriam templos eternos da verdade, capazes de sacralizar a realidade. Com o teatro, ao contrário, eles passaram a reconhecer o seu modo subjuntivo, jocoso, revelando que uma única verdade não se sustenta. (Ibidem, p.195)

Para Soares (2012) o diálogo entre o museu e o público é um encontro de experiências e expectativas. O museu deve se colocar como vulnerável para que o visitante possa expressar as suas próprias identidades em relação a performance do museu. De acordo com o autor, é mais condizente pensar no museu como palco. Isto pode ser aproveitado pelas instituições que desejam fazer uma *Ghost Tour* com guias trajados com roupas de época e que utilizam a teatralidade em suas narrativas. Porém, Ribeiro (2013) reitera que também é preciso ter cuidado para não exagerar ao utilizar tal artifício no turismo macabro: “Ao decidir se o destino será apenas uma forma de exibição ou se contará com artifícios teatrais, é preciso saber que independentemente da maneira como será administrado, os fatos mostrados devem ser fiéis à realidade” (RIBEIRO, 2013, p.18). É preciso que os museus não percam sua identidade empírica e científica, suas atividades devem sempre respeitar a sua missão.

O papel do museu vai muito além do que apenas expor, é também ressignificar, contextualizar e transformar. Não é por ser um museu que as suas interações com o público precisam ser antiquadas, elas podem se adaptar às novas tendências. As instituições museológicas precisam de inovações e as *Ghost Tours* podem ser uma ferramenta poderosa para muitos museus, se utilizada com sabedoria. O turismo macabro pode ser um instrumento de conscientização, pois não se vive apenas de histórias bonitas, é através dos nossos erros que aprendemos as mais valiosas lições. Apagar erros é também apagar soluções. Os fantasmas que perambulam nos museus estão lá para nos lembrar que o passado deixa marcas e precisamos conversar sobre elas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os museus, por muitas vezes estarem localizados em prédios históricos tombados e possuírem acervos de outrora, se tornam palco de diversos mitos e histórias de fantasmas. Além disso, a ligação de diversos casarões associados à figuras históricas que hoje abrigam museus mexem com o imaginário do público, que jura de pés juntos ter visto pessoas tão marcantes quanto a antiga Imperatriz rondando pelos corredores. Será que o ambiente nos condiciona a acreditar no improvável ou realmente possuímos vivências paranormais nestas instituições? Eu mesma já fiz algumas confusões, porém também já vivenciei coisas aparentemente sem muitas explicações, assim como a minha orientadora.

Sendo tais assombrações reais ou não, é inegável que esta fama em potencial, se bem aproveitada, pode atrair um público que busca mais emoções em suas atividades culturais. Afinal, não é de hoje que o sobrenatural evoca certa curiosidade nas pessoas. As *Ghost Tours*, circuitos noturnos guiados e focados no sobrenatural, já consolidadas no turismo do exterior, podem ter um papel significativo para a relação dos museus com seu público. Já utilizadas até mesmo por alguns museus estrangeiros, elas podem ser uma ferramenta chave para que as instituições museais no Brasil venham atrair visitantes e sair da considerada mesmice por parte do público. Assim, este trabalho foi desenvolvido a partir da problematização: O que são os *Ghost Tours*? Como ocorrem estes circuitos tematizados? Como os museus são inseridos em suas narrativas?

Para responder estas questões o trabalho foi dividido em dois capítulos de desenvolvimento, além das considerações introdutórias e finais: um, intitulado “Para além de uma noite no Museu: os fantasmas em exposição”, analisou indícios da presença das histórias fantásticas e assombrações na história dos museus e também interpretou como os museus são referidos a partir desse imaginário popular. O outro capítulo, intitulado “Os Fantasmas se divertem nas *Ghost Tours* dos Museus” caracterizou as *Ghost Tours* e sua realização em nível mundial, compreendendo formato, roteiros, narrativas e funcionamento, assim como apontou os cuidados que devem ser tomados e os riscos que devem ser evitados ao utilizar as *Ghost Tours* como atividade nos museus.

A mídia tem um papel influenciador muito forte, especialmente na indústria cinematográfica. Não é diferente com o imaginário do público envolto nos museus.

Filmes onde aparecem instituições museológicas podem tanto demonstrar como elas eram vistas na época em que os filmes estrearam como também podem influenciar como elas serão vistas dali por diante. Um exemplo disso é a franquia de filmes "Uma Noite no Museu" (2006) que mostrou o museu como algo mágico e envolvente e começou a atrair muito público para essas instituições, especialmente em atividades noturnas. No outro lado da mesma moeda observamos o universo da franquia de filmes *Invocação do Mal* (2013). Nestes filmes vemos um lado sombrio que os museus podem ter, porém, que também é alvo de curiosidade do público. Coincidente ou não, a maioria das fontes deste trabalho que associavam fantasmas e museus são posteriores à estreia do primeiro filme desta franquia, especialmente de 2014 para cá.

De acordo com as lendas, um fantasma é visto como uma pessoa que morreu e não conseguiu seguir seu caminho, muitas vezes não são mal intencionados, porém são controladas por forças do mal, como demônios, sendo assim, elas se encontram em sofrimento. Segundo as crenças, as almas penadas precisam de muita energia para se materializar e é por isso que o museu pode ser um espaço recorrente de manifestações, devido ao fluxo diário de pessoas, que acredita-se emanar muita energia. Além disso, os espíritos se prendem a coisas importantes da sua vida, como sua antiga residência, seus objetos pessoais, seu local de morte e até mesmo seu local de trabalho. Os museus parecem ser uma combinação de todos esses possíveis cenários, sendo muitas vezes uma antiga residência, local de morte e também local de ofício, inclusive depois de já se tornar museu. E ainda conta com exposições de objetos de pessoas já falecidas, geralmente de alto valor afetivo.

Talvez por isso tenham sido encontrados muito mais relatos do que o esperado sobre histórias de assombrações em instituições museológicas brasileiras. O segundo capítulo reuniu uma diversidade de episódios de avistamentos de fantasmas em museus no Brasil, mostrando que há um grande potencial para realização das *Ghost Tours* nas instituições do país. Antes de dar início ao trabalho, eu acreditava que seria de uma tremenda dificuldade encontrar tais relatos e de que esse capítulo seria formado basicamente de casos sobrenaturais em museus do exterior, porém para o capítulo não se estender muito, estes acabaram quase não sendo mencionados, apesar de também existir uma grande disponibilidade de informações na internet.

Mesmo assim, a grande maioria dos museus brasileiros e estrangeiros evita mencionar tais histórias por causa da sua natureza empírica e científica. Apesar do interesse pelo sobrenatural nunca diminuir, mesmo com a evolução do pensamento científico, ainda há um estigma social muito grande envolto nessas histórias e muitos museus não querem se relacionar com estas narrativas. Porém, os boatos e as lendas persistem e ocorrem desde 1800 até os dias de hoje. Há, inclusive, vídeos de diversas investigações paranormais ocorridas em museus no Brasil e no mundo, formato este que vem se tornando cada vez mais popular com o passar dos anos.

Analisando o filme de comédia “Os Fantasmas se Divertem” (1988) onde os personagens planejam enriquecer abrindo uma casa de shows apresentando os fantasmas que assombram sua residência, vemos que tais narrativas sempre atraíram o público. Embora a atração pelo gênero de horror muitas vezes não seja vista com bons olhos, muitas pessoas acham emocionante a experiência de se assustar em ambientes controlados. Quando ficamos com medo entramos em um estado de alerta onde todo o nosso foco vai para o presente, esta sensação em situações não ameaçadoras pode ser fascinante. Histórias de fantasmas nos assustam provavelmente porque mexem com o nosso medo do desconhecido que está relacionado com o "medo original", ou seja, o medo da morte, apontado por Bauman (2008). Porém, ao mesmo tempo, elas são envolventes porque nos fazem celebrar o fato de estarmos vivos. Nos conectamos de forma empática ao passado e a um local. Fantasmas são memórias e lembranças, é uma forma de reviver e conservar o passado. Assim, os fantasmas parecem ter muito em comum com os museus históricos.

Não é só na indústria fílmica que encontramos conexões com museus e o sobrenatural. Na literatura, especialmente a infanto-juvenil, está cada vez mais comum contos fictícios sobre museus mal assombrados, especialmente em países onde as *Ghost Tours* já estão consolidadas. E a grande maioria das obras encontradas são extremamente recentes. O Brasil parece estar também engatinhando neste segmento, embora a maioria dos títulos ainda sejam mais sobre mistérios em museus. Tal observação parece apontar que os museus estão perdendo o estereótipo de algo enfadonho e estacionado no tempo e se transformando em um palco de histórias interessantes e emocionantes. Esta parece ser uma tendência mundial que os museus brasileiros podem se apropriar.

As *Ghost Tours* são um dos principais instrumentos do turismo fantasma, que é pouco difundido no Brasil. Este turismo consiste no desejo de encontrar fantasmas ou até mesmo sentir suas presenças. Ele é uma das subseções mais leves do turismo macabro ou sombrio, tradução do termo "*dark tourism*". Este último envolve a visita de locais relacionados com a morte e sofrimento e também ocorre pouco no Brasil. A primeira vista esta forma de turismo pode parecer maldosa ou mesmo uma "exploração da miséria", porém se usada com sabedoria pode ser um instrumento de conscientização e até acarretar fundos para vítimas de desastres, guerras e etc. Outra função seria a reflexão acerca do passado, como por exemplo propõe o Museu do Holocausto, localizado em São Paulo, para que um crime contra a humanidade como este não torne a acontecer. Contar apenas vitórias e riquezas sobre nossa História e ocultar quantas mortes e sofrimento ocorreram no processo pode ser algo extremamente perigoso e inclusive já foi alvo de preocupação de diversos museus.

Existem até o momento, segundo as fontes citadas, três tipos de *Ghost Tours*. A primeira consiste na visita de locais com famas de assombrado, como hotéis e museus, assim como pontos históricos onde há relatos de avistamentos de fantasmas e elas podem ser guiadas ou partir do próprio visitante. A segunda são as famosas investigações paranormais, onde se passa uma noite com câmeras e equipamentos que se acredita que capturem a presença de espíritos. A terceira são os roteiros fantasmas onde um guia realiza um roteiro de locais assombrados famosos nas cidades. Este tipo de passeio já ocorreu em alguns locais do Brasil, como Rio de Janeiro e Porto Alegre.

A pesquisa realizada permitiu mapear um perfil dessa proposta de visitação, tendo por embasamento as *Ghost Tours* que já são realizadas em algumas instituições museológicas dos Estados Unidos. Todas têm formatos semelhantes, são passeios noturnos onde um funcionário guia os visitantes pelos cômodos e associam o histórico da instituição com o dos avistamentos dos fantasmas. Algumas utilizam aparelhamento de caça-fantasmas e outras possuem os passeios caça-fantasmas separados. Alguns museus realizaram eventos diferenciados no *Halloween* do ano passado devido a pandemia, como por exemplo uma *Ghost Tour* virtual no aplicativo *Zoom*.

As principais motivações dos museus que realizam tais atividades são o aumento da receita do museu, ampliação da demanda do público e o crescimento da

divulgação do mesmo. Segundo a investigação de Alvey (2017), as três instituições pesquisadas por ela, que realizam *Ghost Tours*, obtiveram sucesso nesses aspectos elencados.

Mas há certos cuidados que as instituições precisam tomar ao efetuar estas ações. Primeiro, não é todo museu que pode realizar tais atividades, é requerido um estudo por cada museu se tais eventos seriam mais positivos ou negativos. As *Ghost Tours* não podem prejudicar a execução da missão do museu, elas necessitam ser uma ferramenta de auxílio para o cumprimento da mesma, evitando assim que os museus se tornem apenas uma casa mal assombrada. Além disso, elas devem ser fidedignas, mesmo que o visitante vá apenas para caçar fantasmas, o evento precisa ensinar sobre o histórico do local e ter semelhanças com as visitas guiadas ou mediadas recorrentes. Os museus precisam ainda ter sensibilidade ao tocar no assunto, respeitando as crenças de quem visita e a história de quem ali viveu, além do entorno onde o mesmo está inserido. O museu não é um parque de diversões, ele deve manter sua característica de compromisso com a verdade e as *Ghost Tours* não podem se opor a isto.

Uma das maiores dificuldades deste trabalho foi a busca de fontes sobre o assunto em português. Sendo as duas fontes bases utilizadas em inglês, principalmente no terceiro capítulo, onde também foram buscados exemplos de *Ghost Tours* no mundo para servir de inspiração para os museus brasileiros. Realizar tanto a leitura como a tradução de artigos em uma língua estrangeira dificulta muito a produção de uma obra. Outra dificuldade apresentada foi a pandemia do coronavírus, que me impediu de realizar visitas a museus com famas de assombrados e conversar com os funcionários destas instituições e seus visitantes, o que era uma das propostas iniciais. A pandemia também me impossibilitou de realizar os passeios fantasmas aqui mencionados. Além disso, existem muitas instituições com potencial do tema que foram descobertas no final da pesquisa, como é o exemplo do Espaço Memória Carandiru (s.a.), localizado no Parque da Juventude, onde antes ficava o Complexo Penitenciário do Carandiru, na cidade de São Paulo. O local possui fama de assombrado e recebe muitos visitantes curiosos. As descobertas foram contínuas.

Sobre a problematização central deste trabalho acredito que o seu desenvolvimento respondeu os questionamentos elaborados. Vimos que os museus possuem uma relação forte com os fantasmas e as instituições brasileiras tem sim

potencial para desenvolver este assunto em suas ações. Porém, há ainda muitos pontos em aberto que podem ser pesquisados futuramente.

Este trabalho abre portas para pesquisas futuras sobre o tema em relação ao público e resultados destas *Ghost Tours* a curto e longo prazo, pois pouco deste conteúdo foi encontrado na internet e em quase nenhuma das fontes utilizadas. Como os visitantes das instituições que as realizam encaram estas atividades e o que poderia ser melhorado. É possível também realizar pesquisas sobre como o assunto é abordado em diferentes países em comparação com o Brasil. Assim, a partir daí pode ser estudado com mais aprofundamento como as instituições brasileiras poderiam utilizar estas ações, visando também a realidade dos recursos da maioria dos museus do país. Seria interessante realizar uma pesquisa com funcionários de alguns museus históricos brasileiros, sobre como eles recebem a ideia e se eles estariam abertos a tais atividades. No Youtube podemos observar que vários deles recepcionaram investigadores paranormais de braços abertos, o que parece ser uma característica positiva.

Ao mesmo tempo em que utilizar fontes de língua estrangeira foi uma das maiores dificuldades deste trabalho, é também de certa forma uma honra ser uma das pioneiras a trazer este assunto para a língua portuguesa. Acredito ser importante propor ideias novas que fogem do comum e espero que este trabalho auxilie pesquisas futuras, ao menos no que se remete ao imaginário dos museus, pois as relações de museus e fantasmas também podem ser aproveitadas de outras maneiras que vão além das *Ghost Tours*. Todas as pessoas que souberam a temática desta obra ficaram muito curiosas e interessadas em lê-la, mesmo as que nunca antes tiveram vontade de visitar um museu. Tal observação demonstra que o assunto realmente tem capacidade de aproximar as instituições da comunidade.

Como anteriormente apontado, as instituições museológicas são o cenário de numerosas histórias na mídia e de algumas lendas da nossa história oral, pois há uma aura de mistério e misticismo que os envolvem. Porém, raramente vemos os museus se apropriarem disso, ficando muitas vezes distantes, inflexíveis e intocáveis. A área pede uma inovação, algo que abra as portas para os visitantes se inserirem na narrativa do local de forma empática e assim humanizar as instituições. Abra sua mente, deixe os fantasmas aflorarem a sua imaginação, pois os museus escondem segredos muito além do que aquilo que se pode ver.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Biografia**: Gustavo Barroso, s.a. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/gustavo-barroso/biografia>. Acesso em: 18 mar. 2021.
- ADICHIE, Chimamanda. **TED Global: O perigo de uma única história**, 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br#t-952943. Acesso em: 17 mai. 2021.
- ADOROCINEMA. **Uma noite no museu**, s.a. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-109640/>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- ALVEY, Emily R. **Gone Haunting: Exploring the Use of Mission-based Ghost Tours in Historic House Museums**. University of Washington, 2017.
- BALANÇO GERAL FLORIANÓPOLIS. **Lendas e Mistérios**: funcionários garantem que Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis, é assombrado, 2018. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/as-lendas-e-misterios-do-palacio-cruz-e-souza-em-florianopolis/>. Acesso em: 23 mar. 2021.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. 1ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BEDNARSKI, José Luiz. Museu de Antropologia, 2021. *In*: **Diário de Jacaré: O Quinto Poder**. Disponível em: <https://diariodejacarei.com.br/function.file-get-contents?action=www&subaction=blog&title=museu-de-antropologia&idBlog=4&idArtigo=8913>. Acesso em: 25 mar. 2021.
- BOX OFFICE MOJO. **Noite no museu**, s.a. Disponível em: <https://www.boxofficemojo.com/release/rl2103936513/>. Acesso em: 3 mar. 2021.
- BREZENOFF, Steve. **The Case of the Haunted History Museum (Museum Mysteries)**. Stone Arch Books, 2015.
- CASTILHO, Malu. **Medo, Frio e Escuridão 2 - Sete Além: Sete Além**. [S.l]: Independently Published, 2020. 198p.
- CASTRO, Daniel. **Sucesso em mais de 40 países, Cidade Invisível terá 2ª temporada na Netflix**, 2021. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/series/sucesso-em-40-paises-cidade-invisivel-e-renovada-para-2-temporada-pela-netflix-52376>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- CHAGAS, Mario. Há uma gota de sangue em cada museu a ótica museológica de Mário de Andrade. **Cadernos de Sociomuseologia**. n.13, Edições Universitárias Lusófonas, 1999.
- CHAGAS, Mário. **Museália**. Rio de Janeiro: JC Editora, 1996.
- COLÉGIO PEDRO II. Campus Humaitá II. **“Uma noite no Museu” - alunos e professores contam como foi passar uma noite no Museu Nacional**, 2018. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/blog/humaitaii/2018/09/11/uma-noite-no->

[museu-alunos-e-professores-contam-como-foi-passar-uma-noite-no-museu-nacional/](#). Acesso em: 3 mar. 2021.

CON-CIÊNCIA. **Turismo Fantasma: Uma Oportunidade de Negócios do Outro Mundo**, s.a. Disponível em: <https://espiritualismoeceticismo.wordpress.com/2020/07/27/turismo-fantasma-uma-oportunidade-de-negocios-do-outro-mundo/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

DEIOMA, Kayte. **10 Spooky Ghost Tours in Los Angeles**, 2019. Disponível em: <https://www.tripsavvy.com/ghost-tours-in-los-angeles-1586894>. Acesso em: 10/04/2021. Acesso em: 10 abr. 2021.

DVIDS. **Ghosts, history mingle at Whaley House**. 2011. Disponível em: <https://www.dvidshub.net/image/365103/ghosts-history-mingle-whaley-house>. Acesso em: 10 abr. 2021.

EQUIPE GARFO & MALA. **Porto Alegre Mal-Assombrada: Roteiro das Lendas Urbanas**, 2020. Disponível em: <https://garfoemala.com.br/lendas-urbanas-de-porto-alegre/>. Acesso em: 7 abr. 2021.

ESPAÇO MEMÓRIA CARANDIRU. Quem somos. s.a. Disponível em: <http://www.etecpj.com.br/memoria/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

EZABELLA, Fernanda. Nossa Viagem. **Suicídios e assassinatos: hotéis macabros em Los Angeles atraem curiosos**, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2021/02/28/suicidios-e-assassinatos-hoteis-macabros-em-los-angeles-atraem-curiosos.htm>. Acesso em: 7 abr. 2021.

FANTASMA BARULHENTO ASSOMBRA OS GUARDAS DO MUSEU HISTÓRICO. *In: Jornal Tribuna da Imprensa*, edição 01883, 9 mar.1956, p.24. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=154083_01&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=26674. Acesso em: 21 mar. 2021.

FANTASMAS, HISTÓRIAS E NOSTALGIAS. *In: Jornal A Noite*, edição 15742, 10 de out.1957, p.11. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=348970_05&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=44756. Acesso em: 21 mar. 2021.

FATOS, LENDAS E MITOS, 2011. **A exposição**. Disponível em: <https://fatoslendasemitos.wordpress.com/>. Acesso em: 9 abr. 2021.

FERNANDES, Mariana Bortoletti. **Um Crime no Altar da História: A Representação do Museu na Literatura Policial**. 2013. 77p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/88675>. Acesso em 11 abr. 2021.

FLÔRES, Rita. **Contos de Sete Além**. [S.l]: Amazon eBook Kindle, 2020.

FOLEY, M.; LENNON, J. J. JFK and dark tourism: A fascination with assassination. *International Journal of Heritage Studies*, v. 2, n. 4, p. 198-211, 1996.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **Le Fantôme du Musée (O Fantasma do Museu)**, 2019. Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/programacao/986-le-fantome-du-musee-o-fantasma-do-museu>. Acesso em: 4 abr. 2021.

FUNDAÇÃO ENERGIA E SANEAMENTO. **Uma Noite no Museu**, 2019. Disponível em: <http://museudaenergia.org.br/programa%C3%A7%C3%A3o/uma-noite-no-museu.aspx>. Acesso em: 3 mar. 2021.

GALILEU. Ciência. **Por que algumas pessoas gostam de sentir medo?**, 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2019/05/por-que-algumas-pessoas-gostam-de-sentir-medo.html>. Acesso em: 3 mar. 2021.

GASLAMP QUARTER HISTORICAL FOUNDATION, s.a. Disponível em: <https://gaslampfoundation.org/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

GÓTICOS DO VALE. **História e Assombrações de Jacareí**, 2019. Disponível em: <https://goticosdovale.blogspot.com/2019/01/historia-e-assombracoes-de-jacarei.html>. Acesso em: 25 mar. 2021.

G1. Fantástico. **Caça-fantasma de 87 anos mora em museu do horror**, 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/11/caca-fantasma-de-87-anos-mora-em-museu-do-horror.html>. Acesso em: 25 mar. 2021.

G1 ZONA DA MATA. **Histórias de fantasmas fazem parte de repertório de Museu em Minas Gerais**, 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2015/10/historias-de-fantasmas-fazem-parte-de-repertorio-de-museu-em-minas-gerais.html>. Acesso em: 23 mar. 2021.

HANKS, Michele. **Haunted Heritage: The Cultural Politics of Ghost Tourism, Populism, and the Past**. Walnut Creek: Left Coast Press, 2015.

HAUNTING OF WHALEY HOUSE. Direção de Jose Prendes, 2002. 89 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IDfWDFTb3F0>. Acesso em 20 abr. 2021.

HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores: Como as Cores Afetam a Razão e a Emoção**. 1ed., São Paulo: Editora G. Gili Ltda., 2014.

HOLLOWAY, Julian. "Legend-tripping in Spooky Spaces: Ghost Tourism and Infrastructures of Enchantment," **Environment and Planning**, 2009, Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1068/d9909>. Acesso em: 4 abr. 2021.

IBALDO, Bruno. Os lugares mal assombrados de Porto Alegre. *In: Guia da Semana*, 2013. Disponível em: <https://www.guiadasemana.com.br/turismo/noticia/os-lugares-mal-assombrados-de-porto-alegre>. Acesso em: 26 mar. 2021.

IMDb. **Hellboy Animated: Blood and Iron** (2007 TV Movie). Selma Blair: Liz Sherman, s.a. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0817910/characters/nm0004757>. Acesso em: 20 abr. 2021.

INSPIRA. **Museus apresentam obras de arte “com sono” para incentivar visita noturna**, 2015. Disponível em: <https://inspirad.com.br/museus-reciam-obras-de-arte-com-sono-para-visita-noturna/>. Acesso em: 3 mar. 2021.

JACKSON, Shirley. **The Haunting of Hill House**, 1ed. Reino Unido: Penguin Classics, 1959. 242p.

KBC CAÇADORES DE FANTASMAS. **O Museu Mal Assombrado De Jacareí**, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HN_iKf6eiTw&t=660s. Acesso em: 24 mar. 2021.

KING, Stephen. **Dança Macabra**. [S.l.]: Editora Objetiva, 1981.

LAMAS, Mariana; GIMÉNEZ-CASSINA, Eduardo. Super Ghost Me: Stories from the ‘Other Side’ of the Museum. *In: MUSEOLOGICAL REVIEW: A Peer-Reviewed Journal* edited by the Students of the School of Museum Studies. Conference Edition 2012 Issue 16. University of Leicester, 2012.

LESTRANGE, M. **Museu das sombras**. Cartola Editora, 2020.

LINKE, Marcus V. **The Professor and the Haunted Museum**. [S.l.]: BookPal, 2010.

LINKEDIN. **André Neto**, s.a. Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/andrehneto>. Acesso em: 7 abr. 2021.

LOVECRAFT, H.P. **Terror no Museu de Cera**: Tradução de Antonio Carlos Olivieri. [S.l.]: Amazon, 2014.

LULACERDA, O Site do Rio. **Halloween carioca: você conhece as histórias de terror do Rio?**, 2019. Disponível em: <https://lulacerda.ig.com.br/halloween-carioca-voce-conhece-as-historias-de-terror-do-rio/>. Acesso em: 18 mar. 2021.

LUSCOMBE, Alex; WALBY, Kevin; PICHÉ, Justin. Haunting Encounters at Canadian Penal History Museums. *In: The Palgrave Handbook of Prison Tourism Palgrave Studies in Prisons and Penology*. Palgrave Macmillan UK, 2017.

MACÁRIO, Carol. **Histórias de fantasmas assombram museus e teatros de Florianópolis**, 2012. Disponível em: <https://ndmais.com.br/diversao/historias-de-fantasmas-assombram-museus-e-teatros-de-florianopolis/>. Acesso em: 22 mar. 2021.

MALLOY, Betsy. **California Ghost Tours and Haunted Places**, 2019. Disponível em: <https://www.tripsavvy.com/california-ghost-tours-and-haunted-places-1479641>. Acesso em: 10 abr. 2021.

MANUSHKIN, Fran. **Katie and the Haunted Museum (Katie Woo)**. Picture Window Books; Illustrated edition, 2019.

MASSA, Ana Cristina. **Mistério no Museu Imperial (Os Incríveis)**. 5ed., [S.l.]: Editora Biruta, 2021.

MATTA, Daniela. CAÇA-FANTASMAS NO RIO. *In: Jornal do Brasil*, edição 00135, 21 ago. 1994, p.32. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_11&pagfis=122693. Acesso em: 18 mar. 2021.

MCSP/SOLAR DA MARQUESA DE SANTOS. **Solar da Marquesa de Santos**, s.a. Disponível em: <https://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/sobre-mcsp/solar-da-marquesa-de-santos/>. Acesso em 22 mar. 2021.

MEMORIAL DO HOLOCAUSTO. **Conheça o Memorial do Holocausto**. Disponível em: <https://www.memorialdoholocausto.org.br/#sobre>. Acesso em: 17 abr. 2021.

MENDONÇA, Alba Valéria. De pijama, crianças passam a noite no Museu Nacional. *In: G1*, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1177070-5606,00-DE+PIJAMA+CRIANCAS+PASSAM+A+NOITE+NO+MUSEU+NACIONAL.html>. Acesso em: 3 mar. 2021.

MENEZES, Paulo Roberto Arruda de. **Cinema: Imagem e interpretação**. Tempo Social; *In: Rev. Sociol. USP*, S.Paulo, 8(2): 83-104, outubro de 1996.

MILICI, Luciano. **SETEALÉM - O dia em que quase fui para um universo paralelo**, 2016. Disponível em: <https://www.lucianomilici.com/single-post/2016/11/28/SETEAL%C3%89M---O-dia-em-que-quase-fui-para-um-universo-paralelo>. Acesso em: 10 abr. 2021.

MOJO, Box Office. **Night at the Museum**, s.a. Disponível em: <https://www.boxofficemojo.com/release/rl2103936513/>. Acesso em: 16 mar. 2021.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. **A História**, s.a. Disponível em: <http://mhn.museus.gov.br/index.php/o-museu/>. Acesso em: 18 mar. 2021.

MUSEU NACIONAL, **O Museu**, s.a. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/dir/omuseu/omuseu.html>. Acesso em: 21 mar. 2021.

NETFLIX. **Cena do Crime - Mistério e Morte no Hotel Cecil T1: E:3**, 2020.

PEQUENO, Alexandre. **TV História: Eles voltaram para o bem ou para o mal: os fantasmas mais vivos das novelas**, 2021. Disponível em: <https://tvhistoria.com.br/eles-voltaram-para-o-bem-ou-para-o-mal-os-fantasmas-mais-vivos-das-novelas/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

PIRES, Flávia. Quem tem medo de mal-assombro?. *In: Etnográfica* [Online], 13 (2), 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/etnografica/1321>. Acesso em: 20 mar. 2021.

PONTES, Fernanda. Fantasmas se divertem no Museu Nacional. *In: Extra: O Globo*, 2010. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/fantasmas-se-divertem-no-museu-nacional-471595.html>. Acesso em: 21 mar. 2021.

PREZZI, Andréa de Souza. **TURISMO SOMBRIO: UMA VIAGEM EM BUSCA DO INUSITADO**, 2009. 80p. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Turismo), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/1183/1/80%20-%20Andrea%20Prezzi.pdf>. Acesso em 4 abr. 2021.

PROGRAMA MISTÉRIO. Fantasmas no Museu Imperial. In: **Tv Manchete**, 1998. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0ol_K-zX9nl. Acesso em: 21 mar. 2021.

RADFORD, Irene. **Museum Hauntings**. [S.l.]: Amazon, 2016.

REZZUTTI, Paulo. **Domitila - A Verdadeira História da Marquesa de Santos**. Geração Editorial: São Paulo, 2012.

REZZUTTI, Paulo. **Fantasmas em museus brasileiros**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SlauItjybM>. Acesso em: 20 mar. 2021.

RIBEIRO, Sabrina. O FANTASMA DA IMPERATRIZ LEOPOLDINA (MUSEU NACIONAL). In: **Apaixonados por História**, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RiJWw8z_Qu4&t=14s. Acesso em: 20 mar. 2021.

RIBEIRO, Stephanie Heringer Lima. **TURISMO MACABRO: UM ESTUDO SOBRE O SEGMENTO E SEU RECONHECIMENTO COMO ATIVIDADE DE LAZER, CULTURA E CONHECIMENTO**, 2013. 94p. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Turismo), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/1151/1/264%20-%20Stephanie%20Heringer.pdf>. Acesso em 4 abr. 2021.

RIBOLI, Eduardo Bolsoni. **O Discurso do Medo e a sua incidência na Política Criminal Brasileira**. Porto Alegre, 2015.

ROCHO, Rodolfo de Matos. **O Estereótipo do Bibliotecário no Cinema**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS, 2007.

RODRIGUES, Luisa Ambrosi. **Santuário de Caravaggio**: a patrimonialização de um espaço edificado a partir das relações da comunidade, 2018. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Museologia), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018, 60p. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/189739>. Acesso em: 20 mar. 2021.

RODRIGUES, Rafael de Oliveira. Memória e História: Os Fantasmas da Casa Museu Gilberto Freyre. In: **Cadernos NAUI**, v.4, n.6, jan-jun 2015.

SCHEINER, Tereza. Museologia e apresentação da realidade. **XI Encuentro Regional del ICOFOM LAM**, Equador, 2002. p. 96-105.

SCHUSTER, John. **Haunting Museums: The Strange and Uncanny Stories Behind the Most Mysterious Exhibits**. Forge Paperback. Tom Doherty Associates, LLC. New York, 2009.

SOARES, Bruno Brulon. Entre o reflexo e a reflexão: por detrás das cortinas da performance museal. **Documentos de trabalho do 21º Encontro Regional do ICOFOM LAM 2012**. Petrópolis, 2012. p.192-204.

STEVENSTEPH RESALE KILLERS. **Video Proof Ghost at Whaley House America's most haunted house**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zPMePR0HqZM&t=14s>. Acesso em: 12 abr. 2021.

STINE, R.L. **Horrors of the Haunted Museum**. Apple, Reissue edição, 1994.

TEXTUAL COMUNICAÇÃO. Crianças de Ibiporã acampam no Museu do Café. *In: Sicredi*, s.a. Disponível em: <https://www.sicrediuniao.com.br/noticias/criancas-de-ibipora-acampam-no-museu-do-cafe/>. Acesso em: 3 mar. 2021.

THE WHALEY HOUSE MUSEUM. **About us**. s.a. Disponível em: <http://whaleyhouse.org/about.htm>. Acesso em: 11 abr. 2021.

THE WHALEY HOUSE MUSEUM. @TheWhaleyHouse. **Facebook**, 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/TheWhaleyHouse/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

TRAVEL +LEISURE. **French Quarter Ghost Tour | New Orleans' Most Haunted Locations | Walk with Travel + Leisure**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TIyanAWGa3E&t=557s>. Acesso em: 10 abr. 2021.

UFRGS. **Projeto de Extensão promove atividades na Ilha da Pintada**, 2012. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/projeto-de-extensao-promove-atividades-na-ilha-da-pintada>. Acesso em: 11 abr. 2021.

UMA NOITE NO MUSEU: AVENTURA NA VIDA REAL PARA CRIANÇAS DE TODAS AS IDADES, *In: O GLOBO*, 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/boa-viagem/uma-noite-no-museu-aventura-na-vida-real-para-criancas-de-todas-as-idades-22457836>. Acesso em: 3 mar. 2021.

VIATOR. **Excursão Fantasma na Casa de Woodruff-Fontaine**, s.a. Disponível em: <https://www.viator.com/pt-BR/tours/Memphis/Wodruff-Fontaine-House-Ghost-Tour/d783-19127P6>. Acesso em: 9 abr. 2021.

WEYN, Suzzane. **The Haunted Museum #1:The Titanic Locket**. Scholastic Paperbacks, 2014a.

WEYN, Suzzane. **The Haunted Museum #2:The Phantom Music Box**. Scholastic Paperbacks, 2014b.

WEYN, Suzzane. **The Haunted Museum #3:The Pearl Earring**. Scholastic Paperbacks, 2014c.

WEYN, Suzzane. **The Haunted Museum #4:The Cursed Scarab**. Scholastic Paperbacks, 2015.

WORNALL/ MAJORS HOUSE MUSEUS. **Wornall/Majors October Ghost Programs**, 2020a. Disponível em: <https://www.wornallmajors.org/ghosttours/#spectral>. Acesso em: 10 abr. 2021.

WORNALL/ MAJORS HOUSE MUSEUS. "Spectral Distancing" *Ghost Tours*. **Facebook**, 2020b. Disponível em: <https://www.facebook.com/wornallmajors/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

YAHOO FINANÇAS. **Lacta muda nome de bombom "Feitiçaria" após teorias da conspiração**, 2021. Disponível em: <https://br.financas.yahoo.com/noticias/lacta-muda-nome-de-bombom-feiticaria-apos-teorias-da-conspiracao-140541594.html>. Acesso em: 10 abr.2021.

ZEN, Daniel Dalla. O Curso de Museus e Museologia no Brasil. *In: Revista Eletrônica Ventilando Acervos*, v.3, n.1, p.76-91, nov. 2015.